







OBRAS COMPLETAS
DE
ALMEIDA GARRETT

VI

VOLUMES DE QUE SE COMPÕEM AS OBRAS COMPLETAS DE ALMEIDA GARRETT

- I — **Betrato de Venus — Historia da Pintura —**
Fragmentos de poemas ineditos.
- II — **Lyrical** — Vol. 1.^o «Lyrical de João Minimo» — «Fabu-
las e Contos» — «Sonetos» — «Odes anacreonticas».
- III — **Lyrical** — Vol. 2.^o «Flores sem fructos» — «Folhas ca-
hidas».
- IV — **Camões**, poema em dez cantos.
- V — **D. Branca**, poema em dez cantos.
- VI — **Adozinda — Romances reconstruidos.**
- VII — **Romanceiro** — Vol. 1.^o «Romances da tradição oral».
- VIII — **Romanceiro** — Vol. 2.^o «Romances da tradição oral»
— «Romances com forma litteraria».
- IX — **Theatro** — Vol. 1.^o «Catão».
- X — **Theatro** — Vol. 2.^o «Merope» — «Impromptu de Si-
tra» — «Corcunda por amor».
- XI — **Theatro** — Vol. 3.^o «Auto de Gil Vicente» — «Phi-
lippa de Vilhena».
- XII — **Theatro** — Vol. 4.^o «Alfageme de Santarem» — «Tio
Simplicio».
- XIII — **Theatro** — Vol. 5.^o «Falar verdade a mentir» — «As
Prophecias do Bandarra» — «Um noivado no Dáfundo»
— «O Camões do Rocio».
- XIV — **Theatro** — Vol. 6.^o «Frei Luiz de Sousa» — «A So-
brinha do Marquez».
- XV — **Arco de Sant'Anna** — Chronica portuense. — Ma-
nuscripto achado no convento dos Grillos, no Porto,
por um soldado do corpo academico. — Vol. 1.^o
- XVI — **Arco de Sant'Anna** — Vol. 2.^o
- XVII — **Helena** (Fragmento de um romance).
- XVIII — **Viagens na minha terra** — Vol. 1.^o
- XIX — **Viagens na minha terra** — Vol. 2.^o
- XX — **Da educação** — «Cartas dirigidas a uma senhora il-
lustre, encarregada da instituição de uma joven prin-
ceza».
- XXI — **Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua
portugueza — Outros escriptos — Impres-
sões e viagens.**
- XXII — **Memorias biographicas.**
- XXIII — **Portugal na balança da Europa** — «Do que
tem sido e do que ora lhe convem ser na nova ordem
de coisas do mundo civilisado».
- XXIV — **Politica** — «Reflexões e opusculos» — «Correspon-
dencia diplomatica» — Vol. 1.^o
- XXV — **Politica** — «Reflexões e opusculos» — «Correspon-
dencia diplomatica» — Vol. 2.^o
- XXVI — **Discursos parlamentares.**
- XXVII — **Cartas intimas**
- XXVIII — **Garrett e a sua obra**, por Theophilo Braga.

484a
OBRAS COMPLETAS

DE ALMEIDA GARRETT

Edição revista, coordenada e dirigida pelo Dr. Theophilo Braga

VI)

ADOZINDA

ROMANCES RECONSTRUIDOS

EDIÇÃO ILLUSTRADA



226105
13:10:28

LISBOA

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA

TYPOGRAPHIA

95 RUA AUGUSTA, 95 || 45, RUA IVENS, 47

1904

ADOZINDA

NA TERCEIRA EDIÇÃO

Publicamos emfim esta nova edição da primeira parte do ROMANCEIRO, que vae muito superior ás antecedentes, tanto pela correcção como pelos addicionamentos importantes que leva.

A de Londres de 1828 continha apenas a *Adozinda* e o *Bernal-francez*; a de Lisboa de 1843 já lhe accrescentou mais quatro romances; na presente ha oito, além das novas traduções em varias linguas que n'este intervallo se têm publicado pela Europa. Não são todas, porém, e já muitas das mais notaveis versões appareceram colligidas no appendice do terceiro volume da presente obra publicado em 1851; outras o tinham sido no segundo juntamente com os originaes portuguezes primitivos que o nosso auctor reconstruira.

A sua predilecção por estas reliquias da antiga poesia peninsular tem feito com que, desde a infancia até hoje, tenham ellas sempre sido a occupação das suas 'Horas de lazer' — *Hours of idleness*, segundo a frisante expressão de Lord Byron; um quasi mialheiro poetico em que por intervallos,

mas sempre, se vão deitando pequenas quantias até que chegam a formar um thesouro. Este é já um verdadeiro thesouro para os que sabem avaliar a riqueza de uma lingua e de uma litteratura.

No meio dos trabalhos mais graves, das contrariedades mais apertadas da vida publica, o auctor não se tem esquecido do seu mialheiro, que, tornamos a dizê-lo, para nós é thesouro riquissimo. Se ainda assim o não julga Portugal, saiba ao menos que essa é a opinião da Europa.

Julho 8, 1853.

OS EDITORES.

NA SEGUNDA EDIÇÃO

Depois que publiquei em Londres, em 1828, o meu romancinho a *Adozinda* que aqui vae na frente d'este volume, cheguei a ter uma bastante collecção d'essas trovas e romances populares, xácaras e soláos — designações que, sinceramente confesso, não sei ainda quadrar bem nas diversas especies e variedades em que se divide o genero.

Eram uns vinte e tantos havidos pela *tradição oral* do povo, quasi todos colligidos nas circumvisinhanças de Lisboa pela industria de amigos zelosos, e principalmente pelo obsequioso cuidado de uma joven senhora minha amiga muito do coração.

Por voltas do anno seguinte, 1829, os tinha eu pela maior parte correctos, annotados — e collacionadas as principaes das infinitas variantes que todos trazem, porque cada rhapsodista d'estes que sabe a sua xá-

cara, a repete a seu modo, e sempre diferente em alguma coisa do que outro a diz.

Cresceram logo mais os meus haveres pela contribuição de outro amigo também muito particular e muito prezado, o sr. Duarte Lessa, homem de raras e prestantes qualidades que amenizava a constante applicação a mais graves estudos, cultivando a litteratura e as artes, cujas obras apreciava com tacto finissimo e zelava com fervor patriótico, porque entendia — e bem o entendia! — que ellas são o espirito, a alma, o *in ipso vivimus et sumus* de uma nação. Tinha elle adquirido em Londres varios livros e manuscriptos que haviam sido do celebre portuguez o Cavalheiro de Oliveira, aquelle que renunciou ao importante cargo de nosso ministro na Haya para abraçar a communhão protestante, na qual viveu em Inglaterra os ultimos annos da sua vida, quasi unicamente da caridade de seus novos correligionarios.

Havia entre esses livros um exemplar da *Bibliotheca* de Barboza, encadernados os tomos com folhas brancas de permeio, e escriptas estas, assim como as amplas margens do folio impresso, de letra muito miuda, mas muito clara e legivel, com annotações, commentarios, emendas e addições aos escriptos do nosso douto e laborioso mas incorrecto abbade.

Via-se por muitas partes que o longo trabalho do Oliveira fôra feito depois da publicação das suas *Memorias*, porque a miudo se reteria a ellas, confirmando e ampliando, corrigindo ou retractando o que lá dissera.

Nos artigos *D. Diniz*, *Gil Vicente*, *Ber-*

nardim Ribeiro, Fr. Bernardo de Brito, Rodrigues Lobo, D. Francisco Manuel, e em varios outros que vinha a proposito, as notas manuscriptas citavam, e transcreviam como illustração, muitas coplas, romances e trovas antigas — e até prophcias, como as do Bandarra — fielmente copiadas, asseverava elle, de Mss. antigos que tivera em seu poder na Hollanda e em Portugal, franqueados uns por judeus portuguezes das familias emigradas, outros havidos das preciosas collecções que d'antes se conservavam com tão louvavel cuidado nas livrarias e cartorios dos nossos fidalgos.

Foi-me logo confiada a inestimavel descoberta; percorri com avides aquellas notas, examinei-as com escrupulosa attenção, e, extractando uma por uma quantas coplas, cantigas e xácaras achei, completas e incompletas, accrescentei assim os meus haveres com umas cincoenta e tantas peças, d'ellas anonymas e verdadeiramente tradicionaes, d'ellas de auctor conhecido e que nas edições de suas obras se encontram, — taes como Bernardim Ribeiro, Gil-Vicente e Rodrigues Lobo — mas que differiam das impressas, consideravelmente ás vezes, muitas até na linguagem da composição, pois que algumas alli achei em portuguez, e manifestamente antigo e da respectiva epoca, as quaes só andam impressas em castelhano.

Com este auxilio corriji de novo muitos dos exemplares que já tinha, e completei alguns fragmentos que já desesperára de poder vir nunca a restaurar. E tomando para modelo as estimadas collecções de Elis e do

bispo Percy, e a das fronteiras de Escocia por Sir Walter Scott, comecei a dar novo methodo e mais amplos limites á minha compilação que ao principio intitulára *Romanceiro portuguez*.

O longo e mais serio trabalho que por esse tempo emprehendi no meu tratado geral *Da Educação*, cujo primeiro volume se publicou em Londres em 1829, me fez relaxar n'aquell'outro: depois os cuidados politicos e alguns officiaes, o complemento e impressão de outra obra de mais grave assumpto, o *Portugal na Balança da Europa*, que foi impresso no anno seguinte, 1830, — talvez alguma inconstancia de auctor, bem desculpavel n'aquella tarefa, tão tediosa ás vezes, de collacionar, estudar e explicar textos já viciados da ignorancia do vulgo por cujas boccas e memorias andaram, já de outra ignorancia mais confiada e mais corruptora ainda, a de copistas presumptuosos de letrados e de castigadores do que elles suppõem vicio.

Comtudo, e apezar d'aquellas e de outras occupações e distracções, eu sempre voltava de vez em quando ao meu *Romanceiro*, e o tinha bastante adeantado, quando nos fins de 1831 abandonei tudo o que eram cuidados de sciencia ou recreações litterarias para me alistar no exercito da Rainha, e embarcar para os Açores. Em janeiro de 1832 sahi de Paris com praça de simples soldado, consegui por este modo tomar minha humilde parte n'aquella expedição, cujos avisados e cautelosos directores com tanto empenho afastavam toda a gente conhecida de verdadeira liberal, por todos os modos, por mo-

dos que hão de parecer incriveis, e que elles hoje negariam a pés juntos, se fosse possível negar o de que ha tantas testemunhas e tantas victimas ainda vivas, tantos documentos que hão de durar mais que ellas.

A minha curta estada nas ilhas foi empregada quasi toda nos trabalhos de legislação e organização administrativa a que allí se procedeu, e de que me encarregou a amizade e confiança de um amigo particular, então em grande valimento, ao qual e á dura necessidade de me achar eu unico allí que tivesse estudado aquellas materias, teve de ceder forçosamente a ciosa malevolencia dos accaparadores que já na esperança estavam devorando as ruinas de Portugal a que almejavam chegar — pelos esforços e risco alheio — não por certo para meditar sobre ellas como outros Marios — oh que Marios! — mas para as revolver e basculhar como Alaricos...

Faziam me a honra de me querer mal esses senhores: lisongeio-me de lh'o merecer: davam-se ao encommo de me intrigar; e era desperdicio de tempo e de arte, porque não ha mister intrigas para tirar favor de principes a quem, como eu, os aprecia muito e se honra muito d'elles, mas não é capaz de fazer o mais leve sacrificio para os conservar; jámais soube, em tantas oportunidades, convertêl-os em nenhuma *consequencia legitima*; nunca, nem o mais indirectamente que é possível, tratou de os consolidar em nenhuma realidade utilitaria e de proveito pessoal.

Peço perdão da digressão: não a fiz eu

mas as cousas,—que pelos tempos em que vivemos tam baralhado anda tudo, que até a historia litteraria e poetica se confunde com a dos successos e relações politicas.

D'esse tam pouco e tam occupado tempo permittiu comtudo o acaso que alguns instantes se podessem aproveitar em beneficio do pobre *Romanceiro*, que alli ia tambem, o coitado, na expedição, encolhido e amarrotado na mochilla de um triste soldado raso, sem se lembrar de aspirar á inaudita honra de seu illustre predecessor, o *Cancioneiro* de Resende, que serviu de Evangelho para jurar aquelle rei gentio.—Havia pouco por alli quem lhe importasse com Evangelhos e juramentos.

Foi o caso que umas criadas velhas de minha mãe e uma mulata brasileira de minha irman appareceram sabendo varios romances que eu não tinha, e muitas variadas lições de outros que eu sim tinha, porém mais incompletas. Assim se additou copiosamente o meu *Romanceiro*.

Mas este achado fez mais do que enriquecer, salvou-o: porque, ao partir para San-Miguel, o deixei em Angra com minha mãe que Deus tem em gloria, que desejava distrahir com essas curiosidades que ella entendia e avaliava com o tacto perfeito e a sensibilidade elegantissima de que era dotada, alguma hora das tantas em que já lhe pesavam duramente as molestias do último quartel da vida... Molestias aggravadas de muita afflicção e cuidado—nenhum que seus filhos voluntariamente lhe dessem—todos a adorámos e honrámos sempre—mas que

lhe davamos, comtudo, pelas circumstancias fataes da epoca e das confusões politicas em que andavamos mettidos.

Os meus outros papeis, trabalhos de historia consideraveis, fructo de longas visitas ao Museu-real de Londres e á riquissima livraria portugueza do meu amigo o Sr. Goodeen; uma tragedia, que tinha sido julgada valer alguma coisa pelos que a viram — era o assumpto o Infante-Santo em Fez; — um largo poema com pretenções, antes desejos, de ser Orlando, já em trinta e tantos cantos — e promettia crescer! — cujo assumpto era o *Magriço* e os seus *Doze*; — o segundo volume do tratado *Da Educação* prompto a entrar no prélo: — quatro livros ou cantos de um romance ou poema — cabia-lhe uma e outra designação — a que dava thema a interessante e romanesca legenda da fundação da Casa de Menezes — pedido de minha boa irman que decerto não tinha vaidade, porque sempre lhe sobrou o juizo, mas gôsto sim, de que seus filhos se honrassem com o nome illustre de seu pae: — uma quantidade immensa de estudos e trabalhos sobre administração pública; — tudo isso veiu commigo para S. Miguel e ahi o deixei ao embarcar, porque era defeso ao pobre soldado levar as suas malas, e o logar era pouco para as bagagens dos que só eram bagagem. D'ahi me vinha, com outros valores mais substanciaes, e se perdeu tudo em um navio que affundaram as balas inimigas á entrada do Porto nos derradeiros dias d'esse mesmo anno de 1832.

Descancem em paz no amigo lodo do meu

patrio rio! N'outros lodações peiores teriam de cahir talvez se escapassem: o da indifferença pública que porventura mereciam, o de muitos odiosinhos e invejasinhas tolas que não mereciam decerto, porque eram filhos de bom e innocente ânimo, como sempre têm sido os meus.

Assim fossem todos!

Desde 1834, que me voltou a Lisboa o milagrosamente escapado *Romanceiro*, ainda não passei verão que lhe não dêsse algumas das horas descuidadas que n'aquella quadra ou se hão de dar a estas occupações mais leves ou a nenhuma. E n'estes oito annos tem-se locupletado consideravelmente com as contribuições de muitos amigos e benevolentes, a alguns dos quaes nem posso ter o gôsto de agradecer aqui o favor recebido, porque incitados pela leitura da *Adozinda*, me remetteram anonymamente pelo correio o fructo de suas colheitas. A principal parte de um bello romance, um dos mais bellos que jámais vi em collecção alguma nacional ou estrangeira e que hoje enriquece o meu *Romanceiro*, assim me foi mandada, creio que do Minho. Outro fragmento que vinha nos respigos ajuntados n'esta ceara pelo nosso insigne poeta o Sr. A. F. de Castilho, e que elle teve a bondade de me confiar, veiu dar-lhe o complemento que faltava e restituir á perfeição em que hoje está. E' um romance de origem visivelmente franceza, se provençal ou normanda não me atrevo a decidir, em que se conta — um tanto diversa das chronicas antigas e do elegante poema de *Millevoix*, a historia do secretario Eginard

e da muito bondosa filha de seu senhor e amo o poderoso imperador Carlos Magno. Os nossos Scaldos vulgares lêem hoje... não lêem tal, mas repetem *Gerinaldo*, corrupção do que ao principio foi Eginaldo, adoptados em *ll* os *rr* francezes, como se fez em Giraldo, Reginaldo, antigamente em Bernal e Bernaldo, e em outros muitos nomes que de lá vieram tam duros ou mais.

Mencionei este exemplo entre muitos por cahir em coisa notavel, e para se ajuizar dos outros.

Mr. Pichon, bem conhecido em Lisboa, que foi ultimamente consul francez no Porto e agora creio que em Barcelona, tinha começado a formar em 1832-33 uma pequena collecção de xácaras portuguezas de que tambem me aproveitei. Mas o incançavel collector a quem mais obrigações devi em Portugal foi o meu condiscipulo o sr. dr. Emygdio Costa, advogado n'esta côrte e ha pouco falecido, que generosamente me confiou a sua larga collecção principalmente feita nas duas Beiras, n'aquelle verdadeiro coração e âmago do Portugal primitivo que occupa a região d'entre Lamego e Serra da Estrella.

O sr. Rivara, bibliothecario em Evora, o meu velho amigo o sr. M. Rodrigues de Abreu, bibliothecario em Braga, o meu antigo e fiel companheiro o dr. J. Eloy Nunes Cardoso, de Montemór-o-Novo, com assentamento dobrado, como diria um *bel esprit*, um *dos cultos* de Seiscentos, na Casa Real d'Apollo, por doutor e trovador tambem, — todos estes cavalheiros me têm ajudado com

indicações, livros, folhetos antigos e copias laboriosamente escriptas sob o dictar dos rusticos depositarios das nossas tradições populares.

Os trabalhos e recopilações de D. Agustin Duran sobre os Cancioneiros e Romanceiros castelhanos, obra publicada em Madrid em 1832, mas que só por aqui chegou cinco ou seis annos depois, veio illustrar-me em muita duvida e ajudar-me a classificar muita coisa difficil. A nova e augmentada edição do sr. Ochoa, impressa em Paris em 1838, e que mais depressa nos trouxe a mais habitual conversação e commercio litterario que temos com a França, algum tanto me auxiliou tambem. A traducção elegante de Mr. Lockart que n'aquella tam linda e fastosa edição de Londres de 1841 deu á lingua e á nação ingleza a mais poetica e romantica idéa que jámais será possivel dar a um povo extranho e em idioma extranho das immensas riquezas do *Nibelungen* peninsular, mais que nenhuma coisa me inspirou e animou no meu trabalho, porque é um documento, um monumento grandioso da extraordinaria importancia e valia que este genero de coisas está inerecendo á Europa culta.

O sr. Herculano, bibliothecario da Real bibliotheca da Ajuda, com cuja provada amizade me honro tanto quanto a nação deve gloriarse de seus escriptos, tambem me tem ajudado não pouco com os preciosos achados que, no seu incessante lavrar das minas archeologicas, tem encontrado e repartido commigo. Por seu favor tornei a examinar,

no Ms. original, o famoso *Cancioneiro* dito *do Collegio dos Nobres*, hoje na bibliotheca real; e com estas e com as collecções allemãs e francezas, e creio que com quasi todas as dos povos do Norte, tenho collacionado as nossas rhapsodias populares, muitas das quaes, por este modo vim a conhecer visivelmente, que tinham a mesma commum origem. Os eruditos trabalhos de Mr. Raynouard sobre a lingua romance ou provençal me allumiaram muita vez n'esta obscura e enredada tarefa.

A interessante e conscienciosa memoria do dr. Bellermann impressa em Berlim em 1840, e o conhecimento de que a sociedade allemã para reimpressão dos livros raros estava publicando em portuguez o nosso *Cancioneiro* de Resende; o interesse geral que hoje se tem desenvolvido no mundo pela litteratura popular das nações modernas e especialmente das nossas peninsulares — interesse que, porfim e emfim, ha de vir a reflectir em nós tambem, e despertar-nos para abrir os olhos ás riquezas proprias, ainda que não seja senão pelas vêr tam prezadas de extranhos — os conselhos e rogos do meu particular amigo e quasi compatriota nosso, o sr. João Adamson, tudo isto me fez alargar mais o plano da minha obra e collecção.

Resolvi, sob nova denominação de *Romanceiro e Cancioneiro geral*,¹ reunir todos os documentos que eu pudesse para a his-

¹ Alterou-se este plano; só se trata por agora do *Romanceiro*.

toria da nossa poesia popular, desde onde memorias ou conjecturas ha, até á epoca actual, acompanhando-os de explicações e glossas, que vão servindo de nexos, que sejam como a liaça, o nastro que ate estes pergaminhos.

Quem não tem olhado senão á superficie da nossa litteratura, quem cego do brilho classico das nossas tantas epopêas, seduzido pela flauta magica dos nossos bucolicos, entusiasmado pelo estro tam rico e variado dos innumeraveis poetas que, nos quartetos e tercetos sicilianos da elegia, da epistola e do soneto, rivalisam, e tantas vezes luctam de vantagem, com o proprio Petrarcha: quem, sobretudo — porque n'esse genero é a musa portugueza superior á de todas as linguas vivas — adora em Sá de Miranda, Ferreira, Diniz, Garção e Filinto o genio redivivo de Horacio e de Pindaro — não crê, não suspeita, ha de ficar maravilhado de ouvir dizer, como eu quero dizer e provar no presente trabalho, que ao pé, por baixo d'essa aristocracia de poetas, que nem a viam talvez, andava, cantava, e nem com o desprezo morria, outra litteratura que era a verdadeira nacional, a popular, a vencida, a tyranisada por esses invasores gregos e romanos, e que a todos os esforços d'elles para lhe oblitterarem e confundirem o caracter primitivo, resistia na servidão com aquella força de inercia com que uma raça vencida, com que a população aborigine de um paiz resiste a igual empenho de seus conquistadores que lhe usurparam a dominação, e que seculos e seculos depois, quan-

do esses já não são, ou não cuidam ser, senão uma casta privilegiada e patriciana, reagem fortes aquell'outros com o que seus proprios senhores lhes ensinaram, regenerados por seu longo martyrio, e extirpam muitas vezes, mas geralmente se contentam de avassallar, os seus antigos oppressores.

E' a historia de todos os povos, e por consequencia de todas as litteraturas.

E' a historia litteraria de Portugal no segundo quartel d'este seculo; é o que foi esta reacção vulgarmente chamada *romantica*, mas que não fez mais do que trazer a *renascença* da poesia nacional e popular. Nenhuma cousa pôde ser nacional se não é popular.

Aqui está o porquê, o como e o paraquê, fiz a collecção de que este volume é a primeira parte, ou mais exactamente a introducção, e que apenas contém o que eu, á mingua de melhor nome, designarei com o titulo de *Romances da renascença*: são os que resuscitei e como que traduzi das quasi apagadas e mutiladas inscrições que desenterrei da memoria dos povos.

Os textos originaes d'estes, restituídos quanto é possível, os de muitos outros que appareceram menos imperfeitos na mesma excavação, muitissimos que se têm achado em livros e papeis desprezados hoje e em collecções Mss., estão promptos, classificados, annotados, e sahirão em seguimento d'este volume, apenas o permittam as difficuldades, sempre recrescentes em Portugal, de se publicar qualquer coisa.

Eu tenho posto termo, ou pelo menos sus-

pensão indefinida a toda a occupação litteraria propriamente dita, para absolutamente me dedicar, emquanto posso e valho, á conclusão de um trabalho antigo, mas interrompido muitas vezes, que agora jurei acabar; são *Vinte annos da Historia de Portugal*, periodo que começa em 1820 e chega aos dias de hoje, mas que não sei se já anda mais enredado e confuso do que o dos mais antigos e obscuros seculos da monarchia.

Espero começar a publicál-o no fim d'este anno;¹ e nenhum tempo ou logar me sobrá portanto para mais nada. O *Romanceiro*, porém, e *Fr. Luiz de Sousa*, estão promptos a entrar no prelo e, quanto é por minha parte, não farão esperar o publico.

Lisboa, 12 de agosto de 1843.

AO SR. DUARTE LESSA ²

Eis-ahi vae, meu amigo, o romance em que lhe falei n'uma das minhas ultimas cartas de Portugal. Estava quasi todo copiado; e aqui nem paciencia nem tempo me chegavam para as muitas correcções e alterações que elle precisava; por limar lhe vae, e por limar irá para a imprensa: tanto melhor pa-

¹ Dez annos são passados e a promessa nem começou a cumprir-se (1853). Suppomos o A receioso de arrostar com a audaciosa responsabilidade de historiador contemporaneo.

² Serviu de prefacio á primeira ed. de Londres no anno de 1828.

ra quem gostar de dizer mal, que não lhe faltará de quê.

Creio que é esta a primeira tentativa que ha dous seculos se faz em portuguez de escrever poema ou romance, ou coisa assim de maior extensão n'este genero de versos pequenos *octosyllabos*, ou de redondilha como lhe chamavam d'antes os nossos. No meu resumo da historia da lingua e da poesia portugueza, que vem no primeiro volume do *Parnaso-Lusitano* impresso ultimamente em Paris, — a só coisa minha que ha n'aquella collecção, porque assim na escolha das peças, como na ordem e systema da obra me transtornaram e me enxovalharam tudo com notas pueris, ridiculas, e até malcreadas algumas, n'esse resumo toquei de leve, e em tudo o mais, sobre a belleza d'estes nossos versos *octosyllabos*, que nos são proprios a nós hespanhoes, tanto portuguezes como castelhanos, e, para certos assumptos e certos generos de poesia, mais adequados do que nenhuma outra especie de rythmo. Boscan gaba-se de haver introduzido na Peninsula os metros toscanos: hoje está averiguado com certeza que não foi com effeito elle o primeiro que nas duas linguas cultas das Hespanhas compoz dos taes versos endecasyllabos; mas é certo e além de toda a duvida que do tempo de Boscan e de Garcilasso em Castella, e logo de Sá de Miranda e Ferreira em Portugal, começaram aquelles nossos metros primitivos a cahir em mais desuzo, a não se empregarem senão em certo genero de poesia ligeira ou, segundo lhe os Francezes chamam, *fugitiva*, Francisco



— «Eil-a aqui, senhor», dizia

Rodrigues Lobo e muito depois D. Francisco Manuel de Mello ainda n'elles fizeram romances historicos; Violante do Céu muitas das suas lindas e agora tam mal apreciadas poesias; ainda se fizeram posteriormente eglogas, e o que os poetas da *Phenix-renascida* e os campanudos vates das mil e uma Academias do seculo xvii e xviii chamavam *romances* — que certamente não era o que hoje estrictamente se entende por este nome. Em tempos mui posteriores, felicissimamente os reviveu o nosso grande e incomparavel Tolentino na Satyra, e no tão factot e delicadissimo seu proprio e privativo genero da poesia *de sociedade*.

A nossa poesia primitiva e eminentemente nacional, a que do principio, e, para assim dizer, do primeiro balbuciar da nossa lingua, nos foi commum com todos os outros povos que mais ou menos tiveram communhão com a lingua provençal, primeira culta da Europa, depois da invasão septentrional, foi seguramente o romance historico e cavalheresco, ingenua e ruda expressão do enthusiasmo de um povo guerreiro. Logo vieram esses trovadores de Provença e nos ensinaram modos mais cultos porém menos originaes e menos cunhados do sêllo popular: era coisa mais de côrte. E como tal não pode absorver, senão modificar, o que brotara espontaneamente do natural da terra. Mas as duas feições ficaram ambas, e deram assim á poesia portugueza um character talvez unico no mundo, — nas Hespanhas de certo.

Em geral a poesia da Meia-Edade, singe-

la, romanesca, apaixonada, de uma especie lyrica-romantica que não tem typo nos poetas antigos, comquanto deixou seu cunho impressos no character das linguas e poesias modernas de todo o sul e occidente da Europa, não teve comtudo imitadores nem se cultivou e aperfeiçou nunca mais, quasi desde o completo triumpho dos classicos, senão agora recentemente depois que as baladas de Bürger, os romances poeticos de sir W. Scott e alguns outros ensaios inglezes e allemães, mas principalmente os do famoso escocez, introduziram este gosto e o fizeram *da moda*. Fatigados do grego e romano em architecturas e pinturas, começamos a olhar para as bellezas Westminster e da Batalha; e o appetite embotado da regular formosuraa dos Pantheons e Acropolis, começou, por variar, a inclinar-se para as menos classicas porém não menos lindas nem menos elegantes fórmãs da architectura e da esculptura gothica.

Sucedeu exactamente o mesmo com a poesia; enfastiados dos Olympos e Gnidos, saciados das Venus e Apollos de nossos paes e avós, lembrámo-nos de vêr com que maravilhoso enfeitavam suas ficções e seus quadros poeticos nossos bis e tres-avós; achámos fadas e genios, encantos e duendes, —um estylo differente, outra face de coisas, outro modo de vêr, de sentir, de pintar, mais livre, mais excentrico, mais de phantasia, mais irregular, porém em muitas coisas mais natural. O antiquado agradou por novo, o obsoleto entrou em moda: arte mais fina, gosto mais delicado e de engenhos mais

cultos o soube empregar habilmente, «declarar n'outra civilisação.» A poesia romantica, a poesia primitiva, a nossa propria que não herdámos de Gregos nem Romanos, nem imitámos de ninguem, mas que nós modernos creámos, a abandonada poesia nacional das nações vivas resuscitou bella e remoçada, com suas antigas galas porém melhor talladas, com suas feições primeiras porém mais compostas. E' a mesma selvatica, ingenua, caprichosa e aëria virgem das montanhas que se appraz nas solidões incultas, que vae pelos campos allumiados do pallido reflexo da lua, envolta em véos de transparente alvura, folga no vago e na incerteza das côres indistinctas que nem occulta nem patenteia o astro da noite; — a mesma belldade mysteriosa que frequenta as ruinas do castello abandonado, da torre deserta, do claustro coberto de hera e musgo, e folga de cantar suas endeichas desgarradas á bocca de cavernas fadadas — por noite morta e horas aziagas. E' a mesma sem duvida: porém o gosto mais puro e fino de seus adoradores, sem alterar a liturgia, modificou os ritos e os accommodou para espiritos e ouvidos costumados aos hymnos, menos variados porém mais cadentes, da antiguidade classica. Não ficou menos natural nem menos nacional, porém muito mais amavel e encantadora a nossa poesia primitiva assim resuscitada agora.

Muito antes do nomeado escocez já tinha havido tentativas para nacionalizar a poesia moderna e a libertar do jugo da theogonia de Hesiodo: — mas a propria e verdadeira re-

stauração da poesia dos trovadores e menestres, sem questão nem disputa só W. Scott a fez popular e geral na Europa. — Com ella se restauraram tambem os metros simples e curtos que mais naturaes são ao estylo cantavel, essencial ás composições d'aquelle genero.

Depois de muitas tentativas, de exame longo e reflectido, eu por mim convenci-me de que o metro proprio e natural de nossa lingua para este genero de poesia, e para todos os generos populares, não era o endecasyllabo, o que dizemos vulgarmente heroico. Os portuguezes são uma nação poetica, a sua lingua naturalmente se presta e espontanea se offerece ás fórmãs e cadencias metricas; os nossos mais rudos camponezes improvisam em seus serões e festas com uma facilidade que deve de espantar os estrangeiros: mas observa-se que o metro d'estes improvisos é sempre sem excepção alguma, o de redondilha de oito syllabas, rara vez o da endecha; acaso farão os versos compostos visivelmente de dois metros, isto é, os alexandrinos ou ditos de arte maior. A causa é óbvia; aquella é a medição mais natural que lhe offerece a musica da lingua.

Entre as canções antiquissimas conservadas nos dois *Cancioneiros*, o do *Collegio dos Nobres* (impresso por sir Charles Stuart em Paris) e o de Resende, ha muita variedade de metros; mas outras poesias mais antigas, os romances populares ou *xácaras*, que por tradição immemorial se conservam entre o povo, principalmente nas aldeias, todos são

no metro octosyllabo ou em endechas. Logo direi aqui alguma coisa mais de vagar sobre estas curiosissimas, e tam desprezadas mas tam interessantes, reliquias da nossa archeologia.

O genero romantico não é coisa nova para nós. Não falo em relação aos primeiros seculos da monarchia: restam-nos ainda *specimens* das Canções que não serão talvez de Gonçalo Hermigues, de Egas Moniz, d'el-rei D. Pedro Cru, mas são antiquissimos documentos de certo. As trovas dos *Figueiredos*, apesar do tam suspeito testemunho de Fr. Bernardo de Brito, creio, por convicção intima, que são das mais antigas composições poeticas da lingua que chegaram até nós. Não alludo porém a epocas tão remotas e incultas. Depois de introduzido o gosto classico por Sá Miranda, e Ferreira principalmente, depois de esquecidas as graças singelas de Bernardim Ribeiro pelos mais ataviados primores de Camões e Bernardes, ainda então houve quem de vez em quando deixasse a lyra de Horacio e a frauta de Theocrito para tocar o alahude romantico dos menestreis. O proprio auctor dos *Lusíadas* nas canções, que, depois d'aquella, são sua melhor composição, para meu gosto, n'essas canções tam bellas e tam profundamente sentidas, tão repassadas de melancholia suavissima, em alguns episodios dos mesmos *Lusíadas*, foi todo romantico, e felicissimamente o foi. Francisco Rodrigues Lobo, segundo já observei, em muitas das pequenas peças que se encontram dispersas pelo *Pastor peregrino*, pela *Primavera* e

nos seus romances mouriscos e historicos, é eminentemente romantico. Tal é Jeronymo Cortereal no *Naufragio de Sepulveda*, quando o deixam com a natureza e lhe permitem ter *sensu communi* as loucuras mythologicas com que perdeu tam bem escolhido assumpto, tam bellas scenas.

Deixando outros muitos, dos quaes o menor exame facilmente mostrará o mesmo, citarei aquelle romancesinho de *Gaia* e do *Rei Ramiro*, que V. descobriu em Londres com o precioso achado dos papeis e livros do nosso infeliz Oliveira.

Depois que, na extinção dos Jesuitas, e pelos esforços da benemerita Arcadia se restauraram as bellas letras e a lingua, e o verdadeiro gosto poetico affugentou os *Acrostichos* e os *Labyrintos* seiscentistas, o genero classico resuscitou mais puro e tam bello nas odes do elegante e puro Garção, do altisonante Diniz, do sublime Filinto, do numeroso Boccage, do classico Ribeiro dos Santos, do ingenuo Maximiano Torres, do galantissimo Tolentino, do philosopho Caldas, mas o genero romantico injustamente envolvido na proscricção do seiscentismo, esse desprezado e perseguido, ninguem curou d'elle, julgaram-n'o sem o entender, condemnaram-n'o sem o ouvir.

No meu poemasiinho do *Camões* aventurei alguns toques, alguns longes de estylo e pensamentos, annunciei, para assim dizer a possibilidade da restauração d'este genero que tanto tem disputado na Europa litteraria com aquell'outro, e que hoje coroado dos louros de Scott, de Byron e de Lamartine vae de

par com elle, e não direi vencedor, mas também não vencido.

Dona Branca, essa mais decididamente entrou na lice, e com o alahude do trovador desafiou a lyra dos vates; outros dirão, não eu, se com feliz ou infeliz successo.

Não é portanto, em nenhum sentido, novo hoje para a litteratura portugueza o genero romantico, nem me appresento agora com este meu romancesinho ao publico portuguez a pedir privilegio de invenção ou patente de introducção. Se reclamo aqui prioridade é sómente em ter instaurado as antigas e primitivas fórmias metricas da lingua em uma especie de poesia que também foi a primitiva sua, e ao menos a mais antiga de que tradição nos chegou.

De pequeno me lembra que tinha um prazer extremo de ouvir uma criada nossa em torno da qual nos reuniamos nós os pequenos todos da casa, nas longas noites de inverno, recitar-nos meio cantadas, meio rezadas, estas xácaras e romances populares de maravilhas e encantamentos, de lindas princezas, de galantes e esforçados cavalleiros. A monotonia do canto, a singeleza da phrase, um não sei que de sentimental e terno e mavioso, tudo me fazia tam profunda impressão e me enlevava os sentidos em tal estado de suavidade melancholica, que ainda hoje me lembram como presentes aquellas horas de goso innocente, com uma saudade que me dá pena e prazer ao mesmo tempo.¹

¹ Sr. Duque de Ribas, bem conhecido na Europa hoje, tomou para epigraphe do seu *Moro esposito* es-

Veiu outra idade, outros pensamentos, occupações, estudos, livros, prazeres, desgostos, afflicções — tudo o que compõe a variada teia da vida, — e da minha tãem trabalhosa e trabalhada vida! — tudo isso passou; e no meio de tudo isso, lá vinha de vez em quando uma hora de solidão e de repouso — e as noites de minha infancia e os romances incultos e populares da minha terra a lembrarem-me, a lembrarem-me sempre.

Lendo depois os poemas de Walter Scott ou, mais exactamente, suas novellas poeticas, as *Balladas* allemãs de Bürger, as inglezas de Burns, comecei a pensar que aquellas rudes e antiquissimas rapsodias nossas continham um fundo de excellente e lindissima poesia nacional, e que podiam e deviam ser aproveitadas.

Em Paris fui ver o *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* na defeituosa edição de sir Charles Stuart; depois voltando a Portugal tornei a percorrer o de Resende: no primeiro nada, no segundo pouco achei do romance historico ou narrativo. D'esta ultima especie não ha impresso mais que esses duvidosos fragmentos conservados por Fr. Bernardo de Brito e por Miguel Leitão.

Recorri á tradição: estava então eu fóra de Portugal: estimulava me a leitura dos muitos ensaios estrangeiros que n'esse genero iam apparecendo todos os dias em Inglaterra e França, mas principalmente em

te paragrapho da presente carta: não me desvaneco por mim; mas dá me gosto que precedessemos os nossos vizinhos na restauração da poesia popular das Hespanhas. *Ed. de 1813.*

Allemanha. Uma estimavel e joven senhora de minha particular amizade — a quem por agradecida retribuição é dirigida a introdução do presente romance — foi quem se incumbiu de me procurar em Portugal algumas cópias das xácaras e lendas populares.

Depois de muitos trabalhos e indagações, de conferir e estudar muita cópia barbara, que a grande custo se arrancou á ignorancia e acanhamento de *amas séccas* e lavadeiras e saloias velhas, hoje principaes depositarias d'esta archeologia nacional, — galantes cofres, em que para descobrir pouco que seja é necessario esgravatar como o *pullus gallinaceus* de Phedro, — alguma coisa se pode obter, informe e mutilada pela rudeza das mãos e memorias por onde passou; mas emfim era alguma coisa, e forçoso foi contentar-me com o pouco que me davam e que tanto custou.

Assim consegui umas quinze rhapsodias, ou, mais propriamente, fragmentos de romances e xácaras que em geral são visivelmente do mesmo estylo, mas de conhecida differença em antiguidade, todavia remotissima em todos. Comecei a arranjar e a vestir alguns com que engracei mais: e para lhe dar amostra do modo por que o fiz, adeante copio um dos mais curiosos,¹ ainda que não dos menos estropeados, e com elle o restaurado ou recomposto por mim, o melhor que pude e soube sem alterar o fundo da historia e conservando, quanto era possivel, o tom e estylo de melancholia e sen-

¹ E' o do *Bernal Francez*, n'este vol.

sibilidade que faz o principal e peculiar character d'estas peças.

A minha primeira idéa foi fazer uma colleção dos romances assim reconstruidos e ornados com os enfeites singelos porém mais symetricos de moderna poesia romantica, e publicál-a com o titulo de *Romanceiro portuguez*, ou outro que tal, para conservar um monumento de antiguidade litteraria tão interessante, e de que talvez só a lingua portugueza, entre as cultas da Europa, careça ainda; porque de quasi todas sei, e de todas creio, que se não póde dizer tal.¹

Mas sobreveiu tanta interrupção, tanta distração de tão variado genero, mortificações, cuidados, trabalhos mais serios: emfim desisti da empreza.

Já tinha decorrido muito tempo, e voltado eu a Portugal, lembrando-me sempre de vez em quando este empenho tão antigo e tão fixo; e a occasião a fugir-me. Uma circumstancia fatal e terrivel me fez voltar ás minhas queridas antigualhas. Lançado n'uma prisão pela maior e mais patente injustiça que jámais se ouviu,² voltei-me, para occupar minha solidão e distrahir as amarguras do espirito, aos meus romances populares, que sempre commigo têm andado, como

¹ E' o pensamento que agora se realiza.

² O auctor esteve por espaço de tres mezes preso sem mais pretexto que o de ter tido parte em uma publicação censurada e impressa com todas as licenças necessarias. Não foi preso o censor, nem prohibida a publicação, nem no fim de tres mezes se achou materia de culpa! *Ed. de 1828.*—O jornal era o *Portuguez*, cuja moderação em doutrina, e urbanidade em estylo ainda não foram imitadas. *Ed. de 1843.*

uma preciosidade, que bem sei não avalia ninguém mais, de que muita gente rirá, mas que eu aprecio, e me ponho ás vezes a contemplar, e a estudar como um antiquario fanatico a quem se vão as horas e os dias deante d'um tronco de estatua, d'um capitel de columna, d'um pedaço de vaso etrusco, d'um bronze já carcomido e informe, desenterrado das ruinas de Pompeia ou de Herculano. Mas quantos Davids e Canovas não faz, quantos Raphaelis e Miguel-Angelos não fez o estudo d'esses fragmentos que despreza porque mais não entende o vulgo ignorante!

Assim passei muitas horas de minha longa e amofinada prisão, suavizando maguas e distrahindo pensamentos. — Tinha eu começado a ageitar outro romance que originalmente se intitula *A Silvana*, cujo assumpto notavel e horroroso exigia summa delicadeza para se tornar capaz de ser lido sem repugnancia ou indecencia. Era nada menos que uma nova Myrrha, ou antes o inverso da tragica, interessante, mas abominosa historia da mythologia grega; é um pae namorado de sua propria filha! — A filha joven, bella, virtuosa, santa emfim. — A difficuldade do assumpto irritou o desejo de lutar com ella e vencêl-a se possivel fosse. Dava larga o tempo, pedia extensão a natureza dos obstaculos; o que fôra começado para uma xá-cara, para uma cantiga, ou, como lhe chamam Allemães e Inglezes para uma *ballada*, sahiu um poemeto de quatro cantos, pequenos sim, porém muito maiores do que eu pensei que fossem, e do que geralmente são

taes coisas. Mudei-lhe o titulo e chamei-lhe *Adozinda*, que sôa melhor e é portuguez mais antigo. O fundo da historia, as circumstancias do desfecho d'ella são conservadas do original; o ornato, o mechanismo do maravilhoso é outro mas accommodado, creio eu, ao genero e á indole do assumpto.

Mando-lhe aqui tambem uma cópia do romance original para vêr e combinar. E' dos mais mutilados e desfigurados, mas certamente dos que têm mais visiveis signaes de vetustade quasi immemorial.¹

Ora eis aqui, meu amigo, a historia e origem da minha *Adozinda*, gerada no exilio, nascida entre sustos, criada na miseria e padecimentos de uma prisão. Entre tudo o que tenho rabiscado de prosas e versos este romancesinho é a composição minha a que tenho mais amor pelas memorias que me lembra, pelas affecções que me desperta.—Que de coisas passaram por mim durante o tempo que o compuz, os intervallos tão longos em que o deixei! —até o nascimento e a morte de uma filha unica, tão querida e para sempre chorada!...

Adeus, meu amigo: não sei o que ahi vae escripto, nem como. São idéas sem nexo, pensamentos desatados, coisas á tôa como o espirito de quem as escreve. Leia as assim, e assim se imprimam se porventura estão em termos d'isso, — do que muito duvido, porque eu por mim, nem que me dessem os louros de Camões, ou me fizessem apotheo-

¹ E' a *Sylvaninha*, n'este volume.

ses como a Homero, me punha a corrigir, nem sequer a revêr o que ahi vae escripto, quer prosa quer versos.¹

Londres, 14 d'agosto de 1828.

¹ Corrigiu-se comtudo agora esta carta para a presente reimpressão, porque escripta muito á pressa em Londres logo ao chegar de Portugal, não tinha agora essa desculpa, que então podia valer. *Ed. de 1843.*

A ELYSA

Campolide, 11 d'Agosto de 1827.

Thus, while I ape the measure wild,
Of tales that charmed me yet a child,
Rude though they be, still with the chime
Return the thoughts of early time;
And feelings, roused in life's first day
Glow in the line, and prompt the lay.

WALTER SCOTT.

CAMPO da-lide é este; aqui lidaram,
Elysa, os nossos quando os nossos eram
Lidadores por glória,—aqui prostraram
Soberbas castelhanas, e—venceram;
Que pelo rei e patria combatendo
Nunca foram vencidos Portuguezes.
—Este terreno é santo: inda estás vendo
Alli aquelles restos mal poupados ¹
Do tempo esquecedor,
Dos homens deslembados;
Nobres reliquias são d'altas muralhas
Forradas já de lucidos arnezes,
De tresdobradas malhas.
Talvez fluctuava alli n'aquelle canto,
Soberbo e vencedor
Das Quinas o pendão victorioso;
E juntos ao redor
D'esse paladio augusto e sacrosancto,
Invencivel trincheira lhe faziam
Toda a flor dos mais nobres e esforçados;
Que á voz da patria (voz que nunca ouviam
Sem sentir redobrados
Do nobre coração os movimentos)
Heroes são todos, facil a victoria,
Faceis as palmas que lh'enfeixa a gloria.

¹ Ruinas de fortificações antigas em Campolide. IV. nota no fim.

Ah!—paremos aqui:—vê quaes na frente
 As arterias violentas me rebatem :
 Febril, descompassado corre e ardente
 E me angustia o sangue...—Ah! sim paremos
 Aqui... Não, aqui não; esse outeirinho
 Depressa o desceremos.
 Faz-me bem esta vista:—essas arcadas ¹
 Soberbas, elevadas,
 Que uniram monte a monte e serra a serra,
 Acaso não serão
 Tam illustres talvez,—não lembram guerra,
 Gloria não lembram; nem com sangue livido
 A morte da victoria companheira
 Para o erguido padrão
 O cimento amassou.
 Um rei que amou as artes, rei pacifico,
 A quem amor fadou
 Que se eu fôsse e das musas,—que fugidas
 Da patria ha tanto, á patria as volveria;
 Do povo á utilidade
 Este sublime monumento erguia
 Para a posteridade
 Isto só lhe apurou o nome e a gloria,
 E lhe ganhou as paginas da historia.

Inda é muita oppressão; inda me acanha
 Tanta arte humana o coração no peito.
 Tam grandes massas, fabrica tamanha,
 Absorto deixarão—mas satisfeito
 O ânimo, os sentidos?... Não, Elysa,
 Não satisfaz ao homem a arte humana:
 Por mais que ella se uffana,
 Que aos abysmos o centro opprime e pisa
 C'os fundamentos de eternaes pyramides,
 Ou c'os erguidos vertices
 A's nuvens rasga o seio tempestuoso.
 Nem assim:—á tristeza ou á alegria,
 E áquelle estado de ineffavel gôso
 Que entre a dor e o prazer a alma suspende
 Brandamente e se diz *melancholia*,
 Oh! nada d'isso o excita.
 Oh! nada d'isso o coração entendel
 Oh! nada d'isso o espirito nos move

1 Aqueducto das Aguas livres. V. notas no fim.

Se a natureza, a pura natureza
Por sua ingenua attracção nos não commove.
Posso admirar o homem e a grandeza
De suas nobres feitura,
Mas sómente admirar;
Mais não póde excitar
Mesquinha criação de creaturas.

Vamos por essa encosta
Subindo — Eu gosto do alto das montanhas,
Dos picos das erguidas serranias,
O avaro á terra mãe abra as entranhas,
Cave oiro e crimes, com que encurte os dias
Seus e dos seus, e a sombra da virtude
Acabe de varrer da face d'ella.
Mas o que, em paz commigo e co'a existencia,
Ainda ama a innocencia,
Inda se apraz co'a natureza bella,
A seus quadros sorri, com seus dons gosa,
Oh! esse venha ao cume do alto monte,
Venha estender a vista saudosa
Pelo valle que á falda lhe verdeja,
A messe que loureja,
E a despenhada fonte
Que vae garrula e trepida saltando
Té que se junta em cava pederneira.
D'onde sae, o arco d'Iris imitando
Na espadana da férvida cachoeira.
Venha na solidão — e o só dos montes
É mais só que nenhum, — o silencioso
Mais augusto, solemne e magestoso!
Venha na solidão
Comsigo conversar, fallar um'hora
Com o seu coração.
— Quantos ha que annos longos hão vivido
C'os outros sempre, sempre c'os de fóra
Sem viverem comsigo nem um dia,
Nem um momento só!
Tenhamos d'elles dó;
Viver não... têm apenas existido.
Tua meiga companhia
É doce, Elysa; e sempre na minha alma
Foi teu brando fallar — e quantas vezes! —
Celeste orvalho que abrandou a calma
De paixões, que adoçou o agro a revezes:

Porêm a minha solidão querida,
 De vez em quando, lá quando alma o pede,
 Oh! não m'a tirem que é tirar-me a vida.
 Agora conversemos: eu ignoro
 A arte das vans palavras que bem sôam;
 Oíço-as, e não demoro
 No ouvido os sons que de per si se escôam.
 O sol declina; — temos largamente
 Hoje philosophado.
 Na viva flor da idade e da saude
 Nem de todos sería accreditado
 Que tam suavemente
 Em austeras conversas de virtude
 Nos fôsse o tempo. — Crê-me, Elysa amavel,
 Tem muito mais prazeres a amizade
 E mais doces que amor:
 Para tados os sexos, toda a idade,
 Em todo o tempo a mesma, sempre affavel,
 Sem o cancro roedor
 Do ciume voraz que no mais puro
 D'amor, no mais seguro
 Suas raizes venenosas lança,
 E co'a mais branda flor
 Seus mordentes espinhos lhe entrança.

Detestemos, Elysa, essa funesta
 Paixão brutal que a tudo e em tudo damna,
 Da virtude a tyranna:
 Não nos illuda a tam commum cegueira;
 Detesta o crime quem amor detesta.
 Crimes! — vê a amizade prazenteira,
 Que nenhuns tem; — e amor, ai! quantos, quantos?
 Honras perdidas, thalamos violados,
 Os vinculos mais santos
 Dos homens e de Deus, da natureza,
 Da propria natureza — espedaçados
 Por esse amor, que sua tocha accesa
 Do vivo fogo traz do averno immundo
 Para de crimes abraçar o mundo.

Honesto, justo, santo, consagrado,
 Nada respeita: — o sangue, o altar em meio
 De seus desejos não é termo ou freio;
 Não ha pomo vedado

No Eden da virtude
Que a mão perversa e rude
Tocar não ouse, — árvore da vida
Que dos gryphos mordida,
Em peçonha de morte não converta,
E a seiva salutar já corrompida
Em lethal beneficio não perverta.
Lembra-te aquella historia
Que ingenuo o povo em seus trabalhos canta,
E de longa memoria
Entre elles perpetuada,
É singella legenda de uma santa,
Que por brutal amor sacrificada,
Desvalida virtude,
Só do crime escapou no seio á morte?
Eu a canção magoada
Em verso menos rude,
Mais moldado verti, dei novo córte
Ao vestido antiquissimo, á simpleza
Que ha seculos lhe deu
De nossos bons maiores a rudeza.
— Sereno está o céu,
Tranquillo o vento, a calma descahida;
E, pois que não te enfada
A singella toada
Do bardo alahude que sem arte sôa
E a rima desgarrada
Da popular canção rustico entôa,—
Aqui t'a cantarei; ouve: e se ao pranto
Te commover a saudosa endecha,
Na selvagem bonina,
Na campainha agreste d'esse mato
Arrociál-o deixa;
São lagrimas sinceras, propria fonte
Para regar as innocentes flores
Que arte não sabem nem conhecem arte;
Flores como os meus versos não variados
De refinadas côes,
Em que alma só e coração tem parte,
Não por classica musica mudulados
Ao graduado som de grega lyra,
De cithara romana.
A minha é melodia que só mana
Dos intimos accordes só do peito;
Nem ha corda que fira

Em meu alahude rustico
Tom menos natural, mais contrafeito.

Em soberbos canaes, alto empedrados
Por engenhoso hydraulico,
Vão d'arte subjugados

Os caudaes da torrente conduzindo
Riquezas de preciosa mercancia:

E o arroio, que serpeia entre pedrinhas
Pela relva macia,

Bordado em tórno sinuosamente,
Que póde elle levar

Em sua doce e trépida corrente?
— Alguma folha de silvestre rosa

Que, ingenua divagando
Pastorinha formosa

Lhe foi acaso á margem desfolhando.

ADOZINDA

CANTIGA PRIMEIRA

No, I'll not weep:
I have full cause of weeping; but this heart
Shall break into an hundred thousand flaws
Or ere I'll weep.

SHAKESPEARE

I

O NDE vás tam alva e linda,
Mas tam triste e pensativa
Pura, celeste Adozinda,
Da côr da singela rosa
Que nasceu ao-pé do rio?
Tam ingenua, tam formosa
Como a flor, das flores brio
Que em serena madrugada
Abre o seio descuidada
A doce manhan d'Abrill!
—Roupas de seda que leva
Alvas de neve, que céga
Como os picos do Gerez
Quando em Janeiro lhe neva.
Cinto côr de violeta
Que á sombra desabrochou;
Cintura mais delicada
Nunca outro cinto apertou.
Anneis louros do cabelo
Como o sol resplendecentes
Folgam soltos; dá-lh'o vento,
Dá no véo ligeiro e bello,
Véo por suas mãos bordado,
De um santo ermitão fadado
Que vinha da Palestina;
Passou pelo povoado,
Foi-se direito ao castello

Pediú pousada, e lh'a deram
Porque intercede a menina:
Que o pae soberbo e descrido,
—N'essa gente peregrina,
Disse, quem sabe o que vem?—
Mas pede Adozinda bella,
Tam virtude e formosura,
Quem lh'o hade negar a ella?
Não póde o pae nem ninguem.

II

Mas o outro dia, á luz nada
Houve quem visse Adozinda
Debruçada em seu balcão
Haver practica alongada
Co'aquelle velho ermitão.
Quem sabe o que lhe elle disse?
Ninguem no castello ouviu:
Mas d'aquelle occasião,
A alegria lhe fugiu
Dos olhos e do semblante:
Ficou triste, sempre triste;
Mas em seu rosto divino
Fez-se formosa a tristeza.
Como olhos d'amor quebrados
Disseras os olhos d'ella;
Mas não tem d'amor cuidados,
Que a ninguem conhece a bella.

III

Qual semente arrebatada
Da flor de vergel mimoso
Pelos furacões do outomno,
Vae no encôsto pedregoso
Cahir de serra escavada;
Vem Abril, e a seu bafejo
Brotá e nasce a linda flor,
De ninguem vista ou sabida,
Nem de damas cubiçada
Nem de pastores colhida,
E o vento da solidão
Lhe bebe o perfume em vão.

IV

Quinze annos tem Adozinda;

E desd'a vez que o romeiro
Do saio pardo e grosseiro
Lhe fallou ao seu balcão,
Faz trez para o San-João.

V

E Adozinda sempre triste
Vae sósinha pelo eirado,
Pelo jardim, pelo prado;
Nem já a divertem flores
Em que punha o seu cuidado.
Pelos sombrios verdores
De sua espessa coutada
Vaga á tôa e derramada,
Como a novilha perdida,
Como a ovelha desgarrada
A quem o tenro filhinho
Lobo do mato levou:
— Desfaz-se a mãe em balidos,
Que de ninguem são ouvidos,
E o filhinho não tornou!

VI

Que tem Adozinda bella
Que em tal desconsólo a traz?
Serão saudades do pae
Que anda co'os Mouros á guerra
Por defender sua terra
Mais a santa lei de Deus?
Tres annos ha que se foi;
E dois filhos que levou,
A cada qual sua espada
Com juramento entregou
De lh'a tornarem lavada
No sangue mouro descrido:
E assim cada um jurou.
Fizeram gente em suas villas,
(Que preito muitas lhe dão)
E guiaram seu pendão
Para terras de Moirama.
Já vejo chorar donzellas,
Vejo carpir muita dama,
Que onde chega Dom Sisnando,
Com sua espada portugueza,

Não ha lanças nem rodellas
Que sirvam para defesa.

VII

Mas não são do pae saudades,
Que sempre a lidar com armas
Como ellas duro se fez;
Mais lhe importam do que a filha
Seus ginetes, seu arnez.
E até—quem diria tal!—
Quando a mãe, por divertil-a,
Lhe fala do pae ausente
E lhe diz que hade voltar,
Parece que se lhe sente
O coração apertar.
Suspira em silencio Auzenda,
Auzenda tam bella ainda
Que ao-pé da bella Adozinda
Mais irman que mãe parece
De filha tam môça e linda.
Suspira em silencio a triste,
Porque suspira não diz:
—Filha amante de seu pae
Conceder-me o céu não quiz!»
Ai! que sem razão se chora!
Ai! Auzenda malfadada,
Tem de vir minguada hora
Que á filhinha desgraçada
Darás mais razão que agora.

VIII

Que tropel que vae nos paços
De Landim ao-pé dos rios!
Sons de festa e sons de guerra
Em seus muros e alta tôrre?
Geme a ponte, treme a terra
C'o peso de homens armados.
Cavallos acobertados
Trotam ligeiros;—e corre
O alferes que tremulando
Vae guião de roxa cruz...
Já chegado é Dom Sisnando.
Entre os cavalleiros todos
Sua armadura reluz:

E o pennacho fluctuante
Das plumas alvas de neve
Sobre o elmo rutilante
De longe a vista percebe.

IX

—«Portas do castello, abri-vos,
Correi, pagens e donzellas,
Que é chegado meu senhor,
Meu esposo e meu amor!»
Auzenda bradava e corre.
Portas se abrem, sôam vivas,
E o ecco da antiga torre
Com o som festivo acordou.
«Viva, viva Dom Sisnando!»
E o tropel que dobra e cresce,
E ás portas que chega o bando
Dos guerreiros triumphantes.
Do corcel soberbo desce
E aos braços anhelantes
Da cara esposa vôu.
Doce amor que os apertou
Não lhes deixou mais sentidos
Que para se vêr unidos,
Ajuntar-se peito a peito,
E em laço tam brando e estreito
Longa saudade afogar.
A Auzenda goteja o pranto,
Pranto que é todo alegria;
E o rosto que nunca enfia
Do esforçado lidador,
Tambem sentiu—mais que a dor
Póde o gôso!—descuidada
Uma lagrima sensível
De seus olhos escapada.

X

Mas as lagrimas de gôsto,
Como as de magoa, têm fim;
Dom Sisnando enchuga o rosto,
E tomando a mão á esposa:
—D'onde vem, lhe diz, senhora,
Que a joia mais preciosa
Não vejo d'estes meus paços,

D'onde vem que aos meus braços
 Minha filha?...—A filha bella,
 Pasmada, trémula, a um lado,
 O rosto ao chão inclinado,
 Parecia humilde estrella
 Que ao primeiro raio vivo
 Do sol que no alvor reluz
 Não fica, não, menos bella,
 Porém pállida e sem luz.

XI

Tres annos já são passados
 Que Dom Sisnando a não via,
 N'essa joven, linda dama
 Sua filha não conhecia.
 —«Eil-a aqui, senhor,» dizia
 A mãe, que d'um braço a trava,
 «Eil-a aqui.»—Os olhos crava
 O pae na formosa filha,
 E de assombro e maravilha
 Mudo, extático ficou.
 Córa Adozinda, suspira,
 E «Pae!» disse em voz tremente
 Submissa... ; languidamente
 Ajoelha, osculo frio
 Na paterna mão imprime:
 Pranto que até'lli reprime,
 Corre agora em sôlto rio.
 —«Que tens tu, filha querida,
 Que assim choras tam carpida?
 É teu pae, que hade querer-te,
 Que hade amar-te como eu te amo.»
 E tomou-a nos seus braços,
 E a levanta Auzenda bella.
 Pasma o pae, suspira ella;
 E a custo os doces abraços
 De pae, de filha se deram.

XII

Pouco alegre a companhia
 Entrou nos paços brilhantes;
 E os atabales soantes
 Pregoaram festa e alegria
 No castello de Landim.

CANTIGA SEGUNDA

But yet thou art my flesh, my blood, my daughter.

SHAKSPEARE.

I

O! que alegrias que vão
Pelos paços de Landim!
Que magnificos banquetes.
Que sumptuoso festim!
Junto ao valente campeão,
A' cabeceira da mesa
Ficou a bella Adozinda.
A tam celeste belleza
Estão todos admirando;
E o embevecido Sisnando
Não se farta de abraçal-a,
De beijar filha tam linda.
Auzenda de gosto chora,
E abençôa a feliz hora
Em que tanto amor nasceu.
—«Inda bem» diz «que a rudeza
De tanto lidar com armas
A' innocencia, á belleza
Da amada filha cedeu!»
Ella ás caricias paternas
Já não ousa de esquivar-se,
Córa, mas deixa abraçar-se;
Vê-se que tantos affagos
A repugnancia venceram
Da timidez natural,
Ou, se outra causa fatal,
Mais encuberta ella tinha...
Ao menos lh'a adormeceram.

II

Já de exquisitos manjares
Os convivas saciados,

De folias e cantares
 Pagens, donzellas cansados,
 E dos brindes amiudados
 Finda a primeira alegria,
 Doce repoiso pedia
 Quanto esta noite em Landim
 Velou em baile e festim.
 A seus nobres aposentos
 Adozinda retirada,
 Com permissão outorgada
 A custo — do pae, se foi.
 Auzenda, em grave cortêjo
 De suas damas rodeada
 Deixou ha muito o festêjo,
 E em seu camarim deitada
 Espera o momento anciosa
 Em que a sós a amante e a espôsa
 Nos braços de Dom Sisnando
 Se hão de em breve confundir.

III

Como um tapete mimoso,
 Junto ao paço de Landim
 Se estende jardim formoso,
 De boninas arrelvado
 Da verde gramma e de flores:
 Remata em bosque frondoso
 Cujos opacos verdores
 Eternas sombras accoitam.
 De pesados sentimentos
 Oppresso o peito fremente,
 A respirar livremente
 O ár puro da noite fria
 Entrou insensivelmente
 Dom Sisnando em seu vergel.
 Jámais tam rico docel
 De azul bordado de estrellas
 Se estendeu por sobre a terra
 Do estio nas noites bellas.

IV

Alta a lua vae no céu,
 E as sombras leves e raras

Não impedem ás florinhas,
Não tolhem ás aguas claras
De brilhar co'a luz nocturna,
Menos resplendente e fúlgida,
Porém mais suave e placida,
Mais amavel que a diurna.
Manso o vento, que murmura
Entre as folhas brandamente,
Convida suavemente
A respirar, a bebêl-a,
Essa fresca viração,
Das flores exhalação,
Tam doce como o bafejo
De dois amantes queridos
Quando por amor unidos
Se dão mútuo e doce beijo.

V

Na feiticeira belleza
Da noite, do céu, das flores
Varias de aroma e de côres,
Sisnando todo embebido,
No seio da natureza
Do resto do orbe esquecido,
Pouco a pouco a agitação
D'alma lhe foi abrandando,
E o pesado coração
Do affôgo desapertando:
Já póde gemer,—suspira,
E como que se lhe tira
Um'pêso de sobre o peito,
Que a suspirar foi desfeito.

VI

Porque geme, porque aneia
Dom Sisnando, o lidador?
Sisnando, o triumphador,
Cujo alto pendão campeia
Victorioso e senhor
Por tanta soberba ameia
De nunca entrado castello,
De jámais vencida tôrrel!
—Dor que lhe nasce no peito

É dor que no peito morre;
 Ancia que lhe rala a vida
 Não é para ser sabida.
 — E desde quando? ha tam pouco
 Feliz e ditoso ainda,
 Com tanta alegria e júbilo
 Festejada sua vinda!...
 Vassallos, espôsa, filha...
 Filha!... A filha é tam formosa!
 Oh! essa Adozinda bella
 Nos olhos encantadores
 Tem com que matar de amores
 A metade dos humanos!
 Não, não é peito sensível
 Peito que lhe resistir:
 Mas o pael. . não é possível.

VII

Não é, não é.—Mas Sisnando,
 Sem saber onde caminha,
 Melancholico e pesado,
 Insensível foi entrando
 Pelo bosque emaranhado
 Que ao jardim avizinha:
 É o silencio, que o seguiu,
 Que no espêso coito habita,
 Nem um verde ramo agita,
 Nem uma folha buliu.
 A' tôa por entre as árvores
 Sem seguir carreiro ou trilho,
 Nem guiado de um só brilho
 De froixa estrella que entrasse
 Por tam medonha espessura,
 Ora lento e vagaroso,
 Ora os passos apressura,
 Já por caminho fragoso,
 Já por vereda macia,
 Té que n'um claro onde os troncos
 Escaceiam de repente,
 E onde pallido e tremente
 Seu reflexo a lua enfia,
 Sem o saber, foi parar.

VIII

Agreste, não feio é o sitio,
Medonho, horrivel de vêr;
Porém tem a natureza
Horrores que são belleza,
Tristezas que dão prazer,
Mão d'arte alli não chegou;
A virginal aspereza
Ficou em toda a rudeza
Que a criação lhe deixou.
De um lado, choupos anciãos
Seus ramos lubregos pendem,
E o vivo seixo fendem
Crêspas raizes nodosas
Das soveiras annosas
Que as cortiças remendadas
Têm dos estios lascadas
A pedaços a cahir.
Do outro, altivos rochedos,
Como do céu pendurados,
Diffundem pallidos medos
Que em funda gruta accoitados
De espectros a povoaram.
—Dil-o toda a vizinhança,
Que ou são sombras de finados,
Ou de negras bruxas más
Alli ha nocturna dança.
Redobra do sitio o pavor
Um jorro alto que despenha
Saltando de penha em penha,
E os eccos em deredor
Vae temeroso acordando.
Este unico som de horror
A' callada solidão
Da mudez quebra o condão.
Sisnando, o ardido Sisnando,
O do forte coração,
Sentiu sossobrar-lhe o animo:
Uma voz dentro do peito
Lhe diz que não passe ávante;
Mas outra voz mais possante,
Outra voz que é voz do fado,
Voz que ao mortal desgraçado
Não deixa força ou razão,

Lhe brada: *Persiste, segue...*
 —Ai do que a ella se entregue,
 Que se entrega á perdição!

IX

No seixo cavada gruta
 Tem escassa entrada aberta,
 Quasi de todo coberta
 De festões d'hera lustrosa
 Que cingindo a rocha bruta
 Pende em grinalda ramosa.
 Entre as folhas, que meneia
 Ligeiro sôpro de vento,
 Viu Sisnando—e alma lhe anceia—
 Um lampejar vago, incerto
 De luz fraca,—ouve um accento
 De voz doce mas gemente,
 Voz que se ouve e que está perto,
 Que entoa suavemente
 Uma angelica harmonia,
 Tam triste que faz chorar!
 E esta voz assim dizia
 Em seu languido cantar:

«Anjos do céu, acudi-me,
 Valei-me, Santos do céu,
 Que me rouba mais que a vida
 Quem só a vida me deu.

«Santo ermitão, que me deste
 Aquella esperança ainda
 Que a desgraçada Adozinda
 Viria a ser venturosa
 Apóz de longo penar...
 Sorte que vieste
 Sobre mim deitar,
 Sorte desastrosa
 Vem vêr começar.

«Anjos do céu, acudi-me,
 Valei-me, santos do céu,
 Que me rouba mais que a vida
 Quem só a vida me deu.

Maç ah! tão negro crime,
Tam horrida paixão
De um pae no coração...
De um pae ..—Como é possível!
Não, não, não hade entrar.»

X

—«Pois treme, infeliz, e sabe
Que essa horrorosa paixão
Aqui n'este coração...»
Sisnando, a quem já não cabe
No peito a angústia o tormento
De tão criminoso amor,
N'estas vozes de terror
Rompendo, a caverna entrou.

XI

Oh que pavoroso instante!
Os anjos todos cubriram
Seus rostos co'a aza brilhante;
Sem vento os troncos de emtôrno
A ramagem sacudiram;
A lua no céo mais pallida
Como de susto enfiou
E para traz da montanha
Foi correndo, e se eclipsou.

XII

Quem hade a filha chorar
Que está nos braços paternos!
Oh! quem se hade horrorizar
Dos beijos doces e ternos
Que o amor... — Que amor é esse?
De ouvir tam medonho horror
O proprio inferno estremece,
E só lá... ha tal amor!

XIII

Oh! como heide eu cantar
Se no peito a voz me treme!

Historia que é de chorar,
 Quem a diz não canta, geme.
 —Só não gemia Adozinda,
 Que toda morta, gelada,
 Santo Deus! — mais bella ainda,
 Na viva rocha, estirada
 Como um cadaver ficou.

XIV

E o pae ousou levantál-a,
 E apertar junto a seu peito
 Aquella morta belleza!
 —Repugnou a natureza;
 E, da paixão a despeito,
 De si a affasta, vacilla...
 O anjo da sua guarda
 Inda um momento o resguarda...
 Mas ha na terra ou no céo
 Fôrça maior que a paixão,
 Que subjugue um coração
 Que de amor endoudeceu?
 Se a ha, não lhe acudiu Deus,
 Venceram peccados seus.
 Lembrou-lhe fugir... ficou:
 Sim, lembrou-lhe a salvação...
 E á sua condemnação
 O infeliz se votou.

XV

Geme, chora; altos soluços
 Do peito lhe vêm bradando;
 Porêm fugir de Adozinda
 Não pôde o triste Sisnando.
 Ella acorda, e em voz sumida:
 «Piedade, senhor, piedade!...
 Só pôde dizer: perdida
 Nos eccos da soledade
 Vae suando e murmurando
 A voz triste e condoida.
 Ouve-a elle; e o coração
 No peito lhe estremeceu;
 Na execranda pretenção
 Recúa, — mas não cedeu.

XVI

Palavras que lh'elle disse
Respostas que lh'ella deu,
Oh, não as contarei eu,
Não as contará ninguém...
Quiz que lh'ella promettesse
(E a terra alli não se abriu
Quando tal a um pae ouviu!)
Que para a noite seguinte,
Quando tudo em paz jazesse
Em seu leito o recebesse...

XVII

Chora a infeliz, chora, geme,
De horror e de pasmo treme:
Insta o perigo imminente,
A esperança na demora...
Com voz cortada e gemente:
«Senhor, não insteis agora,
Deixae-me cobrar alento,
E ámanhan responderei.»
— «Pois, solemne juramento
Farás de que...» — «Sim, farei...»
— «Que ámanhan, antes que o dia
Do horisonte desapareça,
Darás resposta final.
E ai de ti, ai do mortal
A quem ousasses!... — Pereça
O infeliz n'esse momento:
Só a morte, só o inferno
De meu cru resentimento
O poderiam salvar.»

CANTIGA TERCEIRA

*I must a tale unfold whose lightest word
Will harrow up thy soul; freeze thy blood;
Make thy two eyes, like stars, start from their spheres.*

SHAKESPEARE.

I

QUE mau fado, que hora má,
Oh! qual agoirada estrella
Levou Adozinda bella
A' fadada gruta escura?
Que foi ella fazer lá?
No mais denso da espessura,
A tão aziagas horas,
Só, alta noite, a deshoras,
Sem donzella ou escudeiro,
Como o pedia a decencia,
Sem levar mais companheiro
Que sua debil innocencia,
Que seu joven coração!

II

Quem o sabe?—No castello
Nem a propria mãe, que a adora,
Que pela filha querida
Dera tudo, dera a vida...
Nem a propria mãe sabel-o!
E como é que Auzenda ignora,
Por que encanto ou maravilha,
Que ao pino da meia noite
Todos os dias a filha
O escuro parque atravessa,
E tenteando a treva espessa
Vae sosinha áquella gruta
Que no mais claro do dia
Ninguem a entrar ousaria?
—Mas vae; não o sabe Auzenda:

N'este segredo fatal
Coisa sobrenatural,
Coisa medonha, tremenda
Ha por certo... oh! que inda mal!

III

Desde aquella madrugada
Que Adozinda em seu balcão
Falou c'o velho ermitão,
De noite á gruta fadada
Sempre vae. Sibile o vento
No bosque medonho e feio,
A's nuvens o pardo seio
Rasgue horrisono trovão,
Nada teme; a passo lento,
Só, para alli se encaminha
E em rezas, em penitencia
Hcras longas jaz sosinha.
Talvez d'aquelle romeiro,
Por salutar providencia,
Seu fado lhe foi predito;
Talvez lhe fosse prescripto.
Por tam santo conselheiro
Que passasse em oração
N'aquellas medonhas fragas
Certas horas aziagas
Em que a fatal conjuncção
De um astro seu inimigo
Maior fizesse o perigo
Da terrivel maldição
Que a persegue,—ella innocente!—
Que tam injusta cahiu
N'aquella votada frente...
Mas diz que não ha condão
Peior que o da maldição!
E quantas não attrahiu
Sobre a familia inculpada
A soberba despiedada
D'esse orgulhoso Sisnando?
Quantas vezes o infeliz,
C'os filhinhos expirando,
A' porta do seu castello
Se viu gemendo e chorando,
E o desalmado senhor

Essa gentalha atrevida
 Escorraçar a mandou!
 Taes peccados não guardou
 Para os punir na outra vida
 O supremo Arbitrador.

IV

Mas já despontava o dia,
 Que tam alegre hoje vem,
 Tam risonho parecia,
 Que não dissera ninguem
 Senão que traz alegria:
 —E tantas, tam negras mágoas,
 Nunca as trouxe o sol nascente
 Desde que assoma no Oriente
 E se sepulta nas aguas.
 Toda a noite longa, immensa,
 Auzenda velou chorando,
 De suas lagrimas regando
 O leito viuvo e só;
 A ninguem sua dor intensa
 A desgraçada confia:
 Ninguem da triste ouve dó,
 Que do espôso em companhia
 Todo o castello a julgou.
 Porém a noite passou,
 E porfim, do novo dia
 Já o alvor vinha raiando,
 Sem apparecer Sisnando.

V

E' manhan; — tenue ainda a luz,
 Mas vê-se que é madrugada
 Auzenda ainda acordada
 Sente abrirem-lhe com tento
 A porta do aposento,
 E entrar... — «Será elle?... Oh vem!
 E's tu, suspirado espôso?!
 Disse ella em timida voz:
 Não lhe responde ninguem.
 Um suspiro doloroso
 Lhe dissipou a illusão.
 Oh quem se hade enganar

Com aquelle suspirar!
E' Adozinda, — voaram
Do maternal coração
Toda a mágoa e dissabores;
E os sentidos que ficaram
Foi para amargar as dores
Que n'aquelle *ai* a assaltaram.

VI

—«Filha, filha... a esta hora!
Que succedeu?. . . que tens tu?»
Calada Adozinha chora.
«Ai, não me chameis filha!»
Rompe em fim, a soluçar,
Nadando n'um mar de pranto,
Pasma, terror, maravilha.
Susto, medo, horror, espanto
No peito da triste Auzenda
Em confusão estupenda
De tropel foram quebrar.
—Que será? — É esse tyranno
De todo o socêgo humano,
Dúvida, o monstro fatal.
Que até nos deixa a esperança
Para que do incerto mal
Seja maior a pujança,
Venha mais fino o punhal
Quando n'alma se nos crava,
Esse do peito lhe trava,
E ao cruel padecimento
Dobra angústias e tormento.

VII

Adozinda, ajoelhada
Junto ao leito onde convulsa
Jaz a mãe atribulada,
Do coração, que lhe pulsa
Como se fôra quebrar,
Traz de amargo pranto um rio,
Que dos olhos vem a fio
As maternas mãos banhar;
As mãos que ella aperta e beja,
E que o pranto que goteja
Já não sentem derramar.

VIII

Volve a ti, mãe desgraçada,
 Volve, que o morrer agora
 Tamanha ventura fôra
 Que da sorte despiédada
 Concedido não será
 Vem ouvir tua sentença
 De morte... peior que morte,
 Vergonha horrorosa, offensa ..
 E de quem!... de teu consorte,
 Do pae monstro, monstro espôso ..
 Ai! para o tormento odioso,
 Para tamanha afflicção
 Não tem força o coração.

IX

Tudo lhe conta Adozinda,
 Tudo... tudo — interrompendo
 A horrorosa narração
 Ora as 'agrimas fervendo,
 Ora os soluços rompendo
 Do rasgado coração,
 Ora os labios descórados
 De pejo e terror gelados,
 Sem poder nem balbuciar
 O que é fôrça revelar.

X

—«Irás» disse Auzenda emfim,
 E a voz, que treme, assegura:
 «Irás, a teu...» — *pae* não disse,
 E um som rouco lhe murmura
 Nos labios onde a meiguice,
 Onde a maternal ternura
 Procuram em vão sorrir:
 «Irás, filha, a Dom Sisnando
 E lhe dirás que...»

«Senhora!»

Interrompe e!la chorando
 — «Que» torna a mãe «quando a hora
 Da meia-noite soar,
 Em teu quarto o hasde esperar.

Não temas, filha, não tremas,
Não chores, minha Adozinda,
Querida filha, não gemas,
Que hasde ser feliz ainda.
No angustiado seio
Guardemos inda a esperança:
Do céu mandada me veiu
Uma ditosa lembrança
Que nos poderá salvar.
No teu leito de ouro fino
Sou eu que me heide ir deitar;
Tua camisa de hollanda
A meu corpo heide lançar:
E quando elle nos seus braços
Ter Adozinda julgar...
Ah! que o céu hade abençoar
Este engano virtuoso,
E a ser pae, a ser esposo
Dom Sisnando hade voltar.»

XI

O dia em rezas passaram
Em devotas orações;
Mas quando as trevas poisaram
Sobre as muralhas da tórre,
Voltaram as afflições:
E o tempo—que leve corre
Para todos os viventes—
Só áquellas innocentes
Acintoso parecia
Que da ampulheta fadada
Bago por bago espremia
Cada hora minguada.

XII

Emfim meia noite sôa:
Dom Sisnando, aguilhoado
Do torpe amor—do peccado,
Impaciente ao prazo vôa
Que elle de amor julga dado.
Como louco, arrebatado
Corre ao leito de Adozinda,
Cego beija a face linda,

Que de certo não é d'ella,
 Mas que não é menos bella;
 Ao convulso peito aperta
 Aquelle peito formoso ..
 —Desgraçado, é tempo ainda,
 Do cruel sonho desperta,
 Que ao precipicio horroroso
 Já te vae a despenhar!...

XIII

Dom Sisnando é criminoso
 Quanto o podia ficar;
 Do intento abominoso
 Nada resta consummar.
 Já tristemente acordou
 De seu delirio fatal,
 E sorrindo amargamente,
 A' infeliz assim falou:
 —E era por isto... innocente!
 Que tanto se recitava
 Tua virtude fingida?
 Ah! essa alma corrompida
 Mais do que teu corpo estava.
 E tu...»

Não pôde ouvir mais
 A triste mãe; não lhe soffrem
 As entranhas maternas
 Ouvir a filha adorada
 De tal modo calumniada,
 E por quem, e em que momento!
 C'um suffocado lamento,
 Que do peito rebentando
 Trouxe aos labios alma e vida,
 Quebra o silencio:— «Ah, Sisnando!
 Ah, senhor, matae-me embora;
 A desgraçada sou eu »
 E a terra n'aquella hora
 Rasgada não soverteu
 O infeliz, que meio morto,
 No abysmo do crime absorto,
 D'este golpe inesperado
 Á violencia cedeu!

XIV

Silencio largo, mortal
Foi a unica expressão
Que por longa duração
N'aquelle estado fatal
Entre esses dois foi ouvida.
Porém no perdido peito
De Sisnando atribulado
Foi a vergonha vencida
Pelo irritado despeito:
Dos remorsos avexado,
Porém mais pungido ainda
De seu crime mallogrado,
Brada em colera abrazado:
—Pereça a filha descrida
(Que deshonrou seu...)

— *Pae* não,

Pae não ousa proferir.
A palavra, suspendida
Por fria, pesada mão
De remorso insubjugado,
Lhe voltou ao coração
A lacerar-lh'o, a vingar-se
Da mal-soffrida oppressão.

XV

—«Ouvi-me, senhor: culpada
Sou eu só...» a triste espôsa
Lhe diz, mas não ouve nada
Aquelle alma furiosa,
Já n'este mundo ralada
De quanta pena horrorosa
No inferno está guardada
Para crimes como o seu.

XVI

Parte; corre; — o brado horrivel
Por todo o castello sôa
Tam medonho como trôa
Medonho trovão de outomno.
Despertos do brando somno
Todos são: — ordens que deu

São taes, que de horror tremeu
A gente absorta pasmada.
Tristemente obedecendo,
Co'a face ao chão inclinada
Se vão a medo, e mal crendo
Que não seja sonho vão
O que ouvindo e vendo estão.

XVII

Do castello para um lado
Uma antiga tôrre havia
Cercada de largos fossos,
Que é memoria haver fundado
Um rei mouro que vivia
Ha muito, de quando os nossos
Mourisca gente regia.
Alli uma espôsa sua,
Que elle achou ser-lhe infiel,
Sete annos e mais um dia
Fechada a teve o cruel,
Sósinha, a grilhões e nua;
E só pão sêcco lhe dava,
Mas agua não consentia
Que nunca ninguem lh'a desse
Para que á sêde morresse.
Valeu-lhe quem tudo póde,
Que ao infeliz sempre acode:
Vinha-lhe orvalho do céu,
De que os sete annos bebeu.
E enfim o septimo anno
De tal milagre vencido
Foi o proprio rei tyranno,
Que a liberdade lhe deu,
E do crime commettido,
Se o havia, se esqueceu.

XVIII

Para esta tôrre deserta,
No verão ao sol exposta,
Que abrasado a queima e tosta,
No rigor do inverno aberta
A chuvas, á ventania,
Sisnando — quem tal dirial

Mandou a filhinha linda,
Que alli fechada gemesse,
A virtuosa Adozinda!...
E ai de quem agua lhe desse,
Lhe desse vestido ou cama,
Que da sêde á morte crua
— Qual o mouro a sua dama —
Alli quer que morra nua,
De todos desamparada,
De seu pae amaldiçoada,
Só da triste mãe chorada!

XIX

Sem dar sómente um gemido,
Sem se carpir, nem queixar,
Como a ovelhinha tremente
Que sem dar nem um balido
Se deixa á morte levar,
Vae Adozinda innocente
Para aquella feia tôrre.
Pranto que furtivo corre
De quantos olhos a viam,
A acompanha tristemente,
E o pae!... Ancias que o remordem
Ninguem as sabe nem vê.
N'um aposento encerrado,
Onde nem ao mais privado
Concedido é metter pé,
Só ficou, só permanece:
Só! — antes acompanhado
De quem os seus não esquece
Do remorso, — do peccado.

CANTIGA QUARTA

You do me wrong, to 'ake me out o'the grave:—
Thou art a soul of bliss: but I am bound
Upon a wheel of fire, that mine own tears
Do scald like molten lead.

SHAKESPEARE.

I

SETE annos e um dia
Foi a sentença cruel
Que Adozinda cumpriria
N'aquella tôrre fechada.
E o tyranno bem sabia
Que nem tres dias sómente
Viver podia a innocente
Com a sêde, a denudez.
Uma semana é passada
Passado é um mez e outro mez,
Anno e annos decorreram;
E os sete annos feneceram
Sem que Adozinda formosa
Em tal mingua percesse,
Sem que ao menos desmer'cesse
Em seu rosto uma só rosa.

II

Veu, um dia—n'esse dia
O cativoiro acabava—
No mais alto o sol ardia
E a terra toda abrasava,
Na tôrre uma voz se ouvia,
(E é esta a primeira vez)
Era uma voz que pedia,
Que supplicava piedade:
«Uma sêde, uma só d'agua,
Uma só por compaixão,
Que me abraso n'esta fragua,
Que me estalla o coração.»

III

A voz de Adozinda bella
Todos clara conheceram;
C'os olhos na alta janella
De toda a parte correram:
— Vive, inda vive! bradavam,
A innocente! vinde vê-la.
E uns aos outros recontavam
Das virtudes, da paciencia
D'aquelle anjo de innocencia
Que, ha muito, morta julgavam.
Outra vez se torna a ouvir
O mesmo clamor sahir
Da torreada prisão:
— Uma sêde, uma só d'agua,
Uma só por compaixão,
Que me abraço n'esta fragua,
Que me estalla o coração.»

IV

A todos se commoveu
O mais intimo do peito,
Mas não ousam a affrontar
Do pae o sevo despeito.
«Tem paciencia, anjo do céu!»
Com lagrimas responderam,
«Que já não póde tardar
O pae que te vem soltar.
Os sete annos decorreram,
O dia está a acabar;
Soffre mais este momento,
Que hoje acaba o teu tormento.»

V

— Oh! como heide eu supportar,
Amigos meus da minha alma,
Se a vida sinto acabar,
Sinto abraçar-me da calma!
Sete annos me acudiu Deus,
Que por milagre vivi,
Dava-me orvalho dos céus,
De que sete annos bebi.

Do estio ardentes queimores
 No meu corpo os não senti,
 Do inverno os frios rigores
 Tambem esses não tremi.
 Mas ha tres dias que a mão
 Do Senhor me abandonou.
 Tudo, tudo me faltou...
 Oh! tende de mim piedade!
 Uma sêde, uma só d'agua,
 Uma só por compaixão,
 Que me abraso n'esta fragua,
 Que me estalla o coração!
 De novo alto choro ergueram,
 Lastimado pranto gemem;
 Mas de seu tyranno tremem,
 Só a chorar se atreveram.

VI

Sôa a nova no castello,
 Vae correndo em derredor,
 De que por fim fôra ouvido
 Aquelle anjo soffredor
 Soltar queixoso gemido,
 Piedade emfim supplicar.
 Só a Auzenda, que expirando
 No leito da morte jaz,
 Para que morresse em paz
 Vão a notícia occultando.
 Mas soube tudo Sisnando,
 E no duro coração
 Já vacilla a crueldade,
 Já vislumbra a compaixão:
 Dos seccos olhos covados,
 Que inspiravam medo e espanto,
 Como que da mão tocados
 De algum anjo punidor,
 Salta repentino o pranto.
 Qual onda que estalla em flor
 Sôbre o penedo ouriçado,
 Todo em lagrimas sanguineas
 O infeliz debulhado,
 Para aquellâ infausta tôrre
 Com incerto passo corre
 Em altos gritos bradando:

— «Agua! trazei agua, vinde,
Acudi á desgraçada,
A uma filha malfadada
Que por mãos de seu pae morre!»

VII

Assim correndo e gritando
Chegava á horrivel prisão
Em que gemia Adozinda:
— Filha, filha, é tempo ainda;
Perdão, ó filha, perdão
Para este algoz . . . — Cortou-lhe
O excesso da paixão
Lingua e força; a voz quebrou-lhe,
E por mortô cae no chão.

VIII

Oh! que povo se ajuntava
No Castello de Landim!
E com que horror que elle olhava
Para aquelle triste fim
De tamanho cavalleiro
Tam rico e grande senhor,
Tam esforçado guerreiro!
A Auzenda chega o rumor
Do successo inesperado,
Dá-lhe lôrça e vida amor;
O fio meio cortado
Da existencia lhe atou.
Éil-a se ergue, e em mal firmado
Passo corre — e lá chegou.

IX

E já por ordem de Auzenda
Co'a porta negra e tremenda
Investem da tôrre erguida:
Range o ferro, os gonzos gemem,
Parece que já rendida
Vae de todo; — á roda tremem,
Do fundamento aluida
A tôrre, os solidos muros.
Mas em vão de centenares
Dos mais rijos braços duros
Se movem os Instrumentos
Que em muralhas mais valentes

De castellos regulares,
De mais solidos cimentos
Têm a miudo triumphado.

X

Parece encanto: — será?
O povo maravilhado
Já por tal, tremende, o dá.
Cessam todos, encantado
É o negro portão ferrado...
E o povo desanimado
Da empreza desiste já.

XI

Arreda, arreda, infanções,
Cavalleiros, dae logar,
Com licença, nobre dama,
Que ahi vem um santo ermitão:
Com as suas orações
Este encanto hade quebrar,
Ou, se do demonio é trama,
Com o seu bento condão.
Elle o hade desmanchar.
— Eil-o chega: — este semblante
Não é aqui desconhecido...
Esta barba, este vestido...
E' elle o mesmo ermitão
Que a noite de San'João
(Não ha dez annos ainda)
No castello pernoitou,
Que Sisnando o maltratou.
Mas, por a bella Adozinda
Pedir muito, lá ficou.

XII

Com a cabeça cuberta
Do seu agudo capuz,
Os olhos de côr incerta.
Pasmados, fixos. . . e a luz
Que d'elles sae é tam viva
Que a espaços da vista priva
Quem de perto os quer fitar!
As mãos cruzadas no peito,
Vagaroso seu andar,
Tam pesado e de tal geito

Que faz um ecco tremendo
Quando os passos vae movendo,
E como que a terra e o ár,
Com o pezo vão gemendo...
Foi seu caminho direito
Da tôrre á porta ferrada;
Sem attender a mais nada,
Sem olhar nem para Auzenda,
Que em lagrimas debulhada
Supplices mãos lhe estendia.
Chega á porta, e em voz horrenda
—«Abre-te!»—disse. Estalou
O ferro medonhamente,
E a porta se escancarou;
Mas elle subitamente,
Voltando-se para a tur'ba,
Que alto alarido alevanta
E em derredor se perturba,
Com gesto que aos mais ousados
Todo o animo quebranta:
—«Emudecei!» lhes bradou.
Ficaram todos calados;
E—*emudecei*—revibrou
De eccos em eccos dobrados
Pelo castello e jardim,
Pelos soutos ao redor,
Pelos campos dilatados
Que a Dom Sisnando obedecem
E por senhor reconhecem
Ao rico-homem de Landim.
Depois estendendo a mão
Ao logar onde jazia
Por morto no frio chão
O desgraçado Sisnando,
Estas palavras dizia
Que em ouco som vão soando:

--«Eu te esconjuro,
Alma perdida,
Volta-te á vida!

«Que o teu peccado,
Abominado
Do proprio inferno,
Só tem perdão

Com longa vida
De penitencia,
De contricção,
Que a alma perdida
Salve do inferno,
Da maldicção.

«Eu te esconjuro,
Alma perdida,
Volta-te á vida!

«O anjo celeste
Na hora última
Te perdôou,
E ao Pae Eterno
A tua victima
l'or ti rogou.

«Lazaro immundo,
N'esta grande hora
Volve-te á vida,
Vem, surge fóral!»

XIII

Em pé está Dom Sisnando:
Vivo está, morto parece,
Tam negro véo lhe ennoitece
O verde-pallido rosto,
Onde o seu sêllo já posto
Tinha o archanjo da morte.

XIV

De joelhos o ermitão,
Com a cabeça coberta,
A' porta da tórre aberta
Faz breve e baixa oração.
Eis violento repellão
A terra, tremendo, deu,
E d'alto abaixo a muralha
Largamente se fendeu.
Viram todos claramente
O interior patente
Em que jazia Adozinda,
D'onde ha poucas horas inda

Sua voz se ouviu clamar,
E por uma sêde de agua
Ao seu algoz supplicar.

XV

N'um leito de frescas rosas,
Que aromas do céu recendem
Mortæ Adozinda jazia:
Suas feições mais formosas,
Mais angelicas resplendem.
Uma suave harmonia
Tã brandamente soava,
Que ao coração parecia
Que por piedade o affagava
A quem saudoso gemia.
--A alva frente, não tocada
Pela mão da morte livida,
De lirios do céu coroada
Brilhava com luz tam vivida
Que parecia toucada
De puros raios do sol.
As mãos postas sobre o peito
Para o céu se alevantavam,
E como que d'alma justa
Para a morada apontavam.

XVI

Oh! que vista, oh! que momento
Para a triste mãe!—Faltava
Só este último tormento.
A malfadada cuidava
Que nenhum padecimento
Para gemer lhe sobrava!
Era este. — E a dor ignora,
Não sabe o que é padecer
Quem o filhinho que adora
Não viu ainda morrer...

XVII

Levantou-se o Ermitão
E bradou: — «Ajoelhemos,
E a mão de Deus adoremos.»
Submissa resignação
Póde a voz tolher á dor,
Não tira do coração

Seu espinho pungidor,
 Que em silencio é mais cruel,
 Rasgà mais, e na ferida
 Mais acre derrama o fel.
 A paciencia soffrida
 Da triste Auzenda cedeu;
 Não exclamou, não gemeu,
 E em tributo de respeito
 Sua mágoa fechou no peito.

XVIII

E Sisnando? — O desgraçado
 No pó da terra humilhado,
 Só se lhe conhece a vida
 Na agitação comprimida
 Do convulso soluçar.

XIX

Para a ermida do castello
 Emfim o corpo levaram
 E n'um cofre de ouro fino
 Como reliquia o guardaram.
 — Muito a não carpiu Auzenda,
 Que a morte compadecida
 Cedo a libertou da vida.
 Porém a longa existencia
 De remorso e penitencia
 Sisnando foi condemnado:
 Cuberto de horror e opprobrio
 Cumpriu seu mesquinho fado;
 Onde? — Ninguem mais o soube.
 Do castello aquella noite
 Com o Ermitão se sumiu:
 Nunca mais d'elle se ouviu.
 Mas á meia noite em ponto
 Na capella de Landim
 Se ficou sempre escutando
 Gemer uma voz medonha,
 Que pede perdão bradando:
 E essa voz diziam todos
 Que era a voz de Dom Sisnando.

NOTAS

Nota A

O romance em que lhe falei n'uma das minhas ultimas cartas de Portugal pag. 15

A *Adozinda* foi começada em Campolide, ao pé de Lisboa, no verão de 1827, concluida na cadeia do Limoeiro no fim d'esse mesmo anno, e publicada em Londres no outomno de 1828, em um vol., 12º, sem nome do auctor, e com a seguinte breve Advertencia precedendo a carta ao sr. Duarte Lessa, que era o verdadeiro prefacio:

«ADVERTENCIA — O auctor d'este romance, animado pelo lisongeiro favor que outras publicações suas têm merecido ao publico portuguez e a distinctos litteratos estrangeiros, emprehende esta nova publicação, cujo assumpto é tirado da antiquissima tradição popular e se refere aos mais remotos tempos e costumes de nossas epocas heroicas e maravilhosas. Espera elle que não desagradará aos amantes de um genero que fez a colossal reputação de sir Walter Scott, e restituiu á antiga Escocia—na republica das lettras—o nome e independencia que ha tanto perdera na ordem politica.

«Ainda que em pouco habeis mãos, a lingua portugueza sahirá mais uma vez á próva singular de bisarria com as mais cultas e gabadas linguas da Europa: e será culpa do cavalleiro, não sua, se o premio da belleza e valentia lhe não fôr adjudicado por todo o juiz imparcial. (*Nota da segunda edição.*)

Nota B

Resumo da historia da lingua e da poesia portugueza que vem no I vol. do PARNASO-LUSITANO..... pag. 16

Foi o meu primeiro ensaio de critica litteraria, e muito ha que devo ao publico reimprimil-o, emendando-o e additando-o, como tanto precisa. E' tra-

balho que demanda porém o vagar de outros cuidados e uma serenidade de espirito que não tenho tido. Hei de fazel-o e breve. (*Nota da terceira edição.*)

Nota C

Boscan gaba-se de haver introduzido na Peninsula os metros toscanos..... pag. 16

A expressão é inexacta: os Toscanos houveram os metros endecasyllabos dos mesmos de quem nós os houvemos, dos trovadores. Vej. o *Cancioneiro do Collegio dos Nobres.* (*Nota da segunda edição.*)

Nota D

A lingua provençal, primeira culta da Europa,... pag. 17

Generalizaram esta opinião no mundo os eruditos trabalhos de Mr. Raynouard: eu duvido hoje muito d'ella, isto é. formulada d'este modo. Estou inclinado a crêr que houve uma lingua romance, que teve por base o Romano-rustico falado, e que geralmente predominou nos paizes de dominação wisigothica desde a extrema Aquitania até o que hoje é Algarve; e que esta lingua quasi latina é o commum tronco do Provençal que morreu á nascença, do Aragonéz que não passou da infancia, do Portuguez e do Castelhana que chegaram a perfeita maturidade, e de outros mais obscuros dialectos cujo desenvolvimento as circumstancias politicas e topographicas annullaram. Nem julgo difficil demonstral-o; mas não é aqui o lugar, nem caberia no curto espaço de uma nota. (*Nota da segunda edição.*)

Nota E

Logo vieram esses trovadores de Provença..... pag. 17

A simples leitura dos nossos Cancioneiros mostra que aquella não era a poesia popular: os seus requiebros, todos cortezáos e palacianos, desdizem da ruda singeleza e energica originalidade do trovar do povo. E comparados aquelles cantares de saraos com os fragmentos das xácaras e soláos que a tradição oral tem conservado, ainda que pervertidos e viciados como elles andam, vê-se que estes é que são a pri-

mitiva e legitima poesia nacional. (*Nota da segunda edição.*)

Nota F

As balladas de Bürger, os romances de Sir W. Scott..... pag. 18

Vej. na collecção intitulada *Minstrelsy of the Scottish border* (Cancioneiro das fronteiras da Scocia) a historia da renascença do genero popular na Gran Bretanha contada pelo mesmo W. Scott. (*Nota da segunda edição.*)

Nota G

Cancioneiro do Collegio dos Nobres..... pag. 20

Ha tempos que se designa com este nome o Cancioneiro do tempo de el-rei D. Diniz que se guarda na livraria do que hoje é Escola Polytechnica, e era então Collegio dos Nobres. Copiou-o quando esteve ministro em Lisboa Sir Charles (depois Lord) Stuart, e em Paris o imprimiu, 25 exemplares, creio eu, quando alli foi embaixador.

Descubriram-se, ha poucos annos, na bibliotheca de Evora algumas folhas que faltavam no manuscrito de Lisboa, e com este additamento se reimprimiu em Madrid ultimamente pelo zeloso cuidado do Sr. Varnhagem, ministro do Brasil n'aquella n'aquella côrte. (*Nota da terceira edição*)

Nota H

Canções que não serão talvez de Gonzalo Hermigues, etc..... pag. 21

Estas e todas as reliquias duvidosas do nosso romance irão todavia no logar e livro competente da actual collecção. (*Nota da terceira edição.*)

Nota I

Aquelle romancesinho de Gaia e do rei Ramiro . pag. 22

É um curioso e rarissimo exemplar, documento notavel da litteratura portugueza do seculo dezeseete. Intitula-se *Gaia*, e é impresso no Porto em um folheto de 4.º, com 15 ou 20 paginas Tenho hoje grande pena de não ter tirado copia inteira d'elle antes de o restituir ao meu amigo o Sr. Lessa, em cujo es-

pólio deverá estar: mas não pude obter mais noticias d'elle; e outro exemplar não o vi nem sei de quem o visse. Começa com estas duas oitavas que agora encontro, incompletas, entre os meus apontamentos. Todo o poema é na mesma rima:

I

Cantemos de Ramiro rei d'Hespanha
E de el-rei Almançor de Berberia,
Quando por desventura tam estranha,
No mais de Hespanha então mouros havia,
Com ânimo cruel, com cruel sanha
Cada qual ao outro pretendia
Privar de sua fama, honra e estado,
Com todas suas forças e cuidado.

II

D'esse Ramiro, digo, o esforçado,
Que d'este nome tres com elle hão sido,
D'aquelle que com Gaya foi casado
Por quem tantos trabalhos ha soffrido...

(Nota da segunda edição.)

Possuo hoje um exemplar completo que devo ao obsequioso cuidado do Sr. N M de Sousa Moura, distincto e letrado official do nosso exercito, que, talvez por isso, não occupa n'elle o logar que lhe pertence. (Terceira edição.)

Nota K

Adeante copio um dos mais curiosos (o do Bernal-francez)..... pag. 25

O romance d'este nome na primeira edição da *Adozinda* em Londres ia inserto na presente carta: por melhor classificação vae agora separado E o texto original, segundo o conservou a tradição dos povos, irá no logar competente do *Romanceiro*, mas muito mais correcto e melhorado agora pela collação das diversas versões que tenho obtido. (Nota da segunda edição.)

Nota L

Este terreno é santo: inda estás vendo
Alli aquelles restos mal poupados..... pag. 31

Em Campolide e nas alturas que avizinham o celebre aqueducto das *Agua livres* se encontram muitos restos de fortificações antigas e que parecem de diversas datas. O proprio nome de Campolide, abreviação de campo da lide, ficou a este sitio da batalha

que alli se deu nas guerras da aclamação de D. João I. Vej. *Próvas genealogic.*, Duarte Nun. e quasi todos os nossos historiadores. (*Nota da primeira edição.*)

Nota M

...Essas arcadas,
Suberbas, elevadas..... pag. 32

O aqueducto das *Aguas livres* é o mais nobre e util monumento de Lisboa: edificou-o D. João V, que nem sempre empregou tão bem os immensos cabedaes dos thesouros do estado, que então regorgitavam com o ouro das minas do Brasil e de outras possessões portuguezas. D. João V todavia amou, ao menos protegeu, as artes e as letras; foi culpa não sua mas do seculo, se de tão máo gosto eram as letras que protegeu. O crepusculo da nossa rehabilitação litteraria luziu em seu reinado. A isto alludem os versos:

Um rei que amou as artes, rei pacifico
A quem amor fadou
Que seu fôsse e das musas, etc.

Assim como alludem tambem a seus bem sabidos amores e espirito galanteador. D. João V tinha a ambição de querer imitar Luiz XIV, seu contemporaneo—até nas fraquezas. (*Nota da primeira edição.*)

Nota N

Lembra-te, aquella historia
Que ingenuo o povo nos seus trabalhos canta.... pag. 35

É a xácara ou lenda da *Silvaninha*, cujo texto original vae no logar competente do *Romanceiro*. (*Nota da segunda edição.*)

Nota O

É singela legenda de uma santa,
Que por brutal amor sacrificada,
Desvalida virtude,
Só de crime escapou no seio á morte..... pag. 35

A tradição popular attribue esta nefanda aventura a um rei que se namorou da sua propria filha, como a antiga Myrrha se namorára de seu pae.—Provavelmente ambas as duas anecdotes têm seu fundamento historico na chronica escandalosa das

familias de alguns regulos ou senhores das diversas epochas. O observador curioso notará o differente character de duas historias tam semelhantes, e colherá o essencial ponto em que o nosso *maravilhoso* moderno differe da antiga mythologia, não tanto nos nomes dos deuses e deusas e outros agentes sobrenaturaes, mas principalmente no tom, na moral, na sensibilidade, e n'um certo não sei quê de ternura e melancholia que nos mais rudes e imperfeitos ensaios da poesia nacional se acha sempre como principal e dominante côr do quadro. A differença não está em chamar ao sol Apollo, ao amor Cupido, á guerra Marte; sim na maneira de conceber, de pensar, de pintar, de moralisar as mesmas idéas, as mesmas coisas por differente modo. (*Nota da primeira edição.*)

Nota P

Cantiga primeira..... pag. 37

Na primeira edição chamavam-se cantos as quatro partes d'este romance. Era dar-lhe uma pretensão de epopêa que o pobre não tinha. Demais, cantiga é o nome popular verdadeiro, e por isso lh'o mudei para elle. Os antigos menestreis inglezes chamavam *fitts* — como quem diria *accessos* — os francezes *lais* — como quem diz *ramos* — ás diversas secções em que partiam os seus romances mais longos. A participação fazia-se por causa do canto: e *cantiga* «o que se pôde cantar de uma vez» parece portanto o mais proprio nome. O Cancioneiro do Collegio-dos-Nobres diz *cantares*. (*Nota da segunda edição.*)

Nota Q

Como os picos do Gerez
Quando em janeiro lhe neva..... pag. 37

O Gerez é serra altissima na provincia do Minho, de alpestres alcantis, coberta de plantas alpinas de curiosissima *flora*; as summidades conservam quasi todo o anno resplandecentes massas de gêlo. Ha nas faldas da serra as famosas aguas mineraes conhecidas pelo nome de Caldas do Gerez. (*Nota da primeira edição.*)

Nota R

Mas pede Adozinda bella,
 Tal virtude e formosura,
 Quem lh'o hade negar a ella?
 Não póde o pae nem ninguem..... pag. 38

É uma occorrença muito commum nos romances populares, e de sincera belleza homérica, esta de negar o senhor do castello a poisada ao peregrino, mas ceder depois ás intercessões da filha compadecida, donzella innocente e malfadada, que quasi sempre vem a ser victima de sua propria bondade. Assim na lenda tam sabida e tam nacional de Santa Iria:

Pedia poisada,
 Meu pae lh'a negava;
 Mas eu tanto fiz
 Que por fim entrava.

(Nota da segunda edição.)

Nota S

E guiaram seu pendão
 Para terras de Moirama..... pag. 39

Moirama, na phrase do povo, quer dizer terra de moiros. N'outro genero de poesia é certo que não ficaria bem o vocabulo, mas n'este quadra. (Nota da primeira edição.)

Nota T

Que tropel que vae nos Paços
 De Landim aopé dos rios..... pag. 40

Em minha imaginação puz a scena d'este romance em um dos sitios mais pittorescos da mais formosa provincia de Portugal, o Minho. Landim (haverá mais terras do mesmo nome; esta é a que eu conheço) é uma povoação pequena em que houve, outro tempo, uma famosa casa e pingue possessão de Jesuitas: fica perto dos rios Ave e Vizella, que não longe d'ahi se juntam para correr unidos a desembocar em Villa-do-Conde e perder-se no mar. (Nota da primeira edição.)

Nota U

Que ou são sombras de finados,
 Ou de negras bruxas más
 Alli ha nocturna dansa..... pag. 47

Estas boccas de cavernas, e outros recéssos — as-

sim de bosques, montanhas e que taes, são em todos os paizes, pela imaginação do vulgo, povoados de entes mysteriosos e ás vezes malfazejos. Sombras de finados cantando seus hymnos terriveis, bruxas celebrando os torpes mysterios do seu *sabbado*, são cosmopolitas. A nossa mythologia popular tem mais outra especie de entes sobrenaturaes, que é privativa nossa. — São as *Moiras encantadas*, que nem são bruxas, duendes nem fadas, mas lindas e amaveis creaturas que se divertem a encantar, a excitar os desejos dos pobres mortaes — e ás vezes, tam boas são! a satisfazêl-os.

Não é d'este logar o exame, que seria bem curioso, da mythologia nacional portugueza. Basta dizer, como o A. de *Dona Branca*, que devemos explorar esta mina tam rica, e tam pouco lavrada, de bellezas poeticas originaes e novas que, sem emprestimo nem favor alheio, podêmos haver do nosso e de casa.

(*Nota da primeira edição.*)

Nota V

Se a ha, não lhe acudiu Deus,
Venceram peccados seus..... pag. 5c

O povo é geralmente fatalista; e o nosso portuguez o mais fatalista que eu conheço. *Tinha de succeder, era coisa que o perseguia*, e outras que taes razões. são a explicação de todo o phenomeno estranho que o surprehende.

Aqui a cegueira da ignorancia leva pelo mesmo caminho que os desvarios da sciencia. A coisa é a mesma ao cabo: vaidade e presumpção humana.

(*Nota da primeira edição.*)

Nota X

Mas diz que não ha condão
Peior que o da maldição..... pag, 53

A maldição do pae desacatado, ou do pobre maltratado, passam entre o povo por ser as mais terribes e inevitaveis Atéqui a moral de accordo com a crença vulgar. Mas a maldição, hereditaria em seus effeitos, é outra parte d'este dogma popular que em verdade repugna.—É certo porêem que se é acaso, o acaso tem servido muito bem os fautores d'aquella crença. (*Nota da primeira edição.*)

Nota Y

Ah! essa alma corrompida

Mais do que teu corpo estava... pag. 58

O leitor verá n'esta passagem, no conselho de Auzenda á filha, em muitos logares d'esta e da cantiga IV principalmente, quanto fiz por me conservar perto do romance primitivo, assim no pensamento como até na phrase e stylo, tanto quanto o permittia a decencia, e outras vezes a correcção da phrase, e já tambem a indole do meu romance. (*Nota da primeira edição.*)

Nota Z

Sete annos e um dia

Foi a sentença cruel

Que Adozinda cumpria..... pag. 62

Sete annos e um dia é o periodo mysterioso de quasi todos os nossos Contos de fadas, encantamentos e coisas semelhantes.

No mui galante romance do *Caçador*, que é um dos mais queridos do povo, se diz:

Sete fadas me fadaram
Nos braços de mi' madrinha,
Que estivesse aqui sete annos,
Sete annos e mais um dia.

O numero sete é mysterioso em todos os povos, mas esta expressão algebrico-neigromantica de $7+1$ crejo que é só portugueza. (*Nota da primeira edição.*)

É de toda a peninsula. Vej. os romanceiros castelhanos. (*Nota da segunda edição.*)

Nota AA

Arreda, arreda, infanções,

Cavalleiros, dae logar..... pag. 66

Veja o glossario de Santa Rosa para ampla explicação do que eram *infanções* entre nós. Para intelligencia d'esta passagem basta saber-se que era uma especie de vassallos mais distinctos. (*Nota da primeira edição.*)

Nota BB

E por senhor reconhecem

Ao rico-homem de Landim..... pag. 67

Sobre o *rico homem*, veja o mesmo glossario. A dignidade le rico-homem, perfeitamente obsoleta em

Portugal, ainda a mencionam os fidalgos castelhanos em seus titulos.

Rico-homem, naturalmente, quer dizer magnata, da primeira aristocracia, *procer*, grande senhor. (*Nota da primeira edição.*)

Nota CC

E essa voz diziam todos

Que era a voz de Dom Sisnando..... pag. 7c

Esta especie de *vindicta-publica*, com que o povo stygmatisa a memoria dos malvados e grandes criminosos, é muito provavelmente a origem das almas do outro mundo, dos *revenants*, vampiros, etc., etc.

Se se procurar bem a fonte primitiva de todas as fábulas, vêr-se-ha que não ha credulidade mythologica que não tenha por base o instincto da moral e da justiça, commum a todos os povos. (*Nota da primeira edição.*)

ROMANCES RECONSTRUIDOS

(BALLADAS)

I

BERNAL-FRANCEZ

Este romance é tirado de uma das mais conhecidas e provavelmente mais antigas xácaras que o povo canta. Sua contextura simples mas forte, a scena tão dramatica com que abre, o fecho sublime com que termina dão-lhe todos os caracteres de poesia primitiva e grande de um povo heroico, de uma gente que tomava as coisas da vida ao serio, como a nossa era. Estou que é originariamente portuguez: não apparece em nenhum dos Romanceiros castelhanos, nem na vasta collecção de Ochoa.—O texto, como o conservou a tradição oral dos povos, dál o hei no logar competente, segundo lh'o talhei no prefacio d'este volume,¹ e demandava o systema da minha compilação: e ahi se vejam as conjecturas que tenho feito sobre esta preciosa reliquia da nossa poesia popular.

¹ Vid. adiante. Parte III—Traduções populares portuguezas—Romances cavalheirescos.

Mr. Southey, o famoso poeta e historiadór inglez, tendo lido a *Adozinda* e o *Bernal*, quando os publiquei a primeira vez em Londres em 1828, escrevia ao meu amigo mr. Adamson, o biographo de Camões: «que estes eram dois monumentos de mais remota antiguidade talvez do que nenhuma d'aquellas canções irlandezas que elle até alli tivera na conta de serem os vestigios mais antigos de toda a poesia popular das nações do oéste da Europa.»

Communicando-me esta reflexão, tão lisonjeira para um collectór entusiasta de antigualhas, mandou-me o sr. Adamson a tradução ingleza, que pela primeira vez agora sáe impressa, e o leitor achará logo adiante do texto portuguez.¹

No verão de 1840, quando apromptei para a presente edição esta parte do volume, dediquei o *Bernal Francez* a uma joven senhora, que juntava a outras admiraveis qualidades a de possuir, no mais eminente gráo que ainda encontrei, o sentimento do bello, do grande, do verdadeiro nas artes. Este romancinho era o seu valido d'entre todas as minhas escreveduras poeticas: consagrei-lh'o... Hoje é um monumento! bem pobre e mesquinho para memoria de tanta saudade!

Todavia o seu desejo e empenho era que

¹ Vid. loc. cit. a nova tradução por M. Adamson, LUSITANIA ILLUSTRAT, part. II. Newcastle 1846. Esta segunda versão ingleza vem adiante na parte III—Traducções populares—Romances cavalheirescos, bem como a tradução castelhana do sr. Isidoro Gil, já tão conhecida e apreciada entre nós.

eu fizesse uma verdadeira epopêa, e me deixasse d'estas coisas que nunca podiam passar de *bonitinhas*. A perda de D. Sebastião em Africa era o assumpto que me dava: dizia — e dizia bem — que devia ser o reverso da medalha dos *Lusiadas*, e que podia ser o mais popular e nacional de todos os poemas portuguezes depois d'aquelle. Ponho isto aqui para commentario dos versos que se seguem, e que aliás não seriam entendidos.

15 de outubro de 1842.

A ADELIA ¹

Tu queres, amiga, que eu deixe
Minha harpa no chôpo do monte,
Que nem sempre me chore e queixe,
Que seja poeta... a cantar!
Que da brava inculta deveza
Me não fique pasmado á fonte
A admirar só a natureza,
Sem um brado de glória alçar!
Na escarpada selvatica brenha
Não se colhem senão rudes flores,
Bem o sei—crescem-lhe hirtas na grenha,
São singelas
De fôlha e de côres,
Não se toucam as bellas
Com ellas:

Não se enfeitem jardins de formosas
Com musquetas bravias e rosas!
—Vê o nobre, magnifico traço ²
Do regrado edificio de Homero,
Do mavioso Virgilio, do Tasso!
(Dizes tu, maga musa de amor)
«E ora terno e mavioso, ora fero,
Ja sublime, ja doce—o cantor
De Ignez bella, feio Adamastor.
Como erguendo, campêa, a alta frente
Sôbre todos os vates do Pindo!»
—Vejo, oh! vejo, que esta alma ardente
Já nos vôos andou seguindo
Essas aguias mais remontadas...
Hoje é abelha, ahi anda zumbindo
Por entre agras, singelas flores,
Desalinhas:

Mas são flores que nascem na serra
Onde todo o seu mundo se encerra,
Porque ahi tem—o seu bem—seus amores.

Bemfica, 12 de maio de 1840.

¹ D. Adelaide Pastor. (DA REVISÃO.)

² Vid. a introdução ante, pag. 256.

BERNAL-FRANCEZ

I

Ao mar se foi D. Ramiro.
Galé formosa levava;
Seu pendão terror dos Mouros
N'alta pôpa tremolava.

Oh que adeus na despedida!
De saudades vae ralado;
Com tantos annos de amores,
Não tem um de desposado.

Nem ha dama em toda a Hespanha
Tam bella como é Violante;
Não a houvera igual no mundo
Se ella fôra mais constante.

Bate o mar na barbacan
Do castello alevantado,
Só a vela ¹ na alta tôrre
Não cede ao somno pesado.

Tudo o mais repousa e dorme,
Tudo é silencio ao redor;
Dobra o recato nas portas
Com a ausencia do senhor.

Mas a certa hora da noite
Se vê luz n'uma seteira,
E logo cruzar por perto
Leve barca aventureira.

Muitas noites que passaram,
Manso esteja ou bravo o mar,
A mesma luz, á mesma hora,
A mesma barca a passar.

E isto ignora o bom Rodrigo,
 Que tam fiel prometteu
 De guardar a seu senhor
 Juramento que lhe deu?

Saberá, não saberá:
 Mas a c'ravella ligeira,
 Que ao pé da torre varada
 Jazia alli na ribeira.

Uma noite escura e feia
 Na praia menos se achou...
 Quem n'ella foi não se sabe,
 Mas onde foi não tornou.

E o farol que no alto luz
 A' mesma hora a brilhar...
 Só a barca aventureira
 Não foi vista hoje passar.

E d'um lado ao pé da rocha
 Havia um falso postigo:
 Só o sabem D. Ramiro,
 Violante e o fiel Rodrigo.

Mas alta noite, horas mortas,
 Gente que o postigo entrava,
 E á porta de Violante
 Manso bater se escutava.

«Quem bate á minha porta,
 Quem bate, oh! quem 'stá ahí?
 —Sou Bernal-francez, senhora,
 Vossa porta a amor abri.»

Ao descer do leito d'ouro
 A fina hollanda rasgou,
 Ao abrir mansinho a porta
 A luz que se lhe apagou:
 Pela mão tremente o toma,
 Ao seu aposento o guia:
 «Como treme, amor querido,
 Esta mão, como está fria!»

E com osculos ardentes
E no seio palpitante,
Que lhe aquece as frias mãos
A namorada Violante.

«De longe vens? —De mui longe.»
«Bravo estava o mar?—Tremendo.
«Armado vens!» Não responde.
Vae-lhe as armas desprendendo.

Em pura essencia de rosas
O amado corpo banhou,
E em seu leito regalado
A par de si o deitou.

«Meia noite já é dada
Sem para mim te voltares,
Que tens tu, querido amante,
Que me encobres teus pezares?

Se temes de meus irmãos,
Elles não virão aqui;
Se de meu cunhado temes,
Não é homem para ti.

Meus criados e vassallos
Por essa tôrre a dormir,
Nem de nosso amor suspeitam,
Nem o podem descobrir.

Se de meu marido temes,
A longes terras andou:
Por lá o detenham Mouros,
Saudades cá não deixou «

—Eu não temo os teus criados,
Meus criados tambem são:
Irmãos nem cunhado temo,
São meus cunhados e irmão.

De teu marido não temo
Nem tenho de que temer...
Aqui está aopé de ti,
Tu é que deves tremer.»

II

E o sol já no oriente erguido
 Da tórre ameias dourava;
 Violante mais bella que elle
 Para a morte caminhava:

Alva tella aspera e dura
 Vestes o corpo delicado,
 Por cintura rijo esparto
 Em grosseiro laço atado.

Choram pagens e donzellas,
 Que a piedade o crime esquece;
 O proprio offendido esposo
 Com tal vista se enternece.

Dá signal a campa triste,
 O algoz o cutello affia...
 «Meu senhor mereço a morte»
 A malfadada dizia.

«De joelhos, D. Ramiro,
 Humilde perdão vos peço;
 Perdoae-me por piedade...
 A morte não, que a mereço:
 «Da affronta que vos hei feito
 Por minha triste cegueira,
 Dae-me quitação co'a morte
 N'esta hoia derradeira:

«Mas só eu sou criminosa
 Do agravo que vos fiz,
 Não tireis, senhor, vingança
 D'esse misero, infeliz...»

Talvez ia perdoar-lhe
 O espôso compadecido...
 Renovou-se-lhe o odio todo,
 D'aquelle rogo offendido:

O semblante roxo de ira
 Para não vêl-a torceu;
 E co'a esquerda mão alçada
 O fatal acêno deu.

Sobre o colo crystalino,
Desmaiado, e inda tam bello,
De golpe tremendo e subito
Cae o terrivel cutello.

III

Oh! que procissão que sae
Da antiga porta da tôrrel
Que gente que acode a vêl-a,
Que povo que triste corre!

Tochas de palida cêra
Nas trevas da noite escura
Vão dando luz baça e triste,
Luz que guia á sepultura:

Cobertos com seus capuzes
Rezam frades ao-redor,
A dobrar desentoados
Os sinos causam terror...

Duas noites são passadas,
Já não ha luz na seteira,
Mas passando e repassando
Anda a barca aventureira.

Linda barca tam ligeira
Que nenhum mar sossobrou,
O farol que te guiava,
Já não luz, já se apagou.

A tua linda Violante,
O teu encanto tam bello,
Teve por ti feia morte,
Crua morte de cutello.

Na egreja de San'Gil
Ouves a campa a dobrar?
Vês essas tochas ao longe?
Ella que vae a enterrar.

Já se fez o enterramento,
Já cahiu a louza fria,
Só na egreja solitaria
Um cavalleiro se via;

Vestido de dó tão negro,
 E mais negro o coração,
 Sobre a fresca sepultura
 De rôjo se atira ao chão:

— Abre-te, ó campa sagrada,
 Abre-te a um infeliz! . . .
 Seremos na morte unidos,
 Já que em vida o céu não quiz.

Abre-te, ó campa sagrada,
 Que escondes tal formosura,
 Esconde tambem meu crime
 Com a sua desventura.

Vida que eu viver não quero,
 Vida que eu só tinha n'ella,
 Recebe a, ó campa sagrada,
 Que não posso já soffrel-a.—

E o pranto de correr,
 E os soluços de estalar,
 E a mão que leva á espada
 Para alli se traspassar.

Mas a mão gelou no punho
 Voz que da campa se erguia,
 Voz que ainda é suave e doce,
 Mas tam medonha e tam fria,

Do sepulchro tam cortada,
 Que as carnes lhe arripia
 E a vida deixou parada:

«Vive, vive, cavalleirc,
 Vive tu, que eu já vivi;
 Morte que me deu meu crime,
 Fui eu só que a mereci.

Ai, n'este gêlo da campa,
 Onde tudo é frio horror,
 Só da existencia conservo
 Meu remorso e meu amor!

Braços com que te abraçava
 Já não teem vigor em si;
Cobre a terra humida e dura
 Os olhos com que te vi;

Bôcca com que te beijava
 Já não tem sabor em si;
Coração com que te amava...
 Ai! só n'esse não morri!

«Vive, vive, cavalleiro,
 Vive, vive e sê ditoso;
E apprende em meu triste fado
 A ser pae e a ser espôso.

Donzella com quem casares
 Chama-lhe tambem Violante;
Não amará mais do que eu...
 Mas que seja mais constante!

Filhas que d'ella tiveres
 Ensina-as melhor que a mim.
Que se não percam por homens
 Como eu me perdi por ti.»

VERSÃO INGLEZA

I

SEE, Don Ramiro's galley speeds
Across the heavy seas,
His pennant which the moor so dreads
Now flutters in the breeze.

Oh! when he went, his heart was moved
With grief that would not hide...
To part with her he long had loved
Though lately called his bride!

Spain's loveliest maids or royal queen
In charms could not compare
With Violante, had she been
True as her form was fair.

Against the castle's flanking tower
Wild beats the surging deep,
And there a watch at midnight hour
Would not submit to sleep:

All else lulled by the breaker's jar
In slumber calm reposed,
And as it's lord was distant far
His castle gates were closed.

But lo! a bark at dead of night
Alone doth swiftly glide
Beneath the tower from whence a light
Shines glimmering on the tide.

And many a darksome night the bark,
As falls that hour, returns;
Through wind and wave it's path to mark
The signal torch-light burns.

Roderigo, rouse thee up from sleep;
The oath which thou didst swear
To thy good lord, how canst thou keep
When strangers come so near!

For knowest thou not, where softest swell¹
The waves around thy strand,
Whith sail unstretched, a caravel
Remains upon the sand?

Ah! in a stormy night and dark
It reckless left the shore;
Who was it's pilot none could mark
But it came back no more.

Yet at the hour, the guiding light
On high began to burn,
«Twas vain—no eye observed, this night,
The little bark return.

Far down the rugged rock that spread
Its masses round the tower,
Was placed a secret gate which led
To Violante's bower.

Within this postern, steps were heard
At night approaching near,
And on her door so firmly barred
A knock aroused her ear;

—«Oh! who can thus, unknown advance
And knock so bold y there?»—

—«Tis Bernal, lady, thine of France:
He seeks thy smile to share»

From couch of gold she reached the floor
And rent her vestment gay,
And as she gently opened the door
It quenched her taper's ray.

His clay cold hand she seized him by
And led him to her bower!

—«Love, tremble not: within our sky
No clouds of sorrow lower.»

Then on her fair and glowings breast
That, heaving, throbb'd the more
She pressed his hands: and fondly kissed
His cold lips o'er and o'er.

1 Vide nota no fim.

—«Far have you come!» — «Yes very far.
 — «Rough was the raging sea ?
 — «It was.» — Why comme you armed for war ?
 Nay tell thy thoughts to me »

She doffed his armour, and the dew
 Of roses, scenting wide,
 In liquid drops she o'er him threw
 And laid him by her side.

— «Twelve hours hath rung the castle bell;
 To her, who loves thee, turn
 Thy face, as thou wert wont, and tell
 What gives thee cause to mourn.

O! if my brothers thou dost fear,
 They will not come to me;
 My husband's brother, were he here»
 Can never cope with thee.

«My serfs and vassals, trough the halls,
 Will sleep till morning light;
 «Nor can they deem that, in my walls,
 I welcome such knight.

«My husbad, fond of martial fray
 To distant lands is gone,
 And may the Moors prolong his stay
 Regret here left he none.»

—They are my own, I need not fear
 Those kneeling slaves of thine,
 Nor brothers, for the badge they wear
 Above their helms is mine.

«Nor do I dread thy husband's wrath;
 Know... he reposes here,
 Even by his lady, void of faith,
 «Tis she who well may fear.»

II

The sun dispelled morn's shadows dim,
 And on the castle shone,
 When Violante, more fair than him,
 To meet her doom hath gone:

Her lovely form, a garment long
And coarse was wrapped around,
A knotted rope, like cable strong,
Her graceful person bound.

And gushing tear drops blind the eye
Of page and maiden fair;
Nor are Ramiro's lashes dry
Fresh moisture glistens there.

Pealed from the tower the signal bell,
The axe was lifted high
O'er Violante. . . Ere it fell
She saw her husband nigh.

—«My lord» she cried «I merit death,
Yet on my bended knee,
Ere from my bosom parts my breath,
I pardon crave from thee.

«Tis not through blighted years to live
Lamenting o'er the past,
But my offense to thee, forgive,
This hour is now my last.

«On me, for I have wronged thy bed,
Alone let vengeance light,
Nor wreck thy rage upon the head
Of Bernal, hapless knight.»

To grant her wish, Ramiro's breast
With rising pity burned,
But when she urged her last request,
His former hate returned.

Dark lowered his brow, fierce flashed his eye,
As when his faulchion brave
Repelled the foe, — his left hand high
The fatal signal gave

Then on that neck of grace and love,
Whose blue veins shining tell
The pureness of the skin above,
The heads man's weapon fell.

III

Forth from the castle's ancient gate,
A dread procession slaw
Advanced, who mourned the happless fate
That laid such beauty low.

Above hem many a waxen torch,
In darkness of the night,
Shed to the chapel's gothic porch
A dim and mournful light.

And hooded closely many a friar
Sung prayers the bier around,
The massy bells within the spire
Rung forth an awful sound.

Two nights had passed, no torche's ray
Illumed the testless tide,
But fleetly o'er the castle bay
Again the skiff did glide.

Swift bark, thy pilot braved the wrath
Of ocean's wildest war,
But knows not how the damp of death
Has quenched his leanding star.

Alas the fair whose beauty lured
His path across the wave,
The headsman's stroke for him endured
To fill a bloody grave.

Within the chapel of Saint Gil
Intombed she slumbers low;
See, distant torches burning still . . . »
Hark, bells are pealing slow!

All now is past — lies o'er the dead
The cold sepulchral stone;
And, see: a knight doth ceaseless tread
The echoing aisles alone.

His robes are black, but woe doth shroud
His form upon her tomb.
And lo he stretches, sobbing loud,
His form upon her tomb.

—«Oh! open, grave, my heart is riven,
I taste delight no more,
Let death unite us now, whom heaven
In life asunder tore.

•And her who calmly sleeps beneath
Again to me reveal,
That by her side, I may, in death,
My crime with her conceal.

«It is not, torn with inward strife,
My wish to linger on,
And I live, when shet, the very life
Of all my hopes, is gone.»

Then fell his tears; his hands were clasped
And moanings of despair
Burst from his heart, his blade he grasped
To still the conflict there.

But why inactive did he stand?
A voice unearthly rose
Out of the tomb, and stayed his hand
Till on the hilt it froze.

Like hollow gusts in winter drear,
That sound, appalling, came
So deep and sudden o'er his ear,
It deathlike thrilled his frame.

—«Live, cavalier, though I no more
Survive, let life be thine,
Since for my crime the stroke I bore
The fault alone was mine.

Cold horror dwells beneath this stone,
And all I knew above
Of glowing life from me is gone,
Except remorse and love.

•The arms shall clasp thy neck no more
Whose shape thou oft hast praised.
The eyes with earth are covered o'er
That kindly on thee gazed.

«The mouth whose lips did revel free
O thine, is senseless now:
But that fond heart wick beat for thee
Death cannot chill its glow.

«Live, live, Sir Knight; a soul lik thine
To honour should as ire;
Oh! learn to be, from fate like mine,
A husband and a sire.

«And name the maiden after me
Whose beart shall thee adore:
Than I, more faultless she may be,
But cannot love thee more.

«And oh! instruct her daughters young
That love may never sway
Their hearts to ill — think how I flung
For thee my life away.»

NOITE DE SAN'JOÃO

Este romance é e não é da minha simples composição. Estavam-me na saudosa memoria as vagas reminiscencias d'aquelles cantares tam graciosos com que, na minha infancia, ouvia o povo do Minho festejar a abençoada noite de San'João; estavam-me as fogueiras e as alcachofas de Lisboa a arder tambem na imaginação: e eu era muito longe de Portugal, e muito esperançado de me vêr n'elle eedo: aqui está como e quando fiz esta cantiga.

Foi em San'Miguel, as antênas dos nossos navios já levantadas para sahir a expedição; — soltámol-as ao vento d'ahi a horas... Isto escrevia-se na quinta do meu velho amigo, o sr. José Leite, cavalheiro dos mais distinctos, e velho o mais amavel que produziu o archipelago dos Açores.

Tambem alli estavam, para inspirar o poeta, uns olhos pretos de quinze annos, que promettiam arder ainda tanta noite de San'João, fazer queimar tanta alcachofa por sua conta!... Já os cobriu a terra.

Faz hoje dez annos que aquillo foi; e ainda não envelheci bastante para o esquecer.

O romance é tam feito dos ditos e cantares do povo, que nem uma idéa nem talvez

um verso inteiro tenha que seja bem e todo meu. Por este motivo, principalmente, lhe dei logar aqui.

Lisboa, 23 de junho de 1842.

Na collecção já citada, a LUSITANIA ILLUSTRATA, part. II, pelo sr. J. Adamson, appareceu a traducção ingleza d'este romance, que vae transcripta no appendice ao LIVRO II do presente ROMANCEIRO.

Sabe-se tambem de uma versão em italiano, e de outra em allemão, que não chegámos a vêr ainda.

Abril, 16 — 1853.

OS EDITORES.

NOITE DE SAN'JOAO

Té os moiros da Moirama
Festejam a San'João:
San'João, San'João, San'João
Dae-me pêras do vosso balcão.

CANTIG. POPUL.

I

MEIA noite já é dada,
San'João, meu San'João,
N'esta noite abençoada
Ouvi a minha oração!

Ouvi-me, santo bemdito,
Ouvi a minha oração,
Com ser eu moira nascida
E vós um santo christão:

Que eu já deixei a Mafôma
E a sua lei do Alkorão,
E só quero a vós, meu santo,
Santo do meu Dom João.

II

•Como eu queimo esta alcachofa
Em vossa fogueira benta,
Amor queime a saudade
Que no peito me rebenta.

Como arde esta alcachofa
Na vossa fogueira benta,
Assim arda a negra barba
Do moiro que me atormenta.

Como esta fogueira abrasa
A minha alcachofa benta,
Ao meu cavalleiro abraze
A chamma de amor violenta.

III

«Sacudi do alto do céu
Vossa capella de flores,
Que n'este ramo queimado
Renasçam por meus amores.

Orvalhadas milagrosas
Que sáram de tantas dores,
N'este coração, meu santo,
Accalmem os meus ardores.

San'João, meu San'João,
Santo de tantos primores,
N'esta noite abençoada,
Oh! trazei-me os meus amores!»

IV

Já se apagava a fogueira,
Já se acabava a oração,
Ainda está de joelhos
A moira no seu balcão.

Os olhos tinha alongados,
Batia-lhe o coração:
Muita fé tem aquella alma,
Grande é sua devoção!

Ouviu-a o santo bemdito:
Que, por sua intercessão,
D'aquelle extasi acordava
Nos braços de Dom João.

III

O ANJO E A PRINCEZA

O celebre erro commettido pelos Setenta na tradução do v. 2 do cap. vi do *Genesis*, deu um poema inteiro a Thomaz Moore, *Os Amores dos Anjos* (*The Loves of the Angels*). E d'este partiu o palido reflexo da *Chute d'un Ange* que apenas animam as bellas pinturas de paizagem feitas do vivo e natural, e como de mão que as copiou nos proprios sitios: em tudo o mais o poema de Lamartine é inferior ao do Anacreonte d'Irlanda.

Hoje lêmos na *Vulgata*:— «Videntes filii Dei filias hominum quod essent pulchrae, acceperunt sibi uxores ex omnibus quas elegerant.»

O padre Antonio Pereira verteu:— «Vendo os filhos de Deus, que as filhas dos homens eram formosas, tomaram por suas mulheres as que d'entr'ellas lhes agradaram mais.»

O padre João Ferreira d'Almeida assim:— «Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram.»

Mas os Setenta não tinham entendido assim o texto hebraico, e em vez de — *filhos de Deus*, traduziram — *anjos de Deus* (οἱ Ἀγγελοὶ τοῦ Θεοῦ); erro, que ajudado pelos commentos poeticos de Philon. e pelas ficções do apocrypho *Livro de Enoch*, accendeu as imagi-

nações meio pagans de Tertuliano, de Lactancio, e até de San' Clemente-Alexandrino. Seja dito com o devido respeito a estes padres da Egreja: nem Hesiodo nem Ovidio estenderam fábula alguma do polytheismo por maiores desvarios do que elles poetizaram ácerca d'esta ficção. Regeitou-a todavia a maior parte dos Santos Padres. Deplorou-a como absurdo San' João Chrysostomo, estigmatizou-a de loucura San' Cyrillo. Segundo elles as palavras — *filhos de Deus* — querem dizer: — os *descendentes de Seth por Enos*, porque foram os primeiros que invocaram o nome do Senhor. Assim por est'outras palavras — *as filhas dos homens* — devemos entender: — *as filhas da corrupta raça de Cain*. E' opinião seguida sem disputa, na Egreja catholica e em quasi todas as outras, desde Santo Thomaz até hoje.

O *Targum de Onkelos*, que é a mais antiga das paraphrases chaldaicas, e a versão de Symacho traduziram — *os filhos dos nobres ou grandes*; a versão samaritana diz — *os filhos dos juizes*.

E parece que a palavra hebraica, *Elohim*, admite todas estas tam desvairadas interpretações.

Seja como fôr, d'aquelle desvio de texto e de imaginação nasceu muita poesia para os escriptores mysticos dos judeus e dos christãos primitivos e dos gnosticos e de todas essas seitas do Oriente, e porfim, em nossos dias, para os poemas de dois vates, ambos christianissimos hoje, ambos eminentemente catholicos — o francez talvez agora um tanto menos, — o inglez muito mais,

principalmente depois d'essa ultima sua obra philologo-orthodoxa.

Eu porém não quiz fazer mais do que uma «lenda-romance» como a comporia um menestrel da Edade-média em cujas coplas os donairosos sonhos da mythologia, assim como os severos mysterios da crença, tomavam sempre os habitos sociaes do seu tempo. Jupiter era Dom Jupiter, rei de corôa na cabeça e barbas até á cinta, rodeado de condes e de pagens, servido por nobres donzelas de espartilho e toucas altas; San'Miguel e o proprio Lucifer dois cavalleiros de lança em punho e escudo abraçado, justando em mui leal batalha n'essas nuvens, com Legiões e Potestades por mantenedores do campo; — o Olympto era um castello feudal, e o Céu uma roca-forte. Em summa, sem princezas e cavalleiros não havia poesia para elles, nem a podia haver, porque essa era a vida que elles conheciam, o bello e sublime da vida que concebiam.

Por isto o tom biblico d'esta lenda ou legenda necessariamente é modificado e predominado do ár cavalheiresco ou romantico, proprio de um cultor da Gaya-Sciencia. Veja-se no *Cancioneiro* de Resende como, ainda no seculo xv, o nosso João Rodrigues de Sá e Menezes traduzia — não tanto do latim para portuguez, quanto do romano para romance, a epistola de Laodamia. Veja-se como o proprio Sá de Miranda na Egloga iv reconta as classicas aventuras de Cupido e Psychis, — verdadeira fonte tambem da muito romantica e trovada historia da Carochinha, *A Bella e a Fera*, que toda

a gente sabe — ou soube quando era pequeno.

O fio da minha legenda é muito singelo. Era uma vez a filha de um rei, moça, linda, e unica herdeira do throno. Fugia das diversões e grandezas da cõrte para se entregar á meditação na soledade. Adoece mortalmente enquanto el-rei seu pae anda á guerra. Volta elle triumphante e vem-n'a achar na derradeira agonia. O seu mal não o entendem os phisicos. Lembra-lhes se será alguma secreta paixão de amor. El-rei está prompto a tomar para genro seja quem fôr, comtanto que lhe viva a filha. Nem assim. Morre a pobre da princeza, e morre de mal de amores. Mas como não havia de ser, se a sua fatal paixão é por um espirito — um gnom, um sylpho, um anjo — quem sabe o quê! — talvez outro Bertrand que se apoderou d'esta Rosalia. — Ao menos, escapámos de segundo Roberto do-Diabo, porque a boa da infanta era de consciencia, e morreu antes d'isso.

E d'ahi, quem sabe? seria anjo bom o que ella amava. Segundo San'Basilio, *De vera virginitate*, não póde ser; segundo Tertuliano e San'Clemente-Alexandrino já se viu que podia ser.

Campolide, 5 de outubro de 1842.

A' Illustrissima e Excellentissima Senhora
Marqueza da Fronteira

Esta lenda-romance foi escripta no seu Album, Minha-Senhora, para cumprir uma promessa feita ha tanto tempo, e por cujo desempenho tam retardado V. Ex.^a teve a bondade de nunca ralhar commigo. Dedico-lh'a agora que sae impressa; e é a primeira vez na vida que offereço versos ou prosas minhas a pessoa que pudesse imaginar de-vê-lo á sua qualidade e grandeza. Será provavelmente a ultima, emquanto não fizer mais proselytos e imitadores o espirito verdadeiramente nobre e as maneiras verdadeiramente fidalgas que me obrigam a quebrar n'esta occasião o meu proposito tam firme e tam necessario n'esta terra.

De V. Ex.^a

Criado e fiel captivo

«Almeida Garrett.»

Campolide, 20 de outubro de 1842.

O ANJO E A PRINCEZA

...Waft me hence to thy own sphere,
Thy heaven or—ay, even *that* wit thee.

MOORE, LOVES OF THE ANGELS.

Oh que choros vão no paço
Oh que lutos, que tristeza!
Morre, morre a cada instante
A nossa linda princeza.

Os physicos não se entendem,
Vão-se uns e outros vêm;
Mas o mal que ella padece
Não lh'o descobre ninguém.

Nos olhos que se lhe enturvam,
Já treme a luz derradeira.
Resa o officio da agonia
Negro monge á cabeceira.

Se inda chegará a tempo
D'essas guerras d'além-mar
O bom do rei que, inda possa
A sua filha abraçar!

A filha que elle ama tanto,
Unica filha querida,
A menina dos seus olhos,
Bordão da cansada vida!

Pois chegou. Tanto captivo,
Tanto despôjo que traz!...
Com victorias o enganava
Fortuna, que acinte o faz.

Pelas portas de palacio
O real cortejo entrava,
Olha o rei a um lado e outro,
Nem uma voz o acclamava...

Pela filha, que não via,
 Não se atreve a perguntar,
 Mas ao quarto da princeza
 Foi direito sem parar:

—Minha filha, minha filha!
 Que tens tu, filha querida? —
 E ella abria os olhos turvos
 Que já não têm quasi vida...

—Ametade do meu reino,
 Da minha c'roa real,
 A quem salvar a princeza,
 Quem acertar c'o este mal.—

A estas palavras do pae
 Meneia a palida frente,
 Como quem diz: «Não o entendem,
 Nem cura o meu mal consente.»

—«São pezares... não se sabe...»
 Responde o physico mór,
 Outro mal lhe não descubro...
 Só se for o mal d'amor.»

Um rubor desfalecido
 Assomou na face lenta
 Que já do suór da morte
 Se cobria macilenta.

Os olhos que no pae tinha
 Cravados desde que o viu,
 Com mostras de pêjo e medo
 Para a terra os descabiu.

—Não tenhas, filha, receio,
 Levanta os olhos, querida;
 Seja quem for, será teu:
 Jurei-o por tua vida,

Seja elle ou rico ou pobre,
 Seja fidalgo ou peão,
 Desde já por genro o tómo,
 E aqui lhe dou tua mão,—

Como quem o último esforço
De doce mágoa fazia,
Com ineffavel brandura
Os olhos ao pae erguia;

Suave longo suspiro
D'entre os labios lhe fugiu...
Era a vida que passava,
Que sem dor se despediu.

Foram para a amortalhar,
No peito um signal lhe achavam
De letras que ninguem leu,
Que estranhas fórmas tomavam.

Sete sabios são chamados
Para haver de as decifrar:
Cada-um sete linguas sabe,
Não as podem soletrar.

Só o mais velho dos sete,
Que andára na Palestina,
Disse: — «Outras letras como estas
Eu já vi n'uma ruina,

Junto dos cedros do Libano,
Já meio entre a terra e os céus,
Do tempo que ás filhas do homem
Falavam anjos de Deus.

Mas lêl-as não sei nem posso:
Nem que soubesse, o fizera:
Segredos são de outro mundo
Que, n'este, Deus não tolera.»

No alto d'aquelle monte
Um alto cedro nasceu;
Ou anjos o semearam,
Ou foram aves do céu,

Que alli cresceu de repente,
De uma noite para um dia;
E outro igual em todo o reino
Como aquelle não havia:

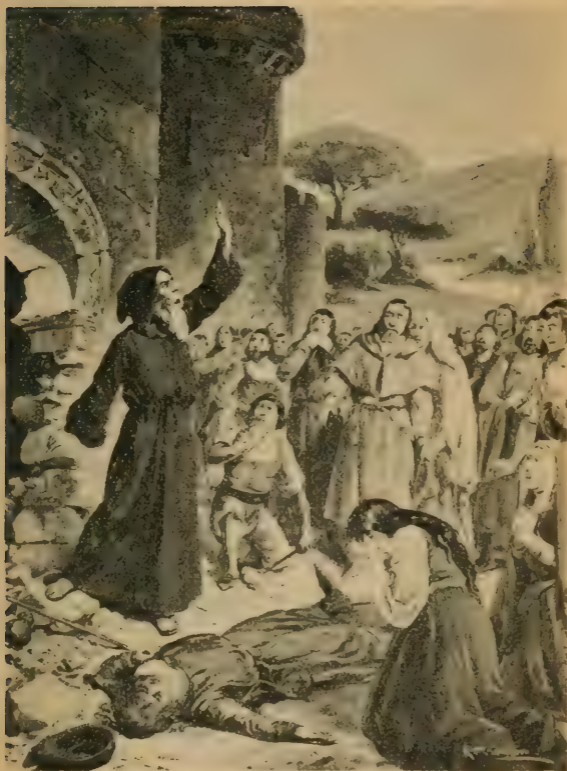
Foi a noite que a princeza
Alli veiu a sepultar:
Era um sitio seu querido
D'onde sohia de estar,

Aonde horas esquecidas,
Sósinha, de quando em quando,
Com as estrellas do céu
Parecia estar fallando;

E onde, uma noite sem lua
Que as estrellas mais brilhavam,
Houve quem visse nos áres
Umhas roupas que alvejavam,

E descer a pouco e pouco,
E aopé da infanta parar
Um vulto . . . visão . . . ou sombra . . .
Mas sombra de luz sem par:

E foi desd'aquella noite
Que a não viu mais rir ninguem.
Anjo era o que lhe falava . . .
Mas se de Deus . . . ou de quem? . . .



— «Emmudecei!» lhes bradou.

IV

O CHAPIM D'EL-REI OU PARRAS VERDES

Foi verdadeiramente reconstruida esta xá-cara dos fragmentos soltos da composição popular antiga, como hoje se reconstruiria das pedras cahidas de uma torre velha, — não exactamente o mesmo edificio, porque o cimento, e algum inchume novo aqui ou alli, seria mister empregar — mas quasi a mesma coisa; na fôrma e nos materiaes a mesmissima.

Vieram-me de Evora os fragmentos por intervenção do sr. Rivara, o habil e zeloso bibliothecario d'aquella cidade: são parte em prosa, parte em verso, estado em que alguns d'estes fósseis se desenterram ás vezes. Verifiquei depois que pelas visinhanças de Lisboa se encontravam na mesma fôrma e quasi os mesmos.

Deixei-lhe com mais seguridade o titulo de xá-cara que trazem muitos outros de nossos romances populares, porque effectivamente creio que quadra mais aos d'esta especie de narrativa que é feita dramaticamente pelos dizeres de um e outro dos seus personagens, emquanto o poeta pouco ou nada diz epicamente elle mesmo.

Nós temos, se me não engano, no genero narrativo popular, as tres especies, *romance*, *xá-cara*, *soláo*: no *romance* predomina a

fórma epica, conta e canta principalmente o poeta; na *xácara* prevalece a fórma dramatica, diz o poeta pouco, ás vezes nada — falam os seus personagens muito: o *soláo* é mais plangente e mais lyrico, lamenta mais do que reconta o facto, tem menos dialogo e mais carpir; ás vezes, como no Soláo da Ama em Bernardim Ribeiro, não ha senão o lamento de uma só pessoa que vae alludindo a certos successos, mas que os não conta.

Apesar do que levo dito no principio d'estas linhas, como não posso negar que ha bastante do meu cimento no ligar e assentar das pedras velhas, e ellas eram tam poucas e tam soltas, escrupulisei de pôr esta peça no II livro do ROMANCEIRO para que me não accusassem de macaquear as imposturas de Macpherson ou de fr. Bernardo de Brito.

A anecdota, que eu deixei religiosamente como a refere o povo, parece dever ter sido algum facto que realmente acontecesse: — como, quando e aonde? Não pude encontrar vestigio. E' o que diz o pobre do conde, scismando:

O chapim aquí o tenho,
O chapim bém n'ó topei:

mas cujo é, e a que pé serve, só se voltar do outro mundo o dito rei para nol-o dizer.

Lisboa, 27 de março de 1843.

No appendice ao II livro do ROMANCEIRO achará o leitor a versão ingleza d'esta *xácara*, publicada pelo sr. Adamson na sua *LUSITANIA ILLUSTRADA*, part. II.

Abril, 17 — 1853.

OS EDITORES.

O CHAPIM D'EL-REI OU PARRAS VERDES

I

VERDES parras tem a vinha,
Ricas uvas n'ella achei,
Tam maduras, tam córadas. . .
Estão dizendo «comei!»

«Quero saber quem n'as guarda;
Ide, mordomo, e sabei:»
Disse o rei ao seu mordomo.
Mas porque o dizia o rei?

Porque viu n'aquelle monte
—E como elle o viu não sei—
Essa donna emparedada,
Não se sabe por que lei;

Que por seu mal é condessa,
Condessa de Valderey:
Antes ser pobre e villan,
Antes pela minha fei! ¹

Verdes parras tem a vinha:
Uvas que lhe víra el-rei
Tam maduras, tam córadas,
Estão dizendo «comei!»

II

Veiu o mordomo do monte:
—Boas novas, senhor rei!
A vinha anda bem guardada,
Mas eu sempre lá entrei.

O dono foi-se a outras terras,
Quando volverá não sei;
A porta é velha, e a porteira
Com chave de ouro a tentei.

¹ Fe, fee, fei. Vid. nota no fim.

Serve a chave á maravilha,
 Tudo por fim ajustei:
 Esta noite á meia-noite
 Comvosco á vindima irei.»

«Valeis um reino, mordomo,
 Grandes mercês vos farei:
 Esta noite á meia-noite
 Ricas uvas comerei.»

A vinha tem parras verdes,
 Madura a uva lhe achei;
 E tam madura, tam bella,
 Que está dizendo «comeil»

III

Ao pino da meia-noite
 Foi mordomo e foi o rei:
 Doblas que deram á velha,
 Um conto que nem eu sei.

«Mordomo ficae á porta,
 A' porta que eu entrarei;
 Não me saltem cães na vinha
 Em quanto eu vindimarei.»

A porteira o que lhe importa
 É o dá-me que te darei...
 No camarim da condessa
 Veis agora entrar o rei.

Levava um candil acceso;
 Era de prata, sabei:
 Não ha senão prata e oiro
 Na casa de Valderey.

Da vinha as parras são verdes,
 As uvas maduras sei,
 São tão coradas, tão bellas...
 D'ellas — quando comerei!

IV

No camarim da condessa
Tudo andava á mesma lei,
Era o ceu d'aquelle anjo:
Que mais vos diga não sei.

Ricas sedas de Milão,
Toalhas de Courteney...
Tremia o rei — se era susto,
Se era de gôsto não sei.

Cortinas de seda verde
Vae ergo não erguerei...
Tal clarão lhe deu na vista,
Como não cahiu não sei.

Era uma tal formosura...
Ora que mais vos direi?
Outro primor como aquelle
Não vistes nem eu verei.

Verdes parras tem a vinha,
Ricas uvas lhe avistei,
Tam formosas, tam maduras,
Estão dizendo «comeil»

V

Dormia tam descansada
Como eu no céu dormirei
Quando for tam innocente...
Jesus! se eu lá chegarei!

De joelhos toda a noite
Alli fica o bom do rei,
Pasmado a olhar para ella
Sem bulir nem mão nem pei. ¹

E dizia: — «Senhor Deus!
Perdoae-me o que já pequei,
Mas este anjo de innocencia
Não sou eu que offenderei.

¹ Pé pee, pei. Vid. nota no fim.

Tem verdes parras a vinha;
 Lindas uvas que eu lhe achei,
 Tenho medo que me travem...
 D'ellas, ai! não comerei.

VI

Já vinha arraiando o dia,
 E elle, como vos contei,
 Ouve apitar o mordono...
 «Jesus, senhor, me valeit!»

Era o signal ajustado
 — Vindo o conde, apitarei —
 Deixou cahir as cortinas
 Dizendo: «Não vendimei!»

Lindas parras tem a vinha,
 Bellas uvas n'ella achei;
 Mas doeu-me a consciencia,
 Das uvas não comerei.

VII

Deita a correr com tal pressa
 Que voava o bom do rei:
 «Ai que perdi um chapim...»
 —«Tomae, que um meu vos darei:

«Mas nem um instante mais,
 Que o conde já avistei
 Descendo d'aquella altura;
 Se nos colherá não sei...»

Era o medo do mordomo:
 Outro era o medo do rei.
 Qual d'elles tinha razão
 Agora vol-o direi.

Parras verdes viu na vinha,
 Uvas maduras de lei;
 Foi travo da consciencia,
 Diz: «D'ellas não comerei.»

VIII

Chega o conde á sua tôrre,
O conde de Valderey,
Topou n'um chapim bordado...
Como ficou não direi.

Vae-se ao quarto da condessa
—«Morrerá, matal-a-hei.»
Viu-a dormir tam serena:
—«Jesus! não sei que farei!»

Corre a casa ao derredor:
—«Deus me tenha em sua lei,
Que ou esta mulher é bruxa
Ou eu c'o chapim sonhei!

«O chapim aqui o tenho,
O chapim bem n'o topei...
Mas que durma assim tão manso
Quem tal fez, não n'o crerei.»

Entrou a scismar n'aquillo:
—«Valha-me Deus! que farei?
Por menos fica homem doudo:
E eu como o não ficarei?»

—

Minha vinha tão guardada!
Uvas que n'ella deixei
Não é fructa que se conte...
Da que me falta não sei.»

IX

Foi-se fechar no mais alto
Da tôrre de Valderey:
—«Não quero comer do pão,
Nem do vinho beberei;

«Minhas barbas e cabellos
Tambem mais os não farei,
Que ésta verdade não saiba
D'aqui me não tirarei.»

Verdes parras d'essa vinha,
 Uvas que eu não comerei,
 Ficae -vos sêcas embora,
 Que eu já'gora—morrerei.

X

Por tres dias e tres noites
 Que se guarda aquella lei;
 Clama a triste da condessa:
 — «Ao seu mal que lhe fareit»

De quem foi ella valer-se ?
 Agora vol-o direi.
 Foi lastimar-se a innocente . . .
 Onde iria?—ao proprio rei.

«Ide, condessa, ide embora,
 Que eu remedio lhe darei;
 O segredo do seu mal
 Sei-o eu . . . Se o saberei?

«Palavra de cavalleiro
 Em lealdade vos darei,
 Que ou elle hade ser quem era,
 Ou eu, quem sou, não serei.»

As verdes parras da vinha,
 As uvas que eu cubicei,
 Ellas a travar-me n'alma . . .
 E mais d'ellas não proveil

XI

Fôra d'alli a condessa,
 Não tardou em ir o rei:
 — «Quero ouvir o que elles dizem,
 A esta porta escutarei.»

Ouviu uma voz celeste
 Como tal nunca ouvirei,
 Cantando em doce toada
 Este triste vireley:

—Já fui vinha bem cuidada,
Bem querida, bem tratada:
 Como eu medrei!
Ora não sou nem serei:
 O porquê não sei
 Nem n'ó saberei!»

Com as lagrimas nos olhos
 Foi d'alli o bom do rei:
«Oicamos agora o outro,
 E o que sabe, saberei!»

—«Minha vinha tam guardada!
 Quando n'ella entrei
Rastos do ladrão achei;
Se me elle roubou não sei:
 Como o saberei?»

Era o conde a lastimar-se.
 Surrindo dizia o rei
(Se era de si ou do conde
 Que elle se ria não sei):

«Eu fui que na vinha entrei,
Rastos de ladrão deixei,
Parras verdes levantei,
 Uvas bellas
 N'ellas—vi:
E assim Deus me salve a mim
 Como d'ellas
 Não comi!»

XII

A porta tinha uma fresta:
 Tirou o chapim do pei,¹
Atirou-lh'ó para dentro,
 Disse-lhe: «Vêde e sabei.»

Do mais que alli succedeu
 Para que vos contarei?
O conde soube a verdade,
 E o rei soube—ser rei.

1 Vid. nota no fim.

Verdes parras tem a vinha,
Ricas uvas lá deixei:
Quem m'a guardou foi o medo. .
De Deus e da sua lei.

V

ROSALINDA

E' verdadeiramente sublime, tem toda a frescura viçosa das imagens da poesia primitiva, a com que termina este romance. Tudo o que ha de asqueroso n'uma sepultura desaparece do tumulo em que amor desfolhou os seus goivos: alli não ha corrupção nem vermes: uma bella arvore, um rosal florido reproduzem em «novas e mudadas fórmãs» os corpos de dois amantes. A vida não acabou, mudou só; e nem mudou tanto, que a vegetal seiva d'esses ramos não ferva ainda do mesmo ardor que já animou aquelle sangue. Tendem umas para as outras as apaixonadas vergonteadas; cortam-n'as e ellas recrescem, e vão-se abraçar como duas palmeiras namoradas.

Sente-se aqui o BELLO, sente-o qualquer porque é bello devéras. Assim se popularizou esta imagem e fez a volta da Europa, que a achâmos nos romances e soláos de quantos povos entraram na grande communhão romano-celtica, romano-teutonica, ou celto-teutonica: — talvez seja o modo mais exacto de dizer, este último.

O romance *Prince Robert*, publicado por sir Walter Scott, da tradição oral

das raias d'Escocia,¹ remata com estas coplas :

The tane was buried in Marie's kirk
The tother in Marie's quair;
And out o' the tane there spring a birk,
And out o' the tother a brier.

And thae twa met, and thae twa plat,
The birk but and the brier;
And by that ye may very weel ken
They were twa lovers dear.

Cito estas coplas escocezas por serem as que mais se parecem com as do nosso romance: ha muitos outros parallelismos, mais ou menos approximados, nos romanceiros e cancioneiros de quasi todas as linguas. Não é possivel descobrir hoje onde nasceu a idea original; no portuguez é onde ella está mais lindamente expressada e com mais «sentimento.» Na famosa historia de *Dom Tristam*, apontada a este proposito por Sir W. Scott, occorre a mesma imagem.

«*Ores veitil que de la tumbre de Tristam yssait une belle ronce verte et feuilleuse, qui aleoit par la chapelle, et descendoit le bout de la ronce sur la tumbre d'Isseult, et entroit dedans.*» Tres vezes cortaram a milagrosa planta, mas, continúa o bom do historiador, Rusticien de Pise, «*le lendemain estoit aus-*

¹ Minstrelsy of the Scottish border etc. by Sir Walter Scott, mihi, ed. de Paris-1838 — 2 vol. pag. 125.

si belle comme elle avoit cydevant été, et ce miracle estoit sur Tristam et sur Ysseult à tout jamais advenir.»

E' um ponto luminoso para as indagações philologicas na historia das linguas modernas — ou da sua poesia, que é a mesma coisa. E' para mais ainda; porque a historia do homem, por aqui a hade começar a; estudar quem verdadeiramente a quizer saber.

Eu fiz este romance de tres fragmentos diversos, tam fragmentos, que nenhum d'elles por si se entendia bem. O primeiro appareceu-me inserido no de *Eginaldo*, *Reginaldo* — ou *Girinaldo*, como diz em muitas partes o povo. O segundo e terceiros envoltos com o de *Claralinda* ou *Clara-lindes*, que os castelhanos chamam *Clara niña*, e ao romance o do *Conde Claros*.

No lugar competente do Cancioneiro darei esses romances que hoje tenho restituídos pela collação de outros fragmentos e de melhores copias que depois me vieram. ¹

Campolide, 8 de Setembro 1843.

Tambem na LUSITANIA ILLUSTRATA vem a tradução ingleza d'este romance que vae copiada no appendice á II parte do LIVRO II do NOSSO ROMANCEIRO.

¹ Vej. no livro II, part. I, o romance XIII, *Claralinda*; e na parte. II, o romance XVIII, *Conde Nilo*; ibid. o romance XX a *Peregrina*.

Aqui damos agora o bello estudo e versão franceza de M. Edouard Fournier sobre a *Rosalinda*, que se publicou em Paris em 1852.

Abril, 16-1853.

OS EDITORES.

ROSALINDA

ÉRA por manhã de maio,
Quando as aves a piar,
As arvores e as flores,
Tudo se anda a namorar;

Era por manhã de maio,
A' fresca riba de mar,
Quando a infanta Rosalinda
Alli se estava a tocar.

Trazem das flores vermelhas,
Das brancas para a enfeitar;
Tam lindas flores como ella
Não n'as poderam achar:

Que é Rosalinda mais linda
Que a rosa, que o nenuphar,
Mais pura que a açucena
Que a manhan abre a chorar.

Passava o Conde almirante
Na sua galé do mar;
Tantos remos tem por banda
Que se não podem contar;

Captivos que a vão remando
A Moirama os foi tomar;
D'elles são grandes senhores,
D'elles de sangue real:

Que não ha moiro seguro
Entre Ceuta e Gibraltar,
Mal sae o Conde almirante
Na sua galé do mar.

Oh que tam linda galera,
Que tam certo é seu remar!
Mais lindo capitão leva,
Mais certo no marear.

«Dizei me, oh Conde almirante
 Da vossa galé do mar,
 Se os captivos que tomaes
 Todos los fazeis remar?»

—Dizei-me, a bella Infanta,
 Linda rosa sem igual,
 Se os escravos que lá tendes
 Todos vos sabem tocar?»

«Cortez sois, Dom Almirante ;
 Sem responder, perguntar!»
 —Responder, responderei,
 Mas não vos heisde enfadar :

Captivos tenho de todos,
 Mais bastos que um aduar;
 Uns que mareiam as velas,
 Outros no banco a remar

As captivas que são lindas
 Na pôpa vão a dansar,
 Tecendo alfombras de flores
 Para o senhor se deitar.

«Respondeis, respondo eu,
 Que é boa lei de pagar :
 Tenho escravos para tudo,
 Que fazem o meu mandar ;

D'elles para me vestir,
 D'elles para me tocar...
 Para um só tenho outro emprego,
 Mas está por captivar...

—Captivo está, tam captivo
 Que se não quer resgatar.
 Rema, a terra a terra, moiros,
 Voga certo, e a varar!»

Já se foi a Rosalinda
 Com o Almirante a folgar :
 Fazem sombra as laranjeiras,
 Goivos lhe dão cabeçal.

Mas fortuna, que não deixa
A nenhum bem sem dezar,
Faz que um monteiro d'elrei
Por alli venha a passar.

—Oh monteiro, do que viste,
Monteiro, não vás contar:
Dou-te tantas bolsas de oiro
Quantas tu possas levar.—

Tudo o que viu o monteiro
A el-rei o foi contar,
A casa da Estudaria
Onde elrei stava a estudar.

—«Se á puridade o disseras,
Tença te havia de dar:
Quem taes novas dá tam alto,
Alto hede ir... a enforcar.

—«Arma, arma, meus archeiros
Sem charamellas tocar!
Cavalleiros e piões,
Tudo á tapada a cercar.»

Inda não é meio dia,
Começa a campa a dobrar;
Inda não é meia noite,
Vão ambos a degolar.

Ao tópe de ave-marias
Foram ambos a enterrar:
A Infanta no altar-mór,
Elle á porta principal.

Na cova da Rosalinda
Nasce uma arvore real,
E na cova do Almirante
Nasceu um lindo rosal.

El-rei, assim que tal soube,
Mandou-os logo cortar,
E que os fizessem em lenha
Para no lume queimar.

Cortados e recortados,
Tornavam a rebentar:
E o vento que os encostava,
E elles iam-se abraçar,

El-rei, quando tal ouviu,
Nunca mais pôde falar;
A Rainha, que tal soube,
Cahia logo mortal.

== Não me chamem mais rainha,
Rainha de Portugal...
Apartei dois innocentes
Que Deus queria juntar! ==

ÉTUDES SUR LA ROSALINDA

Les rapports entre la littérature française et la littérature portugaise, au Moyen-âge, furent plus grands et plus directs que l'éloignement des deux pays ne le donnerait à penser. M. Raynouard a été des premiers à le remarquer; il ne s'est même pas borné à une simple constatation du fait, il l'a appuyé de toutes sortes de preuves. Afin même de montrer complètement combien la langue portugaise se rapprochait de la langue romane il a été jusqu'à traduire dans la langue des troubadours une petite pièce du Camoëns. ¹ Épreuve triomphante! car à quelques syllabes près, les deux pièces, l'original et la traduction, se sont trouvés les mêmes. Il n'y a pas plus complète identité contre les *Noei* en patois bourguignon et la très facile traduction française que tout le monde peut en faire. Qu'on en juge par la seconde des deux strophes:

PORTUGAIS

Melhor deve ser
N'este aventurar
Ver e não guardar
Que guardar e ver.
Ver e defender
Muito bom seria,
Mas quem poderia?

LANGUE DES TROUBADOURS

Melhor deu esser
En est aventurar
Vezer e no guardar
Que guardar e vezer.
Vezer e defender
Molt bon seria,
Mas qui poiria?

Dans tout cela, je le répète, il n'y a pas une syllabe qui ne soit sœur de celle qui la traduit.

Les mots qui servaient à désigner les diverses sortes de pièces de poésie étaient les mêmes pour les poètes portugais et pour les poètes de la langue romane. Ceux-ci, par exemple, avaient le *lai* qui correspondait directement au *leod* allemand et au *laoi* des Irlandais; ceux-là, Portugais et Espagnols, avaient le *loa*. La même chose sous le même mot. Une autre espèce de poème s'appelait *dict* chez les trouvères, et les Portugais le connaissaient aussi sous un nom presque pareil. Dans la *Carta del Marques de*

¹ *Poésie des Troubadours*, tom. vi, pag. 385.

*Santillana*¹ se lit cette phrase par laquelle se trouvent indiqués ces *dicts* en langue portugaise : « *Cançigas serranas, e decires Portugueses e Gallegos.* » Pour exprimer la rime dans toute sa primitivité native, mais mélodieuse, nous avons le mot *assonance* qui est resté, et le verbe *assonner* qui n'a malheureusement pas eu le même sort. Les Espagnols et les Portugais avaient de même le verbe *asonar* qu'ils étendaient jusqu'au sens de l'expression « *me. tre en musique.* »² Enfin, il n'est pas jusqu'au mot *troubadour* qui ne se retrouve à peine modifié dans la langue portugaise. Tantôt c'est *trobar*, tantôt c'est *trobador*. Le premier de ces mots se trouve dans ce vers des *Fragmentos de hum Cancioneiro inedito*:²

Et por que m'ora quitey de trobar,

et le second, aux fol. 91 et 101 du même recueil.

Ces similitudes ne se retrouvent pas seulement dans les idiomes, mais encore dans le génie des deux nations. On voit par les œuvres qu'ont laissées leurs poètes que toutes deux puisent aux mêmes sources et se renvoient mutuellement l'inspiration. Mais elle vient surtout des troubadours, il faut bien le dire; et quand nous avons appris que le roi de Portugal Diniz prit pour maître en l'art des vers le troubadour de Cahors, Aymeric d'Ebrard, qui lui apprit à faire même des vers provençaux, et qui reçut en récompense l'archevêché de Lisbonne où il fonda la fameuse Université transportée en 1308 à Coimbre; nous n'avons pas été surpris. A' cette époque déjà, tous les bons maitres venaient de France.

Pour preuve de la communauté d'inspiration des poètes portugais et des troubadours, nous citerons deux exemples. Une chanson portugaise que nous lisons au fol. 73 du recueil rarissime cité tout-à-l'heure sera le premier. On la trouva ainsi traduite

¹ Ap. Sanchez, tom 1, pag. LVIII.

² Le manuscrit du *Cancioneiro* date du XIII^e siècle et les pièces qu'il contient semblent plus anciennes. Il a été publié à Paris en 1823 par Sir Ch. Stuart of Rothsay et tiré seulement à 25 exemplaires, dont aucun n'a été mis dans le commerce. Vid. a nova ed. do Sr. Varnhagen, Madrid 1851.

dans les *Prolégomènes de l'Histoire de la Poésie scandinave*, par M. Edelestand Du Méril¹.

«Par Dieu! ô dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.

«Vous me semblez si belle, ó dame, que jamais je n'en vis d'aussi belle et je vous dis une grande vérité, telle que je n'en sais pas de plus vraie. Par Dieu, ô dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.

«Et Dieu, qui vous tient en sa puissance, vous combla si généreusement de ses dons, qu'il n'est rien au monde qui puisse ajouter à votre mérite. Par Dieu, ó dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.

«En vous créant, Madame, sa puissance montra tout ce qu'il était capable de réunir en une dame de mérite, de beauté et d'esprit. Par Dieu, ô dame Léonor notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.

«Comme brille le bon rubis au milieu des perles, vous brillez entre toutes celles que j'ai jamais vues, et c'est pour moi qui suis épris de tant d'amour que Dieu, vous a créée. Par Dieu, dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.»

Notre second exemple sera ce chant charmant de la *Rosalinda*. M. de Almeida-Garrett, avec ce tact exquis et cet haut goût archéologique qui le placent à la tête des poètes les mieux inspirés et en même temps les plus érudits du Portugal, a retrouvé dans les vieilles traditions du peuple lusitain, et reconstruit d'après trois différents fragments, les meilleures variantes de ce chant depuis si longtemps populaire. Le poète se trouve à chaque vers de cette chanson telle qu'il l'a rétablie, et l'érudit à chaque ligne de l'introduction historique dont il l'a fait précéder. Jamais en n'a mieux prouvé que dans cette préface savante, les rapports poétiques qui existèrent au moyen-âge entre les races du midi et celles du nord. Où M. Garrett trouve-t-il, en effet, le premier germe de la poétique image qui couronne la ballade portugaise? Dans les chants écossais, dans la romance du *Prince Robert*, telle que la tradition orale l'avait

¹ Pag. 339, note 1.

transmise a Walter-Scott pour son *Minstrelsy of the scottish border* etc. ; ou bien encore dans cette fameuse histoire de Tristam et de la belle Iseult, par Rusticien de Puise, dont il cite, d'après Walter-Scott, de trop courts fragments...

Ces détails miraculeux de l'histoire d'Iseult se retrouvent dans les dernières strophes de la *Rosalinda*.¹ On le verra, du reste, par la traduction complète que nous en avons tentée. Elle est en vers souvent inélégants et mal rimés, mais exacts, je crois, et serrant du plus près qu'il est possible la strophe portugaise, bien que dans un rythme différent. Pour nous excuser des rimes insuffisantes et des mots vieilliss, nous dirons que s'ils sont de mise quelque part, c'est dans un chant populaire, et nous alléguerons, à qui ne nous le pardonnerait pas, l'enthousiasme du morose Alceste pour cette vieille chanson du *Roi Henri*, qui cependant est pleine de ces mêmes défauts. Ce qu'il dit pour les excuser devra nous justifier nous-même, et c'est l'un des vers que Molière lui prête que nous servira d'épigraphe.

Vid. tomo II do MINSTRELSY etc de Sir. W. Scott;

ROSALINDA

BALLADE PORTUGAISE

La rime n'est pas riche et le style en est vieux ¹

MOLIÈRE, *Misanthrope*.


C'ÉTAIT un matin de mai
Quand l'oiseau dans la nuée,
L'arbre au bois, la fleur au pré,
Chantent l'amour réveillé.

C'était un matin de mai,
Quand Rosalinda l'infante
Sur le rivage embaumé
Peignait sa tête charmante.

Blanches fleurs on lui portait,
Rouges fleurs avec leur branche;
Mais en grâce elle passait
Et la fleur rouge et la blanche.

Mieux que celle des épis,
Mieux que la rose nouvelle,
Le nénuphar et le lis
La belle infante était belle.

Le comte amiral passait
Avec sa galère sombre
Mainte rame s'y pressait
Tant, qu'on n'en sait pas le nombre.

Les captifs ses noirs rameurs
Il les prit au pays More. 
Tous, ils sont de grands seigneurs,
Ou du sang royal encore.

Depuis Ceuta, pas un port
Qui ne redoute la guerre
Quand le comte amiral sort
Avec sa noire galère.

¹ Note pour la traduction.

Voyez, comme elle fend l'eau
Comme on y rame en mesure!
Que son capitaine est beau,
Que sa main est forte et sûre!

—«Dites moi, comte amiral,
Pour ces captifs, votre prise,
Le labeur, est-il égal?
Rament-ils tous, sous la brise?

—«Vous que je vois se mirer,
Belle infante, fleur d'élite,
S'avent-ils, tous vous parer
Ces esclaves, votre suite?»

—«L'amiral est peu galant,
Pour réponse une demande!
Qu'il parle, il se peut pourtant
Que sa réponse on lui rende.»

—«Ainsi qu'un chef d'Adouar,
J'ai bien des captifs, madame,
Du travail tous ont leur part,
L'un manœuvre et l'autre rame.

«Les captives au beau front
Dansent, effeuillant la rose,
Et de fleurs jonchent le pont,
Pour que leur maître y repose.»

—«Vous répondez, je vous dois,
Comte, égale politesse:
J'ai, dociles à ma voix,
Esclaves de toute espèce.

«L'un est là pour m'atourner
Et cet autre me fait brave (belle.)
Un emploi reste à donner,
Où manque encor un esclave... »

—«Cet esclave il est trouvé,
Il défend qu'on le libère;
Il ne veut qu'être arrivé,
Ramez vite, allons à terre!

Et Rosalinda partit:

Et le comte est avec elle,
Les fleurs leur prêtent un lit,
L'oranger sa verte ombelle.

Mais le sort,—'cest là sa loi—
Ne veut qu'un bien sans mal vienne
Là, passe un veneur du roi...
C'est le destin qui l'amène.

—«De tout ce qui tu vis là
Ne conte rien à personne,
Veneur, on te donnera
De l'or à payer un trône.»

Mais ce que le veneur sait,
Prés du roi vite il s'en vante,
Qui dans son palais était,
Et qui pensait à l'infante.

—«En honneur dis chaque mot
Tu recevras récompense
Mais qui dit haut, ira haut.
C'est-à-dire à la potence.»

«Vite, archers, vite clairons,
Sonnez, comme pour combattre
Nobles, cavaliers, piétons
Vite, allons la forêt battre.

Midi n'était pas frappé
Que sonne un glas mortuaire,
Minuit n'avait pas tinté
Que leur tête était par terre.

Quand l'Angelus vint après
Dans leur fosse on les emporte,
Elle au maître-autel, lui près
Des marches de la grand porte.

Voilà qu'au premier tombeau
Nait un noble et puissant arbre,
Quand un rosier grand et beau
Pousse auprès du second marbre.

—«Ça qu'on les lie en fagot
Pour en faire de la cendre,»
Cria le vieux roi, sitôt
Que la chose il put apprendre.

Mais on eut beau les raser,
Chacun á l'envi repousse;
Même, ils semblent se baiser
Sous la brise qui les pousse.

Au roi l'on a révélé
Cete aventure inouïe.
Depuis, il n'a plus parlé;
La reine est évanouïe.

D'elle on a pu retenir
Ces mots: «Je ne suis plus reine!
Dieu voulait les réunir,
Nous avons rompu leur chaîne!»

VI

MIRAGAIA

E' a terceira vez que se imprime o romance MIRAGAIA; só agora porém vae restituído ao seu devido logar n'este primeiro livro do ROMANCEIRO. Publicou-se primeiramente no *Jornal das Bellas Artes*, ¹ foi logo vertido em inglez não sei por quem, e não me lembra em que publicação appareceu, nem o acho.

Traduziu-o em francez um curioso; ² e não me metto a apreciar a que elle modestamente chama «imitação» do meu romance; dou-a em appendice.

Tambem sei que existe uma versão castelhana pelo sr. Isidoro Gil, o mesmo que n'este idioma traduzira o *Bernal Francez*. Creio que se publicou em um jornal de Madrid, mas não a vi nunca.

Eu, quando dei esta bagatella aos Srs. editores do *Jornal das Bellas-Artes* para encherem algum vão que lhes sobrasse n'aquella sua linda e elegante publicação, escrevi, a um canto do proprio rascunho original que não tive paciencia de copiar, as seguintes palavras:

¹ *Jornal das Bellas-artes*, Lisboa 1845, vol. 1.

² Mr. Zanole, que foi depois, em 1848-1849, addido á legação franceza na China.

«Este romance é a verdadeira reconstrucção de um monumento antigo. Algumas coplas são textualmente conservadas da tradição popular, e se cantam no meio da historia 'rezada' ainda hoje repettida por velhas e barbeiros do lugar. O conde D. Pedro e os chronistas velhos tambem fabulam cada um a seu modo sobre a legenda. O auctor, ou, mais exactamente, o recopilador, seguiu muito pontualmente a narrativa oral do povo, e sôbretudo quiz ser fiel ao stylo, modos e tom de contar e cantar d'elle; sem o que, é sua intima persuasão que se não pôde restituir a perdida nacionalidade á nossa litteratura.»

O Postscriptum, servindo de nota ao commento, sahi impresso no referido jornal, e foi ampliado com algumas observações por extremo lisongeiras dos Srs. editores, a quem muito desejei auxiliar como elles mereciam por sua gentil empresa. que era a mais bella e das mais uteis que se têm commettido em Portugal.

Devo ao seu favor, não só o terem adornado a minha MIRAGAIA com as lindas gravuras em madeira que todos admiraram, mas o permittirem que se fizesse com ellas a pequena edição em separado com que quiz brindar alguns amigos, apaixonados, como eu, de nossas antigualhas populares.

Era uma folha avulsa do meu ROMANCEIRO, e n'elle vae reposta agora que se offerece tempo e logar conveniente.

Foi das primeiras coisas d'este genero em que trabalhei: e é a mais antiga reminiscencia de poesia popular que me ficou da infan-

cia, porque eu abri os olhos á primeira luz da razão nos proprios sitios em que se passam as principaes scenas d'este romance. Dos cinco aos dez annos de idade vivi com meus paes n'uma pequena quinta, chamada «O Castello» que tinhamos áquem Doiro, e que se diz tirar esse nome das ruinas que alli jazem do castello mourisco.

Na ermida da quinta se venerava uma imagem antiquissima de Nossa-Senhora com a mesma invocação «do Castello» e com a sua legenda popular tambem, segundo o costume.

Com os olhos tapados eu iria ainda hoje achar todos esses sitios marcados pela tradição. Muita vez brinquei na fonte do rei Ramiro, cuja agua é deliciosa com effeito; e tenho idéa de me ter custado caro, outra vez, o imitar, com uma gaita da feira de San'Miguel, os toques da bozina de S. M. Leoneza, empoleirando-me, como elle, n'um resto de muralha velha do castello d'el-rei Alboazar: o que meu pae desapprovou com tam significante energia, que ainda hoje me lembra tambem.

Assim ólho para esta pobre *Miragaia* como para um brinco meu de criança que me apparecesse agora; e quero-lhe — que mal ha n'isso? — quero-lhe como a tal. Não a julguem tambem por mais, que o não vale.

Lisboa, 24 de Janeiro 1847.



MIRAGAIA

CANTIGA PRIMEIRA

NOITE escura tam formosa,
Linda noite sem luar,
As tuas estrellas de oiro
Quem n'as poderá contar!

Quantas folhas ha no bosque,
Areias quantas no mar?...
Em tantas letras se escreve
O que Deus mandou guardar.

Mas guai do homem que se fia
N'essas letras decifrar!
Que a lêr no livro de Deus
Nem anjo pode atinar.

Bem ledo está Dom Ramiro
Com sua dama a folgar;
Um perro bruxo judio
Foi causa de elle a roubar.

Disse-lhe que pelos astros
Bem lhe podia affirmar
Que Zahara, a flor da belleza,
Lhe devia de tocar.

E o rei veiu de cilada
D'álêm do Doiro passar,
E furtou a linda moira,
A irman d'Alboazar.

A Milhor, que é terra sua
E está na beira do mar,
Se acolheu com sua dama...
Do mais não sabe cuidar.

Chora a triste da rainha,
Não se pode consolar;
Deixál-a por essa moira,
Deixál-a com tal dezar!

E a noite é escura cerrada,
Noite negra sem luar...
Ella sósinha ao balcão
Assim se estava a queixar:

—«Rei Ramiro, rei Ramiro,
Rei de muito mau pezar,
Em que te errei d'alma ou corpo,
Que fiz para tal penar?

«Diz que é formosa essa moira,
Que te soube enfeitiçar...
Mas tu dizias-me d'antes
Que eu era bella sem par.

«Que é môça, na flor da vida...
Eu, se ainda bem sei contar,
Ha tres que tinha vinte annos,
Fil-os depois de casar.

«Diz que tem os olhos pretos,
D'estes que sabem mandar...
Os meus são azues, coitados!
Não sabem senão chorar.

«Zahara, que é flor, lhe chamam,
A mim, Gaia... Que acertar!
Eu fiquei sem alegria,
Ella a flor não torna a achar.

«Oh! quem podéra ser homem,
Vestir armas, cavalgar,
Que eu me fôra já direita
A esse moiro Alboazar...

Palavras não eram ditas,
Os olhos foi a abaixar,
Muitos vultos acercados
Ao palacio viu estar;

—«Peronella, Peronella,
Criada do meu mandar,
Que vultos serão aquelles
Que, por alli vejo andar?»

Peronella não responde;
Que havia de ella falar?
Ricas peitas de oiro e joias
A tinham feito calar.

A rainha que se erguia
Por sua gente a bradar,
Sete moiros cavalleiros
A foram logo cercar;

Soltam prégas de um turbante,
A bocca lhe vão tapar:
Tres a tomaram nos braços...
Nem mais um ai pôde dar.

Criados da sua casa
Nenhum veiu a seu chamar;
Ou peitados ou captivos
Não n'a podem resgatar.

São sete os moiros que entraram
Sete os estão a aguardar;
Não falam nem uns nem outros
E prestes a cavalgar!

Só um, que de arção a toma,
Parece aos outros mandar...
Juntos juntos, certos certos,
Galopa a bom galopar!

Toda a noite, toda a noite
Vão correndo sem cessar,
Pelos montes trote largo,
Por valles a desfilar.

Nos ribeiros —peito n'agua,
Chape, chape, a vadear!
Nas defesas dos vallados
Up! salto—e a galgar!

Vae o dia alvorecendo,
Estão á beira do mar,
Que rio é este tão fundo
Que n'elle vem desaguar?

A bôcca já tinha livre,
Mas não acerta a falar
A pasmada da rainha...
Cuida ainda de sonhar!

—«Rio Doiro, rio Doiro,
Rio de máo navegar,
Dize-me, essas tuas aguas
Adonde as foste buscar;

«Dir-te-hei a perola fina
Aonde eu a fui roubar.
Ribeiras correm ao rio,
O rio corre a la mar.

«Quem me roubou minha joia,
Sua joia lhe fui roubar...»
O moiro que assim cantava,
Gaia que o estava a mirar...

Quanto o mais mirares, Gaia,
Mais formoso o has de achar.
«Que de barcos que alli véem!»
—Barcos que nos véem buscar.»
«Que lindo castello aquelle!»
—É o do moiro Alboazar.

CANTIGA SEGUNDA

REI Ramiro, rei Ramiro,
Rei de muito máo pezar,
Ruins fadas te fadaram,
Má sina te foram dar.

Do que tens não fazer conta,
O que não tens cubiçar!...
Zahara, a flor dos teus cuidados,
Já te não dá que pensar.

A rainha que era tua,
Que não soubeste guardar,
Agora morto de zelos
Do moiro a queres cobrar.

Oh! que barcos são aquelles
Doiro acima a navegar?
A noite escura cerrada,
E elles mansinho a remar!

Cozeram-se com a terra,
Lá se foram encostar;
Entre os ramos dos salgueiros,
Mal se podem divisar.

Um homem saltou na praia:
Onde irá n'aquelle andar?
Leva bordão e esclavina,
Nas contas vae a rezar.

Inda a névoa tolda o rio,
O sol já vem a rasgar,
Pela encosta do castello
Vae um romeiro a cantar:

—«Sanctiago de Galliza,
Longe fica o vosso altar:
Peregrino que lá chegue
Não sabe se ha de voltar.»

Na encosta do castello
Uma fonte está a manar;
Donzella que está na fonte
Pôz-se o romeiro a escutar.

A donzella está na fonte,
A jarra cheia a deitar:
«Bemdito sejaes, romeiro
E o vosso doce cantar!

«Por estas terras de moiros
É maravilha de azar,
Ouvir cantigas tam santas,
Cantigas do meu criar.

«Sete padres as cantavam
A' roda de um bento altar,
Outros sete respondiam
No côro do salmear,

«Entre véspera e completas,
E os sinos a repicar.
Ai triste da minha vida
Que os não oiço já tocar!

«E as rezas d'estes moiros
Ao démo as quizera eu dar.»
Ovireis ora o romeiro
Resposta que lhe foi dar:

—Deus vos mantenha, donzella,
E o vosso cortez falar:
Por estas terras de moiros
Quem tal soubera de achar!

Por vossa tenção, donzella,
Uma reza heide rezar
Aqui aopé d'esta fonte,
Que não posso mais andar.

Oh! que fresca está a fonte,
Oh! que sêde de matar!
Que Deus vos salve, donzella,
Se aqui me deixaes sentar.»

«Sente-se o bom do romeiro,
Assente-se a descansar.
Fresca é a fonte, doce a agua,
Tem virtude singular:

D'outra não bebe a rainha
Que aqui m'a manda buscar
Por manhanzinha bem cêdo,
Antes de o sol aqueutar.»

—Doce agua deve de ser,
De virtude singular:
Dae-me vós uma vez d'ella,
Que me quero consolar.

«Beba o peregrino, beba
Por esta fonte real,
Cântara de prata virgem,
Tem mais valor que oiro tal.

—Dona Gaia que diria,
Que faria Alboazar
Se visse o pobre romeiro
Beber da fonte real?...

«Inda era noite fechada
Meu senhor foi a caçar:
Mãos javardos o detenhãam,
Que é bem ruim de aturar!

Minha senhora, coitada,
Essa não tem que falar:
Quem já teve fontes de oiro
Prata não sabe zelar.

—Pois um recado, donzella,
Agora lhe heis de levar;
Que o romeiro christão
Lhe deseja de falar.

Da parte de um que é já morto,
Que morreu por seu pezar,
Que á hora de sua morte
Este annel lhe quiz mandar.»

Tirou o anel do dedo
 E na jarra o foi deitar:
 —Quando ella beber da agua
 No anel ha de attentar.

Foi-se d'alli a donzella.
 Ia morta por falar...
 —«Anda cá ó Peronella,
 Criada de meu mandar.

Tua ama morrendo á sêde
 E tu na fonte a folgar?
 «Folgar não folguei, senhora,
 Mas deixei-me adormentar,

Que a moira vida que eu levo
 Já não n'a posso aturar.
 Ai terra da minha terra,
 Ai Milhor da beira-mar!

Aquella sim que era vida,
 Aquillo que era folgar!
 E em santo temor de Deus:
 Não aqui n'este peccar!»

—«Cal'-te, cal'-te, Peronella,
 Não me queiras attentar;
 Que eu a viver entre moiros
 Me não vim por meu gostar.

Mas já tenho perdoado
 A quem lá me foi roubar;
 Que antes escrava contente,
 Do que rainha a chorar.

Forte christandade aquella,
 Bom era aquelle reinar!
 Viver só, desamparada,
 Ver a moira em meu logar!...»

Lembrava-lhe a sua offensa,
 Está-lhe o sangue a queimar:
 Na agua fria da fonte
 A sêde quiz apagar.

A fonte de prata virgem
A' bôcca foi a levar,
As ricas pedras do annel
No fundo viu a bri'har.

— «Jesus seja co'a minha alma!
Feitiços me querem dar...
O fogo a arder dentro n'agua,
E ella fria de nevar!»

«Senhora, co' esses feitiços
Me tomára eu embruxar!
Foi um bemdito romeiro
Que á fonte fui encontrar,

Que ahi deitou esse annel
Para prova singular
De um reccado que vos trouxe,
Com que muito heisde folgar.

— «Venha já esse romeiro
Que lhe quero já falar :
Embaixador deve ser
Quem traz presente real.»

CANTIGA TERCEIRA

POR Deús vos digo, romeiro,
Que vos queiraes levantar;
Minhas mãos não são reliquias,
Basta de tanto beijar!

O romeiro não se erguia,
As mãos não lhe quer largar:
Os beijos uns sobre os outros,
Que era um nunca acabar.

Ia a enfadar-se a rainha,
Viu que entrava a soluçar,
E as lágrimas, quatro e quatro,
Nas mãos sentia rolar:

— «Que tem o bom do romeiro,
Que lhe dá tanto pezar?
Diga-me las suas penas
Se lh'as posso alliviar.

—Minhas penas não são minhas,
Que aos mortos morre o penar;
Mas a vida que eu perdi
Em vós podia encontrar.

Minhas penas não são minhas,
Senão vossas, mal pezar!
Que uma rainha christian
Feita moira vim achar...

— «Romeiro, não tomeis cuita
Por quem se não quer cuitar:
Do que foi já me não lembro,
O que sou não me é dezar.

Deus terá dó da minha alma,
Que meu não foi o peccar;
E a esse traidor Ramiro
As contas lhe hade tomar.

— Pois não espereis, senhora,
Por Deus, que póde tardar:
Dom Ramiro aqui o tendes,
Mandae-o já castigar.

Em pé está Dom Ramiro,
- Já não ha que disfarçar:
Aquellas barbas tam brancas
Cahiram de um empuxar.

O bordão e a esclavina
A terra foram parar;
Não ha vêr mais gentilezas
De meneio e de trajar.

Quem viu olhos como aquelles
Com que o ella está a mirarl
Quem passou já transes d'alma
Como ella está a passar?

Um tremor que não é medo,
Um sorriso de enfiar,
Vergonha que não é pejo,
Faces que ardem sem corar...

Tudo isso tem no semblante,
Tudo lhe está a assomar
Como ondas que vão e vêm
Na travessia do mar.

A vingança é o prazer do homem,
Da mulher é o seu manjar:
Assim perdôa elle e vive,
Ella não—que era acabar.

Vingar-se foi o primeiro
E o derradeiro pensar
Que entre tantos pensamentos,
Em Gaia estão a pular:

Logo depois a vaidade,
O gosto de triumphar
N'um coração que foi seu,
Que seu lhe torna a voltar.

E o rei moiro estava longe
 C'os seus no monte a caçar,
 Ella só n'aquella tôrre...
 Prudencia e dissimular!

Abre a bocca a um sorriso
 Doce e triste—de matar!
 Tempéra a chamma dos olhos,
 Abafa-a por mais queimar.

Poz na voz aquelle encanto
 Que, ou minta ou não, é fatal;
 E com o inferno no seio,
 Fala o céu no seu falar.

Já os amargos queixumes
 Se embrandecem no chorar,
 E em sua propria justiça
 Com arte finge affrouxar.

Protesta a bocca a verdade:
 —«Que não hade perdoar...»
 Mas a verdade dos labios
 Os olhos querem negar.

De joelhos Dom Ramiro
 Alli se estava a humilhar,
 Supplica, roga, promette...
 Ella parece hesitar.

Senão quando, uma bozina,
 Se ouviu ao longe tocar...
 A rainha mal podia
 O seu prazer disfarçar:

—«Escondei-vos, Dom Ramiro,
 Que é chegada Alboazar,
 Depressa n'este aposento...
 Ou já me vereis matar.»

Mal a chave deu tres voltas,
 Na manga a foi resguardar;
 Mal tirou a mão da cotta,
 Que o rei moiro vinha a entrar:

— «Tristes novas, minha Gaia,
Novas de muito pezar!
Primeira vez em tres annos
Que me succede este azar!...

Toquei a minha bozina
A's portas, antes de entrar,
E não correste ás ameias
Para me vêr e saudar!

Muito mal fizeste, amiga,
Em tam mal me costumar;
Não sei agora o que fazes
Em me querer emendar...»

No coração da rainha
Batalhas se estão a dar
Os mais estranhos affectos
Que nunca se hão de encontrar:

O que foi, o que é agora...
E a ambição de reinar...
O amor que tem ao moiro,
E o gosto de se vingar...

Venceu amor e vingança:
Deviam de triumphar,
Que era em peito de mulher
(Que a batalha se foi dar.

«Novas tenho e grandes novas,
Amigo para vos dar:
Tomae esta chave e abride,
Vereis se são de pezar.»

Com que ância elle abriu a porta
Vista que foi encontrar!...
Palavras que alli disseram,
Não n'as saberei contar;

Que foi um bramir de ventos,
Um bater de aguas no mar,
Um confundir céo e terra,
Querer-se o mundo acabar.

Vereis porfim o rei moiro
 Que sentença veio a dar:
 = «Perdeste a honra, christão;
 Vida, quero-t'a deixar.

De uma vez, que me roubaste,
 Muito bem me fiz pagar:
 D'esta basta-me a vergonha
 Para de ti me vingar.=

Sentia-se el-rei Ramiro
 Do despeito devorar;
 Com ár constricto e affligido
 Assim lhe foi a falar:

— Grandes foram meus peccados,
 Poderoso Alboazar;
 E taes que a mercê da vida
 De ti não posso acceitar:

Eu não vim a teu castello
 Senão só por me entregar,
 Para receber a morte
 Que tu me quizeres dar;

Que assim me foi ordenado
 Para minha alma salvar
 Por um santo confessor
 A quem me fui confessar.

E mais me disse e mandou,
 E assim t'o quero rogar,
 Que, pois foi publica a offensa,
 Público seja o penar:

Que ahi n'essa praça d'armas
 Tua gente faças juntar;
 Ahi deante de todos
 A vida quero acabar

Tangendo n'esta bozina,
 Tangendo até rebentar;
 Digam todos que isto virem,
 E lhes fique de alembrar:

«Grande foi o seu peccado,
No mundo andou a soar;
Mas a sua penitencia
Mais alto som veiu a dar.»

Quizera-lhe o bom do moiro
Por força alli perdoar;
Mas se a pêrra da rainha
Jurou de á morte o levar!...

Veis na praça do castello,
Toda a moirama a ajuntar;
Em pé no meio da turba
Ramiro se foi alçar.

Tange que lhe tangerás,
Toca rijo a bom tocar;
Por muitas leguas á roda
Reboava o bozinar.

Se o ouvirão nas galés
Que deixou á beira-mar?
Decerto ouviram, que um grito
Tremendo se ouve soar...

CANTIGA QUARTA

SANCTIAGO!... Cerra, cerra!
Sanctiago, e a matar!
Abertas estão as portas
Da torre de par em par.

Nem atalaias nos muros,
Nem roldas para as velar...
Os moiros despercebidos
Sentem-se logo apertar

De um tropel de leonezes
Já portas a dentro a entrar.
Deixa a bozina Ramiro,
Mão á espada foi lançar.

E de um só golpe fendente,
Sem mais pôr nem mais tirar,
Parte a cabeça até aos peitos
Ao rei moiro Albuazar...

Já tudo é morto ou captivo,
Já o castello está a queimar;
A's galés com seu despôjo
Se foram logo a embarcar.

—Voga, rema! d'além Doiro
A' pressa, á pressa a passar,
Que já oiço alli na praia
Cavallos a relinchar.

Bandeiras são de Leão
Que lá vejo tremular
Voga, voga, que além Doiro
E' terra nossa!... A remar!

D'aqui é moirama cerrada
Até Coimbra e Thomar.
Voga, rema, e d'além Doiro!
D'aquem não ha que fiar.»

A' poppa vae Dom Ramiro
De sua galé real
Leva a rainha á direita,
Como quem a quer honrar:

Ella, muda, os olhos baixos
Leva n'agua... sem olhar,
E como quem de outras vistas
Se quer só desaffrontar.

Ou Dom Ramiro fingia
Ou não vem n'isso a attentar;
Já vão a meia corrente,
Sem um para o outro falar.

Ainda arde, inda fumega
O alcaçar de Alboazar;
Gaia alevantou os olhos,
Triste se poz a mirar;

As lagrimas, uma e uma
Lhe estavam a desfiar,
Ao longo, longo das faces
Correm... sem ella as chorar.

Olhou el-rei para Gaia,
Não se pôde mais callar;
Cuidava o bom do marido
Que era remorso e pezar

Do máo termo atraídoado
Que com elle fôra usar
Quando o entregou ao moiro
Tam só para se vingar.

Com voz enternecida
Assim lhe foi a falar
—«Que tens Gaia... minha Gaia?
Ora pois! não mais chorar,

Que o feito é feito...» — «E bem feito!»
Tornou-lhe ella a soluçar,
Rompendo agora n'uns prantos
Que parecia estalar;

«E' bem feito, rei Ramiro!
 Valente acção de pasmar!
 A' lei de bom cavalleiro,
 Para de um rei se contar!

A' falsa fé o mataste...
 Quem a vida te quiz dar!
 A' traição .. que de outro modo,
 Não és homem para tal.

Mataste o mais bello moiro
 Mais gentil, mais para amar
 Que entre moiros e christãos
 Nunca mais não terá par.

Perguntas-me porque choro! . .
 Traidor rei, que hei de eu chorar?
 Que o não tenho nes meus braços,
 Que a teu podêr vim parar.

Perguntas-me o que miro?
 Traidor rei, que heide eu mirar?
 As tôrres d'aquelle alcáçar,
 Que ainda estão a fumegar.

Se eu fui alli tam ditosa,
 Se alli soube o que era amar,
 Se alli me fica alma e vida...
 Traidor rei, que heide eu mirar!»

—«Pois *mira, Gaia!*» E, dizendo,
 Da espada foi arrancar:
Mira, Gaia, que esses olhos
 Não terão mais que mirar.»

Foi-lhe a cabeça de um talho;
 E com o pé, sem olhar,
 Borda fóra empuxa o corpo...
 O Doiro que os leve ao mar.

Do extranho caso inda agora
 Memoria está a durar;
Gaia é o nome do castello
 Que alli *Gaia* fez queimar:

E d'além Do'ro, essa praia
Onde o barco ia a aproar
Quando bradou — «Mira, Gaia?»
O rei que a vae degolar,

Ainda hoje está dizendo
Na tradição popular,
Que o nome tem — MIRAGAIA
D'aquelle fatal mirar.



VERSÃO FRANCEZA

I

Nuit sombre, mais si belle encor!
Belle nuit, à travers ton ombre,
Oh! qui de tes étoiles d'or
Pourra jamais compter le nombre?

Compte-t'on les feuilles du bois?
Ou de la mer les grains des sables?
De l'Éternel telle est la voix
Écrite en lettres innombrables.

Hélas! dans ce livre divin
Nul ne peut espérer de lire!
Un ange l'essaierait en vain;
Son savoir n'y pourrait suffire.

Don Ramire, dans son palais
Vivait heureux avec la reine,
Un juif maudit troubla leur paix
Et brisa leur tant douce chaîne.

Il prédit au roi, trop flatté
Du beau destin qu'on lui dévoile,
Que Zahara, fleur de beauté
Serait à lui! . . . c'est son étoile!

Le roi, que l'amour tient au cœur,
Va, plein du feu qui le dévore,
D'Alboazar ravir la sœur
Et fuit avec la belle Maure.

A' Milhor, lieu rempli d'attraits,
Dont la mer baigne les rivages,
Tous deux sans soucis, sans regrets
Passaient leurs jours exempts d'orages

La reine de ce coup affreux
Gémit et pleure et pleure encore:
Trahir ainsi ses chastes feux!
La délaisser pour une Maure!

Triste et rêveuse, á son balcon,
Seule, durant la nuit obscure,
Victime d'un lâche abandon
Elle succombe à sa blessure:

—«Roi Ramire! perfide roi,
Pourquoi me causer cette peine?
Mon cœur a-t'il trahi sa foi?
Je t'aimais tant!... pourquoi ta haine?

«On dit qu'elle a quelques attraits
Cette Maure, cette infidèle;
Tu m'as pourtant, quand tu m'aimais,
Dit cent fois que j'étais plus belle.

«On dit qu'elle a mille agréments,
Qu'elle est jeune, à la fleur de l'âge.
Moi, j'ai compté vingt trois printemps
Après mon triste mariage.

«Ses yeux sont noirs! ce sont des yeux
Si beaux, si fiers, si pleins de charmes!
Hélas! les miens ne sont que bleus...
Et puis toujours remplis de larmes!

«On nomme Zahara la *Fleur*...
Gaia c'est le nom qu'on me donne!
Gaia j'étais dans mon bonheur;
Plus ne le suis — l'on m'abandonne!

«Oh! que ne suis-je un homme, hélas!
Dans le transport qui me dévore,
J'irais moi-même de ce pas
Trouver Alboazar le more.»

Elle achevait ces mots: soudain
Tournant ses regards vers la terre
Elle aperçoit dans le lointain
Des chevaux, des hommes de guerre.

—«Peronelle, vois-tu là-bas
Ces armes qui brillent dans l'ombre?
Regarde .. ce sont des soldats;
D'où viennent-ils? quel est leur nombre?

La suivante, d'un air surpris
Paraît écouter ce langage;
Des joyaux, des bijoux de prix
De son silence étaient le gage.

Où sont ses autres serviteurs?
En vain la reine les appelle
Sept cavaliers, malgré ses pleurs,
Bientôt se sont emparés d'elle.

De leurs turbans les plis soyeux
Bandent ses yeux, ferment sa bouche;
Et trois dans leurs bras vigoureux
La soulèvent d'un air farouche.

Ils sont entrés sept au palais;
Sept autres en sentinelle.
Pas un mot... tous semblent muets...
Et vite en selle!... ils sont en selle!

Un seul paraît les commander:
Sur son coursier il tient la reine...
—«Allons!» dit-il «il faut marcher!»
Tous au galop fendent la plaine.

Point de répit, point de repos,
Chacun stimule sa monture.
Ils courent par monts et par vaux,
Ils courent tant que la nuit dure.

Dans les torrents, poitrail dans l'eau
—A guè, marchons! que l'on avance!
Ailleurs, sur les flancs d'un côteau:
—Houp! en avant! que l'on s'élançe!

Le jour se lève radieux,
Ils sont près de la mer profonde.
Quel est ce fleuve sinueux?
Qui vient s'engouffrer dans son onde?

La reine ouvre ses yeux enfin,
Sa bouche est libre, elle respire:
Lasse! elle songe à son destin
Et tout bas tristement soupire.

— «Douro, fleuve, aux perfides eaux.
Qui de dangers sème ta course,
Ne veux-tu donc pas de tes flots,
Me révéler qu'elle est la source?

• Je te dirai par quel moyen
Cette perle est en ma puissance:
A qui m'a dérobé mon bien
J'ai dérobé son espérance.

«C'est le sort qui le veut ainsi;
Tout suit cette pente secrète.
Par les eaux du torrent grossi,
Le fleuve dans la mer se jette.

Ainsi chantait le ravisseur,
Et Gaia l'écoutait sans haine.
Bientôt de ton heureux vainqueur,
Gaia, tu porteras la chaîne.

«Mais que font ces barques sur l'eau?»
—Elles viennent chercher la reine.
«Quel est ce superbe château?»
—D'Alboazar c'est le domaine.

II

Roi Ramire, roi malheureux,
A' ta naissance un noir génie
T'a jetté quelque sort fâcheux
Qui devait tourmenter ta vie.

Peu satisfait de ce qu'il-a,
À d'autres biens ton cœur aspire.
Ta fleur de beauté, Zahara,
Sur toi n'exerce plus d'empire,

La reine qu'on t'a vu chérir
Et qui par toi fut délassée...
Tu veux au more la ravir;
C'est là maintenant ta pensée.

Quelle est cette barque qui fuit,
Et du Douro va fendant l'onde?
Le bruit des rames, de la nuit
Trouble à peine la paix profonde.

Elle glisse sur les roseaux,
Elle est déjà près du rivage;
Les saules penchés sur les eaux
La cachent sous leur vert feuillage.

Un homme s'élance soudain;
D'un bond il a touché la terre,
Il tient un bourdon d'une main,
Et de l'autre porte un rosaire.

Bientôt le soleil du matin
Répand sa clarté sur la rive.
Près du castel un pèlerin
Fait entendre sa voix plaintive.

—«Saint de Galice, qu'à genoux
Le pauvre pèlerin implore,
Pour arriver au rendez-vous.
Que ton autel est loin encore!

Au pied de la tour du palais
Coule une source claire et vive:
Une jeune fille est auprès,
Elle est là, debout et pensive.

Elle écoutait d'un air rêveur
L'eau tombant de sa coupe pleine;
—«Oh! votre voix, bon voyageur,
M'a causé la plus douce peine.

«Sur cette terre de maudits
C'est pour moi bien grande merveille
D'entendre ces chants du pays,
Qui jadis frappaient mon oreille.

«Sept prêtres, autour de l'autel,
Chantaient alors cette prière,
Sept autres au chant solennel
Répondaient d'une voix austère.

«Le chœur entier psalmodiait,
Tous priaient d'une âme fervente;
Et la cloche retentissait
Portant au ciel sa voix bruyante.

«Ce son qui vibrait dans les airs,
Que ne puis-je l'entendre encore?
Que ne puis-je au fond des enfers
Étouffer tous les chants du more!

—«Que le bon Dieu veille sur vous!
Qu'il vous bénisse, jouvencelle!
Une telle langage semble doux
Où règne en maître l'infidèle,

«Je veux prier pour vous, hélas!
Je souffre et me soutiens à peine,
Il faut que s'arrêtent mes pas
Près de cette claire fontaine.

«Ah! qu'on est bien! quelle fraîcheur!
Comme cette eau me semble belle!
Laissez asseoir le voyageur;
Dieu vous le rendra, jouvencelle.»

—«Asseyez-vous, bon pèlerin,
Asseyez-vous sur cette pierre;
L'eau qui coule dans ce bassin
Est douce et fraîche, et désaltère.

La reine en boit à son réveil;
J'en viens chercher avant l'aurore;
Je viens, avant que le soleil
Ne l'ait pu réchauffer encore.»

—Cette eau si pure doit avoir
Une vertu particulière.
Ah! pour juger de son pouvoir,
Donnez-m'en, je vous prie, un verre.»

—«Buvez, buvez, bon pèlerin,
A' la fontaine du roi more.
Tenez; ce vase d'argent fin
Vaut de l'or. . . il vaut mieux encore.»

—Mais que dirait votre seigneur?
Que dirait Gaia, votre reine;
S'ils voyaient l'humble voyageur
Boire à la royale fontaine?»

—«Alboazar, avant le jour,
A quitté ce lieu solitaire.
 Il est dans les bois d'alentour,
 Aux sangliers faisant la guerre.

Ma maîtresse de ce trésor
 Ne peut se montrer soucieuse:
 Pour qui posséda vases d'or,
 Cette coupe est peu précieuse.»

—De grace! Encore une faveur!
 Dites-lui, bonne jouvencelle,
 Qu'un pauvre chrétien voyageur
 Désire être conduit près d'elle.

Dites lui bien qu'un malheureux,
 Mort de chagrin et de misère,
 L'a de cet anneau précieux
 Fait pour elle, dépositaire.»

Il tire de son doigt l'anneau,
 Dans le fond du vase il le jette:
 —Quand elle boira de cette eau
 Sa surprise sera complète!»

Mais la jeune file a bientôt,
 En courant, quitté la fontaine.
 «Pourquoi ne pas venir plus tôt?»
 Dit, d'un ton sévère, la reine,

«Joyeusement tu folâtrais,
 Quand de soif mourrait ta maîtresse?
 —«Oh! non, tristement je songeais.
 Car je songeais à ma jeunesse.

Que mon destin me semble amer!
 Ici, pour moi quelle existence!
 O' Milhor que baigne la mer,
 Milhor, pays de mon enfance!

I à, chaque jour est un plaisir,
 Gaiment se passe le bel âge;
 C'est là qu'à Dieu l'on peut offrir
 D'un saint amour le pur hommage!

«Tais-toi, Peronelle, tais-toi,
Ne réveille pas ma souffrance:
Tu sais bien que ce n'est pas moi
Qui désirais cette existence.

Mais à mon ravisseur enfin
J'ai pardonné, rendu les armes.
Esclave, je vis sans chagrin;
Reine, je vivais dans les larmes.

Ce vain titre était peu pour moi,
Trop peu pour tromper ma disgrâce.
Voir, auprès d'un époux sans foi,
Une more occuper ma place!»

A ce souvenir, de rongeur
Soudain son beau front se colore
Puisse cette eau, par sa fraîcheur,
Calmer la soif qui la dévore!

Elle prend le vase d'argent,
Le porte à ses lèvres brûlantes.
Et voit luire au même moment
De l'anneau les pierres brillantes.

«C'est un sort, Jésus, mon sauveur!
Que l'on veut jeter sur mon âme:
Cette eau glace par sa fraîcheur,
Et dans le fond c'est de la flamme.»

—«Voilà ce charme merveilleux
Qui me tenait loin de la reine.
C'est au pèlerin malheureux
Que j'ai vu près de la fontaine;

C'est lui qui dans le fond de l'eau
A voulu déposer ce gage:
De ses souhaits ce riche anneau
Devait servir de témoignage.

«Oh qu'il vienne ce voyageur,
Qu'il vienne ici! que je l'entende!
Car je veux voir l'ambassadeur
Qui m'apporte une telle offrande »

III

«Ne baisez point ainsi ma main;
De grâce, je vous en conjure:
Cessez, cessez, bon pélerin,
Et quittez cette humble posture.»

Mais le pélerin à ses vœux
Résiste. . . il devient téméraire,
Et ses baisers vont, deux à deux,
Tomber sur cette main qu'il serre.

La reine a pâli cette fois,
Dans son cœur le courroux fermente.
Soudain, elle sent sur ces doigts
Couler une larme brûlante. . .

«Qui peut causer, bon pélerin,
La douleur que je vois paraître?
Lá, contez-moi votre chagrin;
Je puis vous soulager peut-être.»

— «Oh ! non, ce n'est pas mon chagrin;
La mort fait cesser la souffrance :
Mais en vous j'espérais enfin
Retrouver ma douce existence.

Oh ! non; ce n'est pas mon destin,
C'est la vôtre que je déplore:
La compagne d'un roi chrétien
Devenir celle d'un roi more !»

«Ah ! ne me parlez pas ainsi !
La pitié peut être indiscrete.
Du présent je n'ai nul souci,
Et du passé rien ne regrette.

Dieu m'accordera son pardon;
Ce n'est pas moi qui fus coupable.
De cette lâche trahison
Ramire doit être comptable.

— «Le ciel, jusqu'ici trop clément,
L'oit en effet punir ce traître.
Ordonnez donc son châtement,
Ramire á vos yeux va paraître.»

Ramire se lève soudain,
Et laissant là toute imposture,
De sa barbe de pèlerin
Il a depouillé sa figure.

Le bourdon qu'il tient dans sa main
Prés de là va rouler á terre;
Et d'un geste plein de dédain,
Il jette á ses pieds son rosaire.

Qui pourrait dire de quels yeux
Le regardait la noble dame,
Quels sentiments impétueux
Troublaient en ce moment son âme?

Elle tremble, mais non de peur;
Sans gaité, sa bouche est riante:
Elle est honteuse, sans pudeur;
Elle pâlit... elle est brûlante.

On voit ces sentiments divers
Se succéder sur son visage,
Comme les flots, au sein des mers,
Se heurter dans un jour d'orage.

A' l'homme la vengeance plait;
Pour la femme c'est un délice;
L'un pardonne, il est satisfait;
L'autre veut qu'elle s'accomplisse.

Sous le poids de ce souvenir,
Dont la reine a l'âme oppressée,
Ce fut là son premier désir,
Ce fut sa dernière pensée.

Et puis, pour elle quel honneur!
Combien elle doit être vaine,
De pouvoir triompher d'un cœur
Qui revient reprendre sa chaîne!

Mais dans les forêts d'alentour
Chasse en ce moment le roi more,
Elle est seule dans cette tour...
Il faut se taire et feindre encore.

Elle sourit, mais tristement,
De ce sourire qui fend l'âme,
Et voile son regard charmant
Pour mieux en tempérer la flamme.

De sa voix le son enchanteur
Séduit par son pouvoir funeste;
Et si l'enfer est dans son cœur,
Sa parole est tout céleste.

Elle paraît près de fléchir,
Ses pleurs ont calmé sa colére;
Son âme feint de s'attendrir
Et sa douleur est moins amère.

Elle répète, en sanglotant:
—«Pour pardonner, je suis trop fière.»
Mais ses yeux, dans le même instant,
Semblent dire tout le contraire.

Don Ramire est à ses genoux;
D'une voix émue, il l'implore;
Il veut désarmer son courroux;
Il supplie . . . elle hésite encore.

Soudain, on entend retentir
Le bruit du cor, là dans la plaine;
La reine se sent tressaillir
Bien plus de plaisir que de peine.

«C'est Alboazar, c'est le roi!»
Dit-elle: «cachez-vous, Ramire:
S'il vous voit, c'en est fait de moi;
Fuyez, ou, sous vos yeux, j'expire.»

A peine elle a, d'un air troublé,
Fermé la porte et par prudence,
Dans son sein déposé la clé,
Que vers elle le roi s'avance.

—«Tristes nouvelles, je le vois,
Nouvelles de mauvais augure!
C'est du moins, la première fois
Que m'arrive cette aventure.

Avant d'entrer dans cette cour,
J'ai sonné du cor dans la plaine.
Et sur les créneaux de la tour
Je n'ais pas vu venir la reine.

C'est mal à vous, ma chère enfant,
D'avoir manqué d'exactitude.
Me faudra-t-il donc maintenant
Renoncer à cette habitude?•

Une horrible perplexité
A troublé l'esprit de la reine;
Son triste cœur flotte agité
Entre l'indulgence et la haine.

Le souvenir de ses beaux jours,
De l'ambition l'influence,
Ici, de nouvelles amours.
Là, le désir de la vengeance...

Bientôt la vengeance et l'amour
L'auront emporté dans son âme,
Ne devaient-ils pas, sans retour,
Triompher dans un cœur de femme?

«J'ai des nouvelles, en effet,
Et d'étranges à vous apprendre.
Entrez là, dans ce cabinet;
Vous verrez de quoi vous surprendre.»

Alboazar ouvre en tremblant,
Et recule, en voyant Ramire.
Ce qui se dit dans cet instant,
Point ne saurais vous le redire.

Ce fut comme un vent orageux,
Comme une tempête sur l'onde,
Comme si la terre et les cieux
Luttaient pour abimer le monde.

A' la raison enfin rendu,
Le roi prononce la sentence:
—«Chrétien, ton honneur est perdu;
Je veux te laisser l'existence.

J'ai pû me payer largement
Du mal dont m'as fait victime;
Ta honte suffit maintenant
Pour expier ton nouveau crime.»

Don Ramire sentait son cœur
Gonflé de dépit et de rage;
D'un air contrit, plein de candeur,
Il fait entendre ce langage:

—Bien grand, hélas! fut mon forfait!
Envers toi je fus trop coupable;
Je ne veux pas d'un tel bienfait;
La mort me semble préférable.

C'est pour me mettre à ta merci,
Pour me livrer à ta vengeance
Que je suis venu seul ici;
Non pour implorer ta clémence.

C'est pour racheter mon erreur,
Sauver mon âme de l'abîme:
C'est d'ordre d'un saint confesseur
A' qui j'ai confessé mon crime.

Il faut, m'a-t-il dit justement,
Et c'est mon vœu, je te le jure,
Que public soit le châtement,
Puisque public fut l'injure.

Ordonne ici de tes soldats
Que la troupe se réunisse,
Et que sous leurs yeux, mon trépas
Satisfasse enfin ta justice.

Vitel qu'ils entendent au loin
Le son du cor qui les appelle;
Que chacun, de ma mort témoin,
En garde un souvenir fidèle.

Qu'on dise, en me voyant mourir:
«Quelque bruit qu'ait fait, son offense,
«Un bruit plus fort va retentir,
«Et c'est celui de la vengeance!»

Le roi touché de son remords,
Lui veut conserver l'existence;
Mais la reine a juré sa mort;
Elle s'oppose à la clémence.

On voit les soldats accourir;
Le chateau prend un air de fête;
Ramire debout, sans pâlir,
Regarde la mort qui s'apprête.

—«Sonnez, trompettes et clairons,
Et qu'au loin ce bruit retentisse!»
Et l'ecco, répétant ces sons,
Annonçait l'heure du supplice:

On entendit près de la mer
Ce bruit, d'un sinistre présage;
Et soudain s'éleva dans l'air
Un long cri, parti du rivage.

IV

—«De par tous les saints, en avant
En avant, allons, du courage!»
Et bientôt la porte, en tombant,
Aux assaillants ouvre passage.

Sur les créneaux point de soldats,
Près des mures point de sentinelles;
Rien ne peut arrêter leurs pas,
Ils son maîtres des infidèles.

Sur eux s'élancent soudain,
Comme des lions, pleins de rage.
Ramire prend un glaive en main,
Et par ses cris, les encourage.

D'un seul coup, d'un coup sur et prompt,
Que rend terrible sa colère,
Du More il coupe eu deux le front,
Et le jette sur la poussière.

Déjà tous sont morts ou captifs;
Du feu terrible est le ravage;
Et les vainqueurs sur les esquifs
Ont abandonné le rivage.

—«Alerte! il faut quitter ces bords!
Allons, rameurs, plus de courage!
Alerte! et redoublez d'efforts;
J'entends des chevaux sur la plage.

Ce drapeau, qui flotte là-bas,
De Léon c'est bien la bannière,
Allons rameurs, force de bras;
Voguons, voguons vers notre terre!

Ce pays au More est soumis;
Jusqu'à Coimbre il règne en maître.
Loin du Douro voguons, amis;
Je dois craindre ici quelque traître.»

On voit Ramire s'avancer
Vers la poupe où se tient la reine,
A' sa droite il la fait placer,
Comme marque d'honneur certaine.

Sans même détourner les yeux
D'un air pensif elle se lève,
Son front est resté soucieux,
Elle semble sortir d'un rêve.

Ramire parut n'en rien voir:
C'était peut-être par prudence
A' ses côtés il va s'asseoir,
Et tous deux gardent le silence.

Du malheureux Alboazar
Le château brûle et fume encore.
Gaia jette un dernier regard
Et voit le feu qui le dévore.

A' ce spectacle douloureux
Son cœur est brisé de souffrance.
Des larmes coulent de ses yeux;
Elle pleure, mais en silence.

Ramire, d'un air attendri,
La contemple et ne peut se taire;
Il croyait, le pauvre mari,
Que son remords était sincère.

Que c'était le seul souvenir
De sa honteuse perfidie;
Qu'elle pleurait de repentir
D'avoir au roi livré sa vie.

D'une voix pleine de douceur,
Où se peint sa vive tendresse,
Il dit: — «Gaia, pourquoi ton cœur
Garde-t-il encor sa tristesse?

Calme, ma Gaia, ta douleur;
Notre vengeance est satisfaite.»
Mais elle, redoublant ses pleurs:
«Oh! oui la vengeance est parfaite.

De ce grand coup applaudis-toi;
Il mérite bien qu'on l'admire.
Il est vraiment digne d'un roi,
D'un cavalier tel que Ramire.

Tu viens de frapper un rival,
Qui t'avait offert l'existence:
N'est-ce pas un trait bien loyal,
Une noble et belle vengeance?

Ta main a frappé, sans regret,
Le More le mieux fait pour plaire,
Des cavaliers le plus parfait
Que jamais ait porté la terre.

Tu demandes, perfide roi,
D'où me vient ma vive souffrance?
Oh! que n'est il auprès de moi
Pour me soustraire à ta puissance!

Tu veux savoir où mes regards
Cherchent à s'arrêter encore?
Contemple d'ici ces remparts,
Vois la flamme qui les dévore.

Là tout entière à mon bonheur,
De l'amour j'ai connu l'épave;
C'est là que j'ai laissé mon cœur...
Comprends-tu bien ce que je *mire*?

—«Contente donc alors tes yeux;
Mire, Gaia, *mire*, infidèle.»
Et soudain d'un bras furieux,
Il lève son glaive sur elle.

Cédant à d'horribles transports,
D'un seul coup, il tranche sa tête,
Et du pied repousse le corps . .
Dans la mer le Douro le jette.

De cet événement cruel
Le souvenir se garde encore:
Gaia, c'est le nom du castel
Qui fut l'asile du roi more.

A' ce cri que jette bien haut
Le batier sur cette plage,
Mira Gaia! tout aussitôt
Se dresse une sanglante image.

Le peuple, dit-on, conserva
De ce fait la trace fidèle;
Et la place où Gaia *mira*
MIRA-GAIA depuis s'appelle.

Lisbonne, 10 janvier 1847.

VII

POR BEM

AS PEGAS DE CINTRA

Dou aqui logar a esta composição que, moderna, como é, e minha, toda é feita de coisas populares e antigas. A anedocta de-vêra ter sido celebrada pelos menestreis do tempo: não o foi, e eu procurei supprir o seu descuido. Não apparece pois em meu nome, senão no d'elles, embora de longe os rastreie.

Quando a primeira vez sahiu de minha carteira a presente ballada foi para se imprimir na *Illustração*,¹ jornal que se publicava em Lisboa em 1845-46. Reimprimirei com ella aqui tambem a carta que então escrevi ao redactor d'aquelle jornal, porque déveras contém a historia de sua composição.

Eis aqui a carta:

«Quería escrever-lhe um artigo, meu caro redactor, para a sua *Illustração*, que realmente faz milagres no meio d'esta escacez de tudo, e d'estes impedimentos para tudo que caracterizam a nossa boa terra. É promessa velha e que eu devia ter cumprido

¹ *Illustração*, vol. II, n.º 5, 1 de Agosto 1846.

ha muito. Mas como, mas quando? E que ha de um homem escrever que se leia — que se leia por damas bellas e elegantes cavalheiros — quando lhe anda entallado nos bicos da penna o fatal fio da politica, que a fez espirrar e esgravatear em tudo o mais?

«Com as leis das eleições, e as questões da fazenda, e as organizações ministeriaes, e não sei que mais coisas taes, foi-se me de todo a derradeira reminiscencia litteraria que ainda por cá havia. Tenho saudade d'ella, mas foi-se, «morreu pela patria!»

«Não sei se morreu bem ou mal, se fez bem ou mal em morrer; mas é certo que morreu.

«Eu porém nunca prometti, que faltasse, a homem nenhum — nem a mulher, que mais é! O ponto está que me acceitem em pagamento aquillo que eu posso dar. Que, ás vezes, o máo pagador não é máo senão pelas absurdas e excessivas exigencias do crédor. Axioma de eterna verdade, especialmente quando applicado a tudo o que passa entre os representantes de nosso pae Adão e as representantas de nossa mãe Eva...

«Passemos adeante. Quer, senhor redactor, acceitar-me, em pagamento da letra de minha promessa, este papel que achei embrulhado entre mil rabiscos de projectos de lei, tenções de autos, notas ao orçamento e outras coisas galantes do mesmo genero?

«Se quer aqui o tem, e disponha d'elle.

«Deixe-me só dizer-lhe o que é, e como foi feito.

«Estava eu em Cintra, foi em... Que importa lá quando foi? Basta saber que não era n'essa estação *fashionavel* em que a elegancia de Lisboa se vae enfastiar classicamente para o mais romantico sitio da terra. Era na primavera; passeavamos dois sós, ou quasi sós, n'aquelle Eden delicioso. Fomos vêr o palacio; chegámos á sala das pêgas. Pêgas são chocalheiras e linguarudas: eu detesto o bicho... e n'este tempo, estava-lhe com zanga de morte...

«Abominavel bicho! Isto já lá vae ha muito tempo, meu caro redactor, e ainda me faz ferver o sangue...

«Passemos adeante!

«Perguntaram-me a explicação d'aquellas pêgas da sala. Conteí a historia popular que é tam sabida. Acharam-lhe graça, pediram-me que a pozesse em verso: fiz isto.

«É isto que é? Não sei. E' romance ou é apologo? E' fabula ou é cantiga? Nunca fui grande classificador d'essas coisas; que fará agora!

«O que lhe sei dizer é que no seculo xvi a xvii, segundo consta do *Fidalgo aprendiç* do nosso Francisco Manuel de Mello, se cantava em Portugal uma cantiga que começava assim como esta:

Gavião, gavião branco,
Vae ferido e vae voando.

«Nunca pude encontrar o resto, nem procurei muito por elle; mas engracei com este principio, e servi-me d'elle aqui. Acha mal feito? Eu não.

«Se soubesse, meu caro senhor, todas as circumstancias d'esta composição! Se soubesse de certa pêga ou pêgas que me perseguiram com seu maldito palrear, e me queriam, ainda em cima, assacar, a mim gavião, ellas pêgas, as manhas que só ellas têm!

«Mas ficou lograda a pêga e...

«Adeus, meu amigo, outra vez, adeante! O gavião, e sobretudo o gavião branco — note — é animal nobre, de especie, genero e até de familia differente da pêga.

«Passe muito bem. Aqui estão os versos; eu vou salvar a patria.»

Julho, 22 — 1846.

POR BEM

AS PEGAS DE CINTRA

GAVIÃO, gavião branco
Vae ferido e vae voando;
Mas não diz quem n'ò feriu,
Gavião, gavião branco!

O gavião é calado,
Vae ferido e vae voando;
Assim fôra a negra pêga
Que hade sempre andar palrando

A pêga é negra e palreira,
O que sabe vae contando...
Muito palra, palra a pêga
Que sempre hade estar palrando.

Mas quer Deus que os chocalheiros
Guardem ás vezes, falando,
O segredo dos sisudos
Que elles não guardam calando.

Era uma pêga no paço
Que el-rei tomára caçando;
Trazem n'a as damas mimosa
Com a estar sempre affagando.

Nos paços era de Cintra
Onde estava el-rei poisando:
A rainha e as suas damas
No jardim andam folgando,

Entre assucenas e rosas,
Entre os goivos trebelhando;
Umás regavam as flores,
Outras as vão apanhando;

E a minha pêga com ellas
 Sempre, sempre palreando.
 Vinha el-rel atraz de todos
 Com Dona Mécia falando.

Era a mais formosa dama
 Que andava n'aquelle bando;
 No hombro de Dona Mecia,
 A pêga vinha poisando.

E zelosa parecia
 Que os andava espreitando...
 Colhêra el-rei uma rosa,
 A Dona Mécia a ia dando,

Com um requebro nos olhos
 Tam namorado e tam brando...
 Inda bem, minha rainha,
 Que adiante te vaes andando!

Pegou na rosa a donzella,
 Disfarçada a está cheirando...
 Senão quando a negra pêga
 Que lh'a tira e vae voando.

Deu um grito Dona Mécia...
 E a rainha, voltando,
 Deu com os olhos em ambos...
 Ambos se estão delatando.

—Foi por bem! — lhe disse o rei,
 Seu accordo recobrando:
 «Foi por bem!»—«Por bem» repete
 A pêga em tôrno voando.

«Por bem, por bem!» grasna a tonta,
 De má malicia cuidando
 Co'a chocalheira da lingua
 Andar o caso enredando.

Mas quer Deus que os chocalheiros
 Guardem ás vezes falando
 O segredo dos sisudos
 Que elles não guardam ca lando.

Riu-se a rainha da pêga,
E ficou acreditando
Que a innocencia do caso
N'ella se estava provando.

Da pêga mexeriqueira,
Do bem que fez, mal pensando,
Nos reaes paços de Cintra
A memoria está durando.

E eis aqui, senhora, a historia
Da pêga que ahí vês parlando,
Da rosa que tem no bico,
Da lettra que a está cercando.

A pêga é negra e palreira,
O que sabe vae contando:
Mas quer Deus que os chocalheiros
Guardem segredo falando.

O gavião, esse é outro;
Vae ferido e vae voando:
Mas não diz quem n'ó feriu...
Gavião, gavião branco!

NOTAS

AO BERNAL FRANCEZ

Nota A

«Quem bate á minha porta,
Quem bate, oh! quem 'stá ahí?»..... pag. 86

Por estes versos começa o romance original, tradicionalmente conservado na memoria do povo, e sómente impresso a primeira vez em Londres na primeira edição da *Adoçinda*, em 1828. Já n'outra parte se deram as razões por que irá agora este texto no logar competente do *Romanceiro*, no segundo livro e segundo volume d'elle. (*Nota da segunda edição.*)

Nota B

For knowest thou not, where so'ttest ewell..... pag. 93

A versão ingleza, quasi sempre litteral, afasta-se aqui do texto sensivelmente, mas sem alterar as proprias idéas, sómente a fórma d'ellas. (*Nota da segunda edição.*)

A' NOITE DE SAN' JOÃO

Nota A

Té os moiros da Moirama
Festejam a San'João pag. 101

E' uma cantiga popular do Minho ainda hoje cantada por toda essa noite de San'João, que n'aquellas terras ninguem dorme, como é sabido. A superstição da alcaxofa é toda do Sul, toda lisboeta, talvez coirmã d'aquellas do dia de Maio, que o catholico senado municipal votou e prometteu a Nossa Senhora da Escada de acabar para sempre. Mas San'João fez-se um santo de exemplar tolerancia desde que lhe tiraram a cabeça por elle não poder vêr, sem ralhar, as desenvoltas pernas da bailadeira Herodias.

Não quero folgar com o que é serio: mas é notavel que a devoção quasi universal dos christãos tomasse para patrono e orago de seus mais livres folgares e festanças, e lhe consagrasse a mais risonha e lasciva estação do anno, ao austero precursor do Christo, o jejuador penitente do deserto, o severo censor da soltura cortezan, o protomartyr da moralidade evangelica.

Seria que a timida singelleza de nossos passados fosse de proposito buscar aquelle austero e invisivel inspector de seus ainda então innocentes brinquedos? (*Nota da segunda edição.*)

Como natural apendice e illustração aos dois precedentes livros, transcreverei aqui a traducção ingleza de alguns romances do primeiro, que o meu amigo Sir John Adamson publicou no segundo volume da sua *Lusitania Illustrata*.¹

¹ *Lusitania illustrata*, Part the second Newcastle-upon-Tyne 1846.

E aproveito esta occasião para agradecer publicamente ao illustre biographo de Camões a distincta honra que me fez associando o meu humilde nome ao do mais célebre homem d'estado de Portugal, o lamentado Duque de Palmella, quando nos dedicou os dois primeiros volumes d'aquella sua estimada collecção.

A versão ingleza tem o raro merecimento de ser em extremo fiel e quasi litteral, sacrificando muitas vezes a propria elegancia da linguagem á exacção do pensamento e até da propria phrase.

THE NIGHT OF ST. JOHN

Night reigns o'er Earth and Air—

O St. John, my St. John,
Ere fated hour speed on,
Hear thou my prayer!

Hear me thou, blessed Saint!
Christian Saint, hear my prayer,
Tho' my faith Moslem were,
Thine without taint.

Far from Mohammed gone,
Alkoran nought to me,
I bow my heart to thee,
Saint of Dom John!

As I consume this plant
In the fire made to thee,
Love glows anew in me—
Hear my heart pant!

As burns this plant on floor
In the fire lit for thee,
So let the black beard be
Of threatening Moor!

As burns the kindling light
This thy devoted flow'r,
So may Love's genial pow'r
Kindle my knight!

From height of heav'n amain
Scatter the garlands gay
That in this Love spell may
Spring forth again.—

Marvellous falling dews
That cure Love's burning grief,
My Saint! their cool relief
Do not refuse!

Saint! whom soft pitie's move,
O St. John, my St. John,
«Ere glide this blest night on
Bring me my love!»

No more the fire you see—
Hush'd is the gushing pray'r
Yet still the maiden there
Bends on the knee.

Upraised her anxious eye
While throbs the glowing breast
Where Faith and Meekness rest
With Purity.

Kindly the Saint look'd on
And by his fav'ring aid
Bloms now that happy maid
Bride of Dom John!

AO CHAPIM D'EL-REI

Nota A

Nós temos, se me não ingano, no genero narrativo popular as tres especies, romance, xacara soláo..... pag. 113

Esta classificação é em parte conjectural, ou para falar com mais propriedade, sim esta é a regra, mas com tantas excepções que chegam a fazer duvidar d'ella. Os que escreviam e compunham n'aquelles tempos primitivos curavam pouco de cingir-se a regras ou classificações. D'ahi veiu uma certa anarchia, constituida e fundada no exemplo, ou na falta d'elle, que se prolongou por muitos seculos depois.

A respeito de soláos, por exemplo, temos para abonar a definição que d'elles se dá no logar annotado, a auctoridade immensa de Bernardim Ribeiro na *Menina e Mõça*: ahi cap. 21:

Pondo-se a ama a pençar a menina sua criada como sohia, como pessoa agastada de algua noua dor, se quiz tornar ás cantigas, e começou ella entam contra a menina que estaua pençando, a cantar-lhe um cantar á maneira de soláo, que era o que nas coisas tristes se acostumava n'estas partes: e dizia assi: etc.

Mas por outra parte, temos o não menos grave pêso de Sá-de-Miranda na Egloga 4:

Quê se os velhos soláos fallam verdade,
Bem sabe ella por prôva como Amor
Magôa, e averá de mi piedade.

Da primeira citação parece concluir-se que o soláo é, como deixa dito, um cantar todo lyrico, de tristeza e lamentos: na segunda considera-se como narrativo e usurpando propriamente a provincia do romance. (*Nota da segunda edição.*)

Vej. o que a este respeito se escreve no liv. II do ROMANCEIRO. (*Nota da terceira edição.*)

Nota B

Antes ser pobre e villan,
 Antes, pela minha fei..... pag. 115

Nas provincias transtaganas e em muitas das ilhas adjacentes pronunciam-se as palavras, *fé, pé* e semelhantes—*fei, pei*, etc. Talvez seja devido á antiga orthographia que nas vogaes longas, *a, e*, dobrava as letras em vez de as carregar com acento grave ou agudo. O povo, que sempre foge dos hiatos, preferiu mudar a última letra, fazendo o som mais suave. (*Nota da segunda edição.*)

Nota O

Sem bulir nem mão nem pei..... pag. 117

Vej. a nota antecedente. (*Idem.*)

A' ROSALINDA

Nota A

Era por manhan de maio
Quando as aves a piar..... pag. 127

O mez de maio foi sempre o válido dos poetas populares de todas as nações: um sem numero de cantigas dos trovadores provençaes, dos menestreis normandos e saxonios, dos *minnesingers* allemães começam com estas alegrias do mez de maio. Citarei dos *minnesingers* de que encontro apontamentos, por serem os menos conhecidos entre nós. Uma bella canção do tyrolez Steinmar começa:

Ich will gruen mit der sat
Dù so wunneklichen stat;
Ich wil mit dien biuomen bluen,
Und mit den vohelin singen:
Ich wil louben so der walt,
Sam dù heide sin gestalt: etc.

Outra do margrave Othon de Brandeburgo:

Uns kumt aber ein liebter mei-
Der machet manig herze fruat, etc.

Estoutra do duque de Breslau é uma especie de drama lyrico entre o poeta, Maio, as flores, o bosque e o prado:

Ich clage dir, meie, ich elage dir, sumer wunnel ect.

Herzog Heinrich von Pressela, iv do nome, reinou de 1266 a 1299, e foi o objecto dos elogios de todos os poetas do seu tempo. A cantiga citada é uma das mais bellas e extraordinarias composições d'aquelles seculos. (*Nota da segunda edição.*)

ROSALINDA

It was the early morn of May Day,
When the song birds wake the grove,
And teeming trees and opening flowers,
Own the glow of kindling love;

It was the early morn of May Day
On the fresh bank of the wave
Sat the Infanta Rosalinda
Bent her flowing locks to lave.

Flowers they bring her red and rosy,
Flowers they bring her virgin white—
But on a blossom soft as she is
Questing eye may never light.

Softer far is Rosalinda
Than the rose that decks the thorn—
Purer than the purest lily
That opes to weep at dewy morn.

The Count High-Admiral passed by her
In his galley of the sea—
On each side so many rowers
Told aright they may not be.

Of the captive bands who row'd it—
All from Afric's bosom torn—
Some were proud and mighty nobles
Some of kingly blood were born.

Betwixt Ceuta and Gibraltar
If one Moor in safety be,
Ill at ease the Lord Count saileth
In his galley of the sea.

O! how gentle glides the galley
Answering well the guiding oar—
More gentle still he who commands it,
Skill'd to leave or gain the shore.

—«Count Lord Admiral tell me truly
From your galley of the sea,
If the captives that you conquer
All to row compelled be?

—«Fair Infanta! tell me truly
Without equal, Rose so fair!
The many slaves that gladly tend thee
Tire they all thy flowing hair?»

—«Art thou courteous, Count! so lordly
Asking thus—not answering me?»

—«Answer thou, and I will answer,
To me thou must not silent be.

Of the slaves who round me muster,
Each the allotted task doth know;
Some aloft the sails to manage,
Some upon the bench to row.

The lady captives soft and gentle
Twine on deck the mazy dance—
Deftly wearing flowery carpets,
Couch for Lord in dremy trance.»

—«Thou'st answer'd, and I answer thee—
For good the law that bids re-pay.
I have slaves for every purpose—
Slaves who all my will obey.

Some to fit my varied vestments
Some to tire my flowing hair—
For one I keep another office,
But him my toils must yet ensnare!»

—«He's ta'en-be's thine! So fully captur'd
That ne'er would he be ransom'd more!
Pull to the land—the land, ye vassals,
And drive the galley high ashore!»

Then sweet with fairest Rosalinda
And nobles Count the moments sped—
While orange groves her form o'er shahadow'd
And flowrets garlanded her head.

But crabbed fate, that will not suffer
Any good without allay,
Led the steps of the king's huntsman,
As he roam'd to walk that way.

—«What thine eyes have seen, O huntsman!
Huntsman! prithee do not tell.
Purses fill'd with gold I give thee,
As much as thou can carry well.»

All the royal huntsman witness'd
Did he to the King make known,
On study bent in private closet
Thoughtful sitting and alone.

—Whisper low the news you bring me,
And we give thee guerdon rare;
Raise on high thy voice to sound it,
And we hang thee high in air.

To arms—to arms, my faithful Archers,
Without the rousing war pipes sound,
My Cavaliers, and trusty foot-men,
Haste the grove to circle round!•

It is not yet the glow of mid-day,
Loud and long the bell doth boom!
It is not yet gloom of midnight,
Walk they both to meet their doom!

To the sound of Ave-Marias,
Both are tomb'd in solemn state;
She before the altar holy,
He beneath the western gate.

Soon the grave of Rosalinda,
Did a Royal tree disclose,
Soon the grave of Count so noble
Show'd a bed of softest rose.

When the Monarch heard the marvels.
Quick he bade them both destroy,
Giving to the ruthless flame each
Record of departed joy.

The trees they cut, and roses scatter,
Still the emblems thrive again;
E'en as the air which them embracing
Feeleth neither wound nor pain.

The King when he was told the story
Ceased he to speak for aye,
And when the Queen the wonder heard
Moan'd she thus her dying lay:

—“Call me not Queen!—a Queen no longer,
She who such dread deed hath done!
Two spotless souls I've rent asunder,
Whom heav'n would fain have joined in one!”

GREEN VINE LEAVES; OR, THE KING'S SLIPPER

Fresh green vine leaves hath the vineyard,
There found I grapes both fine and sweet;
So ripe are they—so highly colour'd—
They are saying «come and eat.»

—«I wish to know who 'tis that guards them:
Hast, Mordomo! hast and know»
Says the King to his Mordomo,
But why did the king say so?

Because the king saw in that mountain,
How saw he her I do not know—
That incomparable Dona...
My reading does not tell me kow.

Who to her sorrow is a Countess,
Countess she of Valderey:
Rather would she, by my halidom,
Rather—a poor peasant be.

Fresh green vine leaves hath the vineyard,
Grapes which the king will go to greet:
So ripe are they, so highly colour'd,
They are saying «come and eat.»

Comes the Mordomo from the mountain:
—«Best of news to you I bring;
Though the vineyard is well guarded,
Yet have I enter'd, Senhor King!

«The owner is in other countries,
When come he back, I cannot say;
The gate is old—the yielding portress
To key of gold gave ready way:

To a wonder that key serv'd me;
All was soon adjusted so,
That this eve at hour of midnight.
With you I'll to the vintage go.»

—«Your'e worth a kingdom»—my Mordomo!
Grand reward I'll make to thee
This eve then, at the hour of midnight
Rich grapes shall be eat by me »

Fresh green vine leaves hath the vineyard,
More grapes than I before did meet:
So beautiful and so ripe are they,
They are saying «come and eat.»

In the dead of the midnight hour
Went the Mordomo—went the king—
Of doblas to the portress giv'n,
Tis not for me the account to sing.

—«Mordomo! stay you at the portal,
The portal where I enter in,
Let not guard—dogs with me grapple,
Whil'st the grapes I'm gathering.»

The portress now to meet his wish,
Exchange for what he gave doth bring:
At the chamber of the Countess
Behold there entereth the king.

She bore a lamp both rich and massy,
It was of silver, I could see.
Nought but of silver or of gold
Is in the house of Valderey.

The fresh green leaves are in the vineyard,
The grapes in it are ripe and sweet:
So beautiful—so warmly colour'd—
Ah me, of them when shal I eat?

All in the chamber of the Countess
Gold was with silver suited well,
It was the Heav'n of that Angel,
No more hath my poor tongue to tell.

Rich silks were there of Millan,
 The towels were of Courtenay;
 The King he trembled—if from terror
 Or from good faith, I cannot say.

Green silk curtains hung before him,
 Still he ne'er essay'd to raise;
 The vision brigh I may not sing,
 That daunted thus his baffled gaze.

It was a thing so passing lovely...
 What more to say I do not ween.
 Dainties other such as this,
 You may not see, nor have I seen.

Fresh green vine leaves hath the vineyard,
 Saw I there grapes ripe and sweet:
 So beautiful and so ripe are they—
 They are saying «come and eat.»

Slept she there so undisturb'd
 As I in heav'n above shall sleep—
 Jesus! when I find thee there,
 If innocent thy law I keep.

On his knees then all the night
 Good did the King ill thought withstand;
 Gazing, wond'ring thus to see her,
 Without moving foot or hand.

And thus he said—«Oh God, my sire!
 Pardon what I ask'd before:
 This angel here so pure and bright
 It is not I will injure her »

The vineyard hath fresh green leaves in it,
 Grapes found I in it ripe and sweet;
 But I fear to tamper whit them...
 Ah! of them I will not eat.

Now came on the shining morrow,
 Then it was, as goes the tale,
 The Mordomo a whistle heard:
 —«Jesus Lord, now me avail!»

This was the appointed signal
The mode the Count was us'd to take—
The king did not the curtains draw
Saying: «I will not vintage make.»

Beautiful green leaves hath the vineyard,
In it I found grapes lovely sweet;
But my conscience inward grieves me,
Grapes like these I will not eat.

Mordomo ran with rapid vigour
In order that the king may flee.
—«Alas a slipper I have lost.»
—«Take one of mine I give to thee.»

They fled, but in another instant
Since the whistle they did hear,
Descends the Count from off the mountain.
—«If he shall catch us, woe and fear!»

One fear barass'd the Mordomo,
Other fear assail'd the King:
Which of them had reason greater,
Soon unto you will I sing.

Green leaves saw in the vineyard,
Grapes quite ripe and richly sweet;
But, by his tender conscience guarded,
Quoth the King:—«I will not eat.»

Seeketh now the Count his tower,
The valiant Count of Valderey;
He lit upon the broider'd slipper...
How it chanc'd I cannot say.

To the chamber of the Countess
Goes he. . . Will he strike the blow?
Serenely sleeping doth he see her:
—«Jesus! I know not what to do.»

In disorder is the household...
—«God have me in his holy keep!
Either witch must be this woman,
Or this same slipper mock'd my sleep.»

«The slipper which I have before me,
 The slipper it bespeaks no good:
 Who could think that she could slumber
 In so pure and gentle mood.»

Wild the doubts that rise within him:
 —«Help me Heaven! with guiding light,
 Baffling madness louring round
 Forbids me see my path aright.

Oh! my vineyard so well guarded!
 The precious grapes which there I left...
 Where is the fruit on which I counted?
 Tell me of which I am bereft?»

Straight the Count himself imprison'd
 In highest tower of Valderey:
 —«Ne'er shall bread assuage my hunger,
 Ne'er shall wine my thirst allay.

Beard and hair grown rough and ragged,
 Care from me shall ne'er receive;
 Till the truth be plain before me,
 Ne'er will I this refuge leave.

Oh! ye green leaves of the vineyard
 Grapes that I no more may taste!
 Quickly may ye pine and wither,
 Quickly pine like me and waste.»



Thrice the sun hath sunk and ris'n,
 Still groaning thus he lonely sate,
 While faithful Countess grieving utter'd:
 «How shall I soothe his mournful state?»

Whither may she flee for succour?
 Who shall aid and solace bring?
 Innocence may challenge pity...
 Where shall she went? Unto the King!

—«I hat I some remedy may find thee,
 Faithful Countess, quickly go:
 The secret of his sad affliction
 Be't mine or here or there to know.

Ou leal word of Cavalleiro
Troth and faith I plight to thee,
Pure you shall be found and spotless,
Or I myself shall recreant be.»

Oh! the green leaves of the Vine tree!
Grapes I sought with eager haste!
To the soul their beauty touch' me,
Bloom so pure I dar'd not taste.

Quickly thence the Countess hurried:
The king, he did not tarry more.
What they say I wish to hear,
So will I listen at the door.

Hist!—A voice of heavenly sweetness
Steals upon his ravished ears—
While this sad plaint the mourner sang
Mocking music of the spheres.

—«Once I was a Vine well guarded,
Taught by tending Love to grow:
Now I lack that fost'ring nurture...
Why—I scarce dare ask to know.»

Then shone out the Royal goodness...
Tears of pity dimm'd his eye:
—«Quick of the other side inform me,
That the truth I may descry.»

—«My fresh vineyard so well guarded,
When I enter'd it again,
Trace of plundering thief I noted...
What he stole I ask in vain»

Ceased the Count o'erwhelm'd with sorrow,
But then laughing said the King:
(Whether at self or at the mourner
Aim'd that laugh, I cannot sing.)

—«Twas I who did the vineyard enter,
Of plundering thief I left the trace;
Grapes I saw—but Heav'n so save me—
Not a grape did I displace.»

A fracture was there in the portal
The slipper from his foot he tore:
—•Need'st thou proof? behold it here •
Its fellow from within he bore.

Of the joy that followed after
Little need I more impart,
Glad the Count the truth admitted,
And the King play'd the kingly part.

Fresh green leaves hath the vineyard,
Richest grapes were those I saw;
It was fear that kept them safely,
Fear of God and of his law.

INDICE

	Pag.
ADOZINDA — Advertencia dos Editores na terceira edição	1
Do A. na segunda edição	2
Ao sr. Duarte Lessa	15
A Elysa	31
Cantiga primeira	37
Cantiga segunda	43
Cantiga terceira	52
Cantiga quarta	62
Notas	71
ROMANCES RECONSTRUIDOS (balladas):	
I Bernal-francez	81
II Noite de San'João	99
III O Anjo e a Princeza	103
IV O chapim d'el-rei	113
V Rosalinda	123
VI Miragaia	139
VII For bem—As Pêgas de Cintra	179
NOTAS — Ao Bernal-francez	187
» — A' noite de San'João	188
» -- Ao chapim d'el-rei	191
» — A' Rosalinda	193



226105

Almeida Garrett, João Baptista da Silva Leitao
Adozinda.

LPor
A4484a

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
Under Pat. "Ref. Index File"
Made by LIBRARY BUREAU

